UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

CAMPUS DE MARABÁ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

COLEGIADO DE PEDAGOGIA

ELISNALVA SILVA DE FREITAS

A VISÃO DAS MÃES DE ALUNOS SURDOS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Marabá

2008

PEDAGOGIA
ETIQUETA Nº 140

SSET

ELISNALVA SILVA DE FREITAS

A VISÃO DAS MÃES DE ALUNOS SURDOS SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, como requisito parcial de obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Hildete Pereira dos Anjos.

Marabá

2008

UNIFESSPA
BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES

Dedicatória

Dedico este trabalho, única e exclusivamente à pessoa que sempre me deu força nos momentos difíceis de minha formação e jamais, em momento algum, deixou que eu sequer pensasse em desistir: minha mãe.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me permitiu chegar até aqui; a meus pais, que souberam me educar e ensinar a dar valor à minha formação; à minha orientadora, que foi uma das pessoas que mais contribuiu para um aprendizado significativo,que vou levar pela vida inteira; e à minha filha, que, mesmo inconscientemente, incentivou-me a não desistir.

RESUMO

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa realizado em uma escola pública de Marabá-PA, no período entre novembro de 2007 e novembro de 2008. Trata-se de uma análise da forma como as mães de alunos surdos vêem a inclusão escolar de seus filhos. A pesquisa é um estudo qualitativo, e tem como base metodológica a análise de conteúdo, utilizando como técnica entrevistas semi- estruturadas. Os sujeitos foram seis mães de alunos surdos. Os principais autores utilizados como referência foram Diniz (2007), Silva (2006) e Mendes (2008). Os resultados mostraram uma superproteção da maioria das mães pelo fato de seus filhos serem surdos, o que interfere no desenvolvimento da autonomia. O preconceito, tanto da sociedade como da família também foi um fator ressaltado pelas mães, o que pode gerar sérios problemas para o surdo. As próprias mães consideram seus filhos anormais, entendendo a lesão como um defeito insuperável. As mães, embora destaquem os efeitos positivos da inclusão sobre a socialização de seus filhos, têm a inclusão, principalmente, como uma oportunidade para seu filho aprender a ler e escrever.

Palavras- chaves: inclusão escolar; deficiência; família; surdez

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO 8

2. A DEFICIÊNCIA E A INCLUSÃO 11

3. AS CONCEPÇÕES DAS MÃES ESTUDADAS ATRAVÉS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO 25

3.1. -CONCEPÇÃO DE DEFICIÊNCIA 28

3.1.1. A deficiência vista como limitação 28

3.1.2. Deficiência como algo estranho, alheia a sociedade. 30

3.2. PERCEPÇÃO DO PRECONCEITO 32

3.2.1. O preconceito através da rotulação 32

3.2.2. Quando o preconceito aparece dentro da própria família 34

3.3. EFEITOS DA INCLUSÃO 38

3.3.1. A inclusão como contribuição para socialização 38

3.3.2. A inclusão como perspectiva para um futuro melhor 40

3.4. CONCEPÇÃO DE INCLUSÃO 43

3.4.1 Inclusão como forma de despertar a atenção das pessoas para as diferenças. 45

3.4.2. Inclusão como busca de igualdade 47

4. ANALISANDO AS CATEGORIAS E SUAS RELAÇÕES (A TÍTULO DE CONCLUSÃO) 50

ANEXOS 55

1.INTRODUÇÃO

O processo de inclusão educacional das pessoas com deficiência[1] surge na sociedade atual, com o discurso de igualdade de oportunidades, expresso no *slogan* "Educação para todos" que podemos encontrar em propagandas governamentais direcionadas a educação. Mas, segundo Sassaki (1997), para que haja uma inclusão propriamente dita de alunos com deficiência nas escolas, é preciso uma conscientização sobre o que é inclusão.

Nesse sentido, é necessária uma preparação, do corpo escolar tanto física quanto psicológica, para enfrentar os preconceitos com relação as pessoas com deficiência, no momento que elas ingressam em uma instituição regular de ensino. Pois a inclusão[2] vai muito além de ter uma vaga garantida na escola, ela passa por pré-concepções da sociedade acerca da pessoa com deficiência, os quais por conseqüência estão também no seio da família, o que nos leva a pensar que preparar um ambiente, (seja ele educacional ou não) para o recebimento de uma pessoa com deficiência, não garante uma situação inclusiva.

A família é um dos pontos de referência para a inclusão. Assim como a educação começa em casa, a inclusão, sendo parte dessa educação, também deveria começar em casa, visto que consiste também na convivência e respeito às diferenças. Vista dessa forma, a inclusão não pode ser encargo somente da escola, o papel dos pais no processo é importantíssimo.

Tendo como princípio esse papel dos pais na inclusão, esta pesquisa é uma análise da visão de mães que tem ou que tiveram filhos surdos inclusos na escola regular.

---

[1] Neste trabalho, será usada a expressão *pessoa com deficiência*, levando em consideração que todos somos pessoas com deficiência . Seguindo o modelo social do conceito de deficiência, assume-se a "condição de pessoa inteira e sua deficiência construída socialmente, mas a ela remetida" e "quando se tratar de uma deficiência específica, utilizar-se-á pessoa surda, pessoa cega, etc".(ANJOS *et al*, 2008).

[2] Apesar desta pesquisa tratar de *inclusão escolar*, será utilizado ao longo do texto apenas o termo *inclusão*, por ter se tornado de uso comum.

Para investigar a concepção que as mães apresentam sobre inclusão, descobrir se elas têm algum conhecimento teórico sobre o assunto _se conhecem as necessidades que os filhos têm educacionalmente, ou se estão apenas preocupadas em seu filho não ficar fora da escola_ é de grande importância analisar alguns aspectos.

O primeiro aspecto enfoca o entendimento das mães sobre deficiência, pois esse entendimento vai influenciar bastante no tratamento que elas darão aos filhos. O segundo enfoca o posicionamento das mães diante do preconceito com relação aos filhos surdos. Através do estudo da percepção das mães sobre esse fato, pôde ser possível analisar o preconceito dentro da família, e como esse preconceito percebido por elas influenciou no processo de inclusão. E, por fim, um terceiro e importante fator analisado são os efeitos que inclusão escolar, na visão das mães, trouxe para os alunos surdos.

Esta pesquisa foi realizada no período entre novembro de 2007 e novembro de 2008, com mães de alunos surdos da rede pública em Marabá. É uma pesquisa qualitativa, onde foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas na íntegra. Antes das entrevistas, foram mantidos contatos prévios com as mães, no intuito de deixá-las o mais à vontade possível. A metodologia utilizada para análise de dados foi a análise de conteúdo.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: uma parte teórica, que faz um levantamento histórico da concepção de deficiência e do processo de inclusão ao longo dos anos, e uma parte analítico-interpretativa. O segundo capitulo, que trata da análise e interpretação dos dados, está dividido em quatro grandes categorias: concepção de deficiência; percepção do preconceito; efeitos da inclusão; e concepção de inclusão.

As categorias buscam explorar os aspectos considerados importantes, para analisar as concepções das seis mães entrevistadas, a respeito da inclusão escolar dos filhos surdos. Nesse sentido, as concepções apresentadas permitirão observar como elas vêem o filho surdo na escola. A percepção dessas mães acerca do preconceito nos permitiu uma análise de até que ponto o preconceito, tanto interno quanto externo à família influenciou na sua visão, a vida escolar dos filhos. A

respeito dos efeitos da inclusão, pôde ser analisado em que aspectos a inclusão favoreceu na construção da autonomia dos alunos. O terceiro e último capítulo traz uma conclusão que analisa as inter-relações entre as concepções.

2. A DEFICIÊNCIA E A INCLUSÃO

Como este trabalho trata de inclusão de pessoas com deficiência, é importante que seja resgatado o conceito de deficiência. Para muitos, quando se fala em deficiência, vem logo à idéia de imperfeição física, de incapacidade intelectual; afinal, essa concepção de deficiência foi imposta culturalmente, tanto é que, no dicionário, deficiência está definida como falha, insuficiência, falta e "deficiente", como falho, incompleto (RIOS, 2005).

Ao falarmos em conceito de deficiência é de grande importância a contribuição da Upias[3], criada por volta de 1976, primeira organização política formada por pessoas deficientes (DINIZ, 2007). Organização cujos membros eram estudiosos com algum tipo de deficiência. Essa organização veio questionar o conceito já existente sobre deficiência (conceito médico) para mostrar seu lado social.

> Para o modelo médico, deficiência é conseqüência natural da lesão em um corpo, e a pessoa deficiente deve ser objeto de cuidados biomédicos... portanto a Upias constitui-se como uma rede política cujo o principal objetivo era questionar essa compreensão tradicional da deficiência: diferentemente das abordagens biomédicas, deficiência não deveria ser entendida como um problema individual, uma "tragédia pessoal", como ironizava Oliver, mas sim uma questão eminentemente social. (DINIZ, 2007 p. 15)

Para a Upias, a opressão sofrida por outros grupos sociais como o negro, a mulher não era diferente da sofrida pelos deficientes; a partir desse pensamento, que podemos considerar já pautado na perspectiva de inclusão social, foi redefinido então pela Upias o conceito de lesão e deficiência, da seguinte maneira:

> Lesão: ausência parcial ou total de um membro, ou membro, organismo ou mecanismo corporal defeituoso; deficiência : desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera aqueles que

[3] A Upias (Liga dos Lesados Físicos contra a Segregação) foi uma organização formada a partir de uma carta escrita por Paul Hunte, um sociólogo deficiente físico, onde propunha a formação de um grupo de pessoas que lavasse ao parlamento as idéias de pessoas que vivem nessa condição (DINIZ, 2007).

> possuem lesões físicas e os excluí das principais atividades da vida social.
>
> [...]
>
> Deficiência: desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera as pessoas que possuem lesões e as exclui das principais atividades da vida social (DINIZ, 2007 p.17;37).

Para efeito de comparação, cabe aqui ressaltar o conceito de deficiência baseado no decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

> Art 3º
>
> I- deficiência- toda perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano.
>
> II- deficiência permanente- aquela que ocorreu ou se estabilizou durante um período de tempo suficiente para não permitir recuperação ou ter probabilidade de que se altere, apesar de novos tratamentos;
>
> II- Incapacidade- uma redução efetiva e acentuada da capacidade de integração social, com necessidade de equipamentos, adaptações, meios ou recursos especiais para que a pessoa portadora de deficiência possa receber ou transmitir informações necessárias ao seu bem- estar pessoal e ao desempenho de função ou atividade a ser exercida (BRASIL, 1999).

Nessa definição de deficiência, podemos perceber que há uma predominância do modelo médico, ou seja, é como se a sociedade e sua cultura excludente em nada contribuíssem para que o individuo se encontrasse na condição de deficiente, incapaz, bastando fazer referências a modificações físicas.

Hoje, a partir de novos decretos e conferências, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007), a qual tem como objetivo "promover e assegurar o exercício pleno e eqüitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, e promover o respeito pela sua dignidade" se tem uma visão mais voltada para o modelo social, de que as relações humanas, o tratamento dado à pessoa com deficiência pode contribuir com a vida segregada que ele possa vir a levar (ORGANIZAÇÃO...,2008).

SITAR A FAMÍLIA do NASCIMENTO

Na realidade, pessoas com deficiência não são um acontecimento novo e isolado,sempre existiram, só não tinham visibilidade social em evidência como está sendo feito hoje no processo de inclusão; as famílias, por medo ou vergonha, preferiam esconder o fato da sociedade.

> Ser corpo deficiente não é um acontecimento novo, isolado, como também não o é o fato de esses corpos serem estigmatizados, isolados, desvalorizados, discriminados pelas leis, valores e sentimentos ao longo da história humana. Este cenário está registrado na história cultural das sociedades (GAIO e MENEGHETTI, 2007, p.11).

A perfeição corporal sempre foi prezada em nossa cultura, o que contribui e muito para a segregação e até omissão da existência dos deficientes, pois ninguém queria ter o que consideravam uma aberração dentro da própria casa. A deficiência, muitas vezes, era tida como castigo de Deus para aquela família, pois, como diz Mazzotta (2001, p.16):

o conceito de ser perfeito!

> A própria religião, com toda sua força cultural, ao colocar o homem como "imagem e semelhança de Deus", ser perfeito, inculcava a idéia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo "percebidos com Deus", os portadores de deficiência (ou imperfeições) eram postos à margem da condição humana.

ponto

No mundo capitalista em que vivemos, a perfeição física continua sendo muito valorizada, e corpo é o principal alvo em todos os sentidos, tanto estéticos quanto funcionais; seguindo essa concepção, fica difícil uma pessoa com deficiência sair da condição de oprimido. FALAR SOBRE CONCEITO DE PERFEIÇÃO

> A deficiência inscreve no próprio corpo do individuo seu caráter particular. O corpo deficiente é insuficiente para uma sociedade que demanda dele o uso intensivo que leva ao desgaste físico, resultado do trabalho subserviente; ou para a construção de uma corporeidade que objetiva meramente o controle e a correção de uma estética corporal hegemônica, com interesses econômicos, cuja matéria prima/ corpo é comparável a qualquer mercadoria que gera lucro. A estrutura funcional da sociedade demanda pessoas fortes, que tenham um corpo "saudável", que sejam eficientes para competir no mercado de trabalho. O corpo fora de ordem, a sensibilidade dos fracos, é um obstáculo para a produção.(SILVA , 2006, p.426).

Como a nossa educação segue os ditames da economia capitalista, os paradigmas do mercado de trabalho influenciam diretamente nosso processo educativo. Seguindo esse pensamento, a escola tem a tendência de eleger um

padrão homogeneizador de qualidade, ou seja, o aluno que atende a esses requisitos é tido como ideal, e os demais são considerados incapazes, o que se agrava, se levarmos em consideração os alunos com deficiência.

> No caso de pessoas com deficiência, esses processos levam os educadores (assim como se dá na sociedade de uma forma geral) a conceberem a totalidade da pessoa de forma indevida, reduzindo-a à própria condição de deficiência e a ela atribuindo, de forma generalizada, uma ineficiência global (AMARAL, *apud* GOES e LAPLANE, 2007, p.38).

Tende-se a confundir capacidade intelectual com capacidade física, por isso a escola (e não só ela, mas a sociedade em geral) considera essas pessoas coitadinhas, incapazes de ter uma vida independente, o que agrava sua condição de oprimido na sociedade. A sociedade está culturalmente estruturada de uma maneira que nega a diversidade; podemos perceber isso na questão do preconceito étnico e na resistência que houve durante muito tempo e que ainda há em aceitar a mulher em alguns setores profissionais. Por isso, iniciativas como a da Upias são de grande importância, para uma revisão do conceito social acerca dessas pessoas.

deficiente visual

Com relação ao surdo, nosso centro de interesse, o histórico de segregação não muda. Em 1857, já existiam no Brasil iniciativas com relação aos cuidados com o surdo, como o Instituto dos Surdos Mudos, atualmente denominado Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Mas, durante muito tempo, as pessoas surdas eram forçadas a aprender a comunicação oral, por isso um passo importante para a educação dos surdos, foi a criação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e, principalmente, o reconhecimento legal dessa língua como primeira língua para os surdos. Foram necessárias varias estratégias para a regularização dessa língua, todas encabeçadas por entidades ligadas aos surdos. Uma das estratégias utilizadas foi, o encaminhamento de projetos de lei a diferentes instâncias governamentais, o que acabou culminando na lei federal 10. 436 de 24 de Abril de 2002 (QUADROS, 2006), que reconhece a língua brasileira de sinais como meio legal de comunicação e expressão.

Diante de todas essas iniciativas, e da insatisfação de muitas pessoas, a inclusão é um assunto que vem sendo cada vez mais debatido na sociedade. No âmbito educacional brasileiro, há um histórico de exclusão onde só a elite tinha

FALAR SOBRE A INCLUSÃO NA

direito à educação. A partir da inconformidade de alguns grupos e reivindicações pelo acesso de todos à educação, surge então o debate do direito das pessoas com deficiência a inclusão escolar, superando a exclusão. O acesso ao ensino é universalizado, mas se estabelece num padrão homogêneo, o que deixa de fora alguns grupos, incluindo as pessoas com deficiência.

> A escola historicamente se caracteriza pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da educação se evidencia o paradoxo inclusão/exclusão, quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola (BRASIL, 2007).

Segundo Mendes (2006), para que o discurso sobre inclusão das pessoas com deficiência chegasse ao ponto que se encontra hoje, passou por três processos principais: a segregação, integração e inclusão.

No período de segregação, em meados do século XVI, as pessoas com deficiência eram totalmente isoladas, negadas pela sociedade, por isso não existia educação formal para elas, apenas eram cuidadas, em ambientes isolados dos demais, como por exemplo: instituições filantrópicas, ou instituições particulares especializadas, não havendo maiores preocupações com o educação escolar regular, dessas pessoas.

Com o passar do tempo, no século XIX, surge a necessidade de criar classes especiais dentro das próprias escolas regulares, não na intenção de atender os deficientes físicos, mas com o intuito de encaminhar aqueles alunos mais difíceis para um apoio especializado.É quando começa a surgir uma oportunidade para que alunos com deficiência possam estudar na mesma escola que os outros. Mas é somente depois da segunda guerra mundial, no século XX, que começa a se manifestar com maior veemência a questão da educação das pessoas com deficiência (MENDES,op.cit.).

Na década de 1960, intensifica-se a luta a favor de uma educação mais completa para a pessoa com deficiência. É quanto começa a surgir o discurso da

integração, onde se reivindica o direito dessas pessoas a receber uma educação no mesmo ambiente que os ditos normais.

A integração visava à convivência das pessoas com deficiência com os demais, afim que pudessem aprender mais, através da observação e convivência junto com os outros, e essas viessem a conhecer e aceitar as diferenças. Mas isso acabou ocorrendo de uma maneira na qual, a pessoa com deficiência continuou sendo excluída, pois foram criadas classes especiais, dentro da escola regular, ou seja, os alunos com deficiência continuariam tendo uma educação completamente separada dos ditos normais, o que não deixaria de continuar gerando o mesmo preconceito já existente no período da segregação (MENDES, 2006).

Ainda segundo Mendes (op.cit.), no Brasil, podem ser constatadas algumas iniciativas no sentido de educação de pessoas com deficiência, no século XIX, mas somente na década de 1970 que surgiram respostas mais precisas do poder público sobre essa questão, essa autora afirma que o Brasil ainda ficou trinta anos seguindo o princípio da integração.

A discussão sobre a educação de pessoas com deficiência ganhou um novo olhar, agora dentro do principio inclusivista, o que é mais aceito na atualidade, onde se acredita que é possível ensinar alunos com deficiência em classes normais, não necessariamente tendo que dispensar o apoio especializado. Na visão atual de inclusão, se acredita que todos têm limitações independente da deficiência.

Na inclusão, as crianças iniciam desde cedo sua vida escolar na instituição regular em sala normal, tendo um apoio especializado em horário oposto ao que freqüentam a escola. O discurso sobre inclusão foi crescendo e ganhando um âmbito maior que ultrapassa o escolar, entra na questão do combate ao preconceito, a todos os tipos de grupos sociais excluídos, e principalmente o que está em mais evidência hoje, a inclusão das pessoas com deficiência, seja no âmbito escolar, profissional, social, mas na realidade o eixo central para se obter sucesso em todos os outros não deixa de ser a educação, pois através dela a pessoa com deficiência pode conhecer os seus direitos e exigi-los de fato.

> A inclusão social é o processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiências procuram adaptar-se naturalmente, tendo em vista a

> equiparação de oportunidades e conseqüentemente, uma sociedade para todos, a inclusão (na escola, no trabalho, no lazer nos serviços da saúde etc.) significa que a sociedade deve adaptar-se as necessidades da pessoa com deficiência para que esta pessoa se desenvolva em todos os aspectos de sua vida (SASSAKI, 1997, p. 167-168).

Algumas iniciativas foram bastante marcantes para que o discurso sobre inclusão ganhasse a amplitude que tem hoje, como, por exemplo, em 1990 a Conferência Mundial Sobre Educação para Todos, onde foi aprovada a Declaração Mundial de Educação para Todos, e em 1994 foi promovida pelo governo da Espanha e pela UNESCO, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais o que levou à Declaração de Salamanca (BRASIL, 2007) passo importantíssimo para a educação de pessoas com deficiência (MENDES, 2006).

Na sociedade em que vivemos, a maioria das pessoas não dá muita importância para as pessoas com deficiência, age como se fosse algo incomum, pois não costuma ver essas pessoas em seu dia a dia, como no trabalho, em festas. As pessoas com deficiência têm que se adaptar as condições de vida das outras pessoas. Continuando nessa mesma direção, mas num âmbito educacional, seria necessário que a escola procurasse se adaptar aos alunos com deficiência, mas na maioria das vezes, por falta de investimento dos órgãos competentes, são eles que acabam tendo que se adaptar às condições tanto físicas como profissionais da escola.

Segundo Pereira (2005), para falar de inclusão educacional de alunos com deficiência, é necessário refletir sobre a educação como um todo. Precisamos nos lembrar que todos os alunos ao chegar em qualquer instituição de ensino, trazem arraigados conhecimentos e realidades que não podem ser descartados, por que fazem parte de sua história de vida, exigindo assim uma forma diferenciada no sistema de aprendizagem.

Nesse sentido, é preciso rever os conceitos sobre a educação, e combater a visão homogeneizadora existente, não só dos deficientes físicos mas de todos os alunos, afinal a política de inclusão propõe uma educação para todos. E, para atingir essa meta, não basta apenas organizar espaços físicos adequados e preparar o pessoal da escola, por que a inclusão vai muito além dos bancos escolares, deve

estar no ambiente profissional, social, situações e lugares que as pessoas freqüentam no dia a dia.

> As políticas educacionais e os modos de funcionamento da educação refletem tendências que são geradas fora do sistema e que afetam diversas instituições sociais. Por isso, a educação, a *educação para todos* não é uma questão que se refere apenas ao âmbito da educação, mas está relacionada às políticas sociais, à distribuição de renda, ao acesso diferenciado aos bens materiais e à cultura, entre outros. (GOES; LAPLANE, 2007, p. 5)

Enfim, é um conjunto de situações que acaba gerando a exclusão, pois para se oferecer uma educação inclusiva (para todos) são necessárias iniciativas políticas na questão material e profissional, e para obter iniciativas políticas, é preciso cobrança, e para se ter cobrança ,é necessário que as pessoas tenham conhecimento sobre seus direitos enquanto cidadãos, o que perpassa por questões culturais muito fortes, principalmente, em nosso país, a acomodação diante dos fatos.

A família também é muito importante no processo de inclusão que vivenciamos hoje, o que nos leva a refletir melhor ainda sobre seu papel frente a uma proposta de educação para todos, pois ela tende a ser a referência principal de qualquer ser humano.

> A família é o primeiro grupo social no qual somos recebidos. É por meio da família que, num primeiro momento, temos acesso ao mundo. Somos apresentados a uma série de informações que nos dirão quem somos e o que esperam de nós. Trata-se da unidade básica de desenvolvimento e experiência, onde ocorrem situações de realização e fracasso, saúde e enfermidade. É um sistema de relações que possibilitam ou não o desenvolvimento saudável de seus componentes (BATISTA, FRANÇA, 2007, p. 117).

O momento da chegada de um novo membro na família é esperado com entusiasmo, e como o culto a perfeição física em nossa sociedade é bastante forte, uma das grandes preocupações da mãe durante a gestação é essa.

> É muito freqüente a gestante ter expectativas em relação a criança que está para nascer. Algumas sonham com uma criança idealizada, dentro de seus valores, ou seja,bonita como o bebê de propaganda da TV; esperta como o filho da vizinha, etc. Mas outras têm verdadeiros pesadelos em relação a esse ser desconhecido que, por vezes é sentido como ameaçador. (REGEN *apud* BATISTA e FRANÇA, 2007, p.118)

E quando acontece o inesperado, e o filho nasce com alguma deficiência, o desespero é geral, é quando a mãe, segundo Miller (1995) passa por quatro fases de adaptação:a sobrevivência, busca, ajustamento e separação.

A sobrevivência, segundo a autora é o momento do desespero, onde você busca forças para continuar, e fica completamente sem rumo. A busca, é um segundo momento, no qual a mãe quer saber um diagnóstico preciso de seu filho, para tentar descobrir a melhor maneira de ajudá-lo. O ajustamento é um momento mais tranqüilo, é quando a mãe começa a se adaptar com a situação de seu filho e organizar a sua nova rotina diária. A separação se inicia desde o nascimento, mas a mãe deve entender nessa fase, que chegou o momento de seu filho seguir sua vida, trilhar seu próprio caminho.

Percebe-se, que ao nascer uma criança com deficiência, toda a família passa por uma frustração muito grande, diante das expectativas que tinham a respeito do bebê que estava prestes a vir ao mundo, mas o importante, mesmo diante de algo completamente novo, é que mais cedo ou mais tarde a família tenha seu momento de busca, busca por direitos por serviços adequados, enfim a busca para que o filho tenha direito a uma vida plena, para assim chegar finalmente no ajustamento, momento em que as coisas vão se encaixando em seu devido lugar, e a família se adéqua a nova rotina.

A falta de conhecimento sobre os direitos das pessoas com deficiência, e a cultura que foi criada no Brasil, diante de tantos anos vivendo sob o princípio dasegregação, acaba levando muitas mães a deixar os filhos em instituições educacionais especiais ou classes especiais, por acreditar que só nesses ambientes o filho poderá se desenvolver melhor, e por medo que eles possam ser ridicularizados através de rotulações.

Segundo Silva (2006, p. 427),

> Nesse processo de rotulação, o indivíduo estigmatizado incorpora determinadas representações, passa a identificar-se com uma tipificação que o nega como indivíduo. Essas pessoas passam a ser percebidas, a princípio, por essa diferença negativa, o que irá indicar fortemente como elas irão comportar-se.

A rotulação acaba colocando a pessoa com deficiência, como um ser que tem seu lugar determinado na sociedade, um lugar que não pode ser ultrapassado, pois a sua condição de deficiente não permite maiores conquistas na vida.

> Esse rótulo tem uma dupla função: ao mesmo tempo que serve de ingresso numerado indicando qual o lugar onde ele tem direito de sentar no "Teatro da Vida", determina também o *script* que o indivíduo terá que representar enquanto ator nesse teatro!... Assim, não só ele passa a agir segundo os padrões esperados pelo papel (os únicos que lhe foram ensinados), como os outros atores também contracenam com ele enquanto pessoa estigmatizada reforçando ainda mais esse papel (GLAT *apud* SILVA, 2006, p.427).

A rotulação é algo que pode prejudicar as relações sociais da pessoa com deficiência, que pode inibir essa pessoa, e fazer com que ela acredite que faz parte de um grupo alheio ao restante das pessoas.

Tomando com base o surdo, a rotulação pode existir no contexto escolar, mas esse é um risco que as mães e as pessoas com deficiência precisam correr no processo de inclusão. As mães devem ter consciência do caráter positivo que a inclusão pode trazer ao filho com deficiência e como isso pode implicar o sucesso do desenvolvimento do filho, pois quanto maior e mais precoce é o conhecimento sobre as possibilidades que o filho tem de ter uma vida de bem estar, maior a chance disso acontecer no tempo certo. O que significa passar por uma escola regular no período adequado chegando a idade padrão de escolher uma faculdade e em seguida tentar ingressar no mercado de trabalho. Mas isso dependerá, é claro, do ritmo de cada pessoa.

A vigilância dos pais na detecção da surdez, é de grande valor para um diagnóstico precoce e desenvolvimento pleno da criança.

> Um deficiente auditivo pode ter um desenvolvimento da linguagem e do aprendizado semelhante ao do ouvinte normal, desde que seja devidamente estimulado. Por outro lado, a reabilitação inadequada, insuficiente ou tardia pode reapresentar déficits irreversíveis (ALMEIDA in FONSECA, 2001, p.95).

Assim como o diagnóstico precoce, o conhecimento dos direitos da pessoa com deficiência garantidos pela Constituição Brasileira de 1988, mais precisamente

em seu Art. 205, quando diz que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família (BRASIL,1988, p.145), é essencial para o sucesso na inclusão.

Por isso, além da consciência das mães que os filhos precisam e têm direito as mesmas condições de educação que qualquer outra pessoa, a escola regular também tem um importante papel nessa jornada inclusiva. Mas a escola precisa da parceria tanto da família quanto de apoio médico e especializado para um trabalho de qualidade.

> Essa é uma tarefa coletiva, compartilhada entre o professor do ensino regular e especial; tem este ultimo a função de mediador e articulador do projeto inclusão. A participação e cooperação dos pais, terapeutas ou serviços especializados são fundamentais para que se atinja o objetivo de promoção do desenvolvimento global e o avanço no processo de aprendizagem desses alunos (MONTE e SANTOS, 2005,p.31).

O estranhamento que o deficiente causa no primeiro momento _ principalmente aqueles em que a deficiência é bastante visível e severa _ é perfeitamente compreensível, dentro do contexto cultural aqui explorado, mas a incapacidade de ultrapassar esse estranhamento acaba impedindo que seja dada a oportunidade dessas pessoas mostrarem suas qualidades, habilidades. Ou se é hostil, excluindo totalmente a pessoa, ou se é caridoso e enxerga somente a fragilidade dessa pessoa. "As pessoas com deficiência causam estranheza num primeiro contato, que pode manter-se ao longo do tempo a depender do tipo de interação e dos componentes dessa relação" (SILVA, 2006, p. 426).

A surdez é uma das deficiências que causam bastante estranhamento, não ao olhar, mas ao tentar algum tipo de comunicação, pois geralmente, quando sabemos que alguém é surdo, ficamos sem saber como lidar com a situação, e ao invés de buscar informações, preferimos nos afastar da pessoa e nos livrar de todo aquele trabalho de tentativa de comunicação.

> Amaral [...] chama de "generalização indevida" o juízo que transforma a condição de limitação específica de uma pessoa em totalidade, ou seja, ela torna-se deficiente por ter uma deficiência: "correlação linear" é a disposição para elaborar relações do tipo "se...então" , simplificando de forma demasiada o raciocínio, consolidando o preconceito pela economia do esforço intelectual (SILVA, 2006, p.427- 428).

VISUAL ENCONTRA MUITAS DIFICULDADES

O deficiente auditivo sofre muito, pois sua deficiência afeta diretamente a relação com as pessoas, visto que a linguagem oral é o principal meio de comunicação em nossa sociedade, o desenvolvimento da pessoa que possui esse tipo de deficiência pode ser bastante comprometido.

VISUAL UM DOS

> A comunicação é um fenômeno multissensorial e complexo que tem relação direta com o desenvolvimento intelectual e o entrosamento social dos indivíduos. A audição é extremamente importante para o desenvolvimento da linguagem e a aquisição de conhecimentos.(ALMEIDA *apud* ALMEIDA *et al.*, 2001, p.5)

O diagnóstico precoce da pessoa surda, assim como em qualquer outra deficiência, é bastante importante, pois pode lhe permitir uma possibilidade de um desenvolvimento mais completo. E nesse diagnóstico, a família tem um papel importantíssimo na observação do filho de possíveis demonstrações de alterações comportamentais, visto que não há ainda uma forma eficaz para diagnosticar a deficiência auditiva, e é a partir da suspeita dos pais que a criança passará por uma série de testes que confirmarão ou não a deficiência (ALMEIDA, 2001).

O apoio da família é muito importante em qualquer caso de deficiência física e por isso o acompanhamento profissional deve incluir a família em seu programa para que conhecendo melhor a situação de seu filho, essa possa vir ajudá-lo de forma mais efetiva. Sobre a deficiência auditiva, Stredler-Brown esclarece que:

> Desde que começamos a identificar recém- nascidos com perdas auditivas, os programas centrados na família têm-se tornado cada vez mais importantes. Devemos considerar a família como cliente: é ela que precisa aprender sobre perdas auditivas e compreender as implicações destas no desenvolvimento de seu filho. (STREDLER-BROWN *in* FONSECA, 2001, p.116).

Os pais, na maioria das vezes ,não tem consciência das conseqüências que um diagnóstico tardio pode ocasionar no desenvolvimento psicológico do filho. Segundo Fonseca (2001), um dos fatores que podem influenciar no desenvolvimento psíquico de um bebê que nasce completamente surdo, é quando seus pais são ouvintes, pois são grandes as dificuldades dos pais para aprender a lidar com a situação de uma maneira que não afete o desenvolvimento do filho. Um outro fator, que a autora considera prejudicial ao desenvolvimento da criança surda, é a dificuldade encontrada para realizar a separação do seu eu com o restante do

mundo, pois não consegue ouvir sua própria voz e nem a de seus pais, o que impossibilita realizar uma diferenciação sonora, a qual, é um dos primeiros e importantes estímulos para o desenvolvimento somatopsíquico da criança.

> [...] estar envolvido pelos sons e pela voz da mãe ocorre (e parece ter sua função) no desenvolvimento da criança ouvinte. Didier Anzieu (1976) nos fala no envelope sonoro do self, que estaria relacionado, segundo ele, com a delimitação das fronteiras somato-psíquicas do indivíduo (FONSECA, 2001 p.41).

Enfim os pais precisam ter consciência da condição do filho para assim ter também consciência de como o processo de inclusão escolar é complexo, não basta simplesmente colocar o filho na escola e imaginar que isso vai garantir seu aprendizado.Tendo o acompanhamento necessário e sabendo das reais possibilidades do filho surdo, as mães poderão entender, que a escola por si só não conseguirá cumprir todos os papeis necessário para o sucesso da inclusão, o qual deve englobar: escola, família, estado, sociedade.

A inclusão é um processo delicado, que perpassa por construções sociais e culturais, por conceitos preestabelecidos e sustentados cada vez mais em nosso meio através da mídia, do capitalismo que tende a associar a imagem de perfeição física com as capacidades intelectuais dor ser humano. Por isso, para que haja inclusão, não bastam apenas modificações físicas ou simplesmente haver garantias legais, mas sim, uma profunda modificação no sistema de ensino, uma mudança de valores da sociedade e principalmente uma desmistificação com relação a pessoa com deficiência (MAZZOTA, 2005).

A inclusão é aceitar que a diversidade faz parte do nosso cotidiano, e aprender a respeitar a subjetividade de cada um, por isso não basta colocar pessoas com deficiência em uma mesma turma dos ditos normais, e capacitar o professor com cursos técnicos para trabalhar com esse aluno etc., mas de uma consciência de que a pessoa com deficiência precisa e deve sentir-se parte da comunidade humana, o que fica claro na frase de Sassaki. "O princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade dentro da comunidade humana."(SASSAKI, 1997, p.123)

O deficiente não poderá se sentir parte da sociedade se não for tratado como tal. Esse tratamento deve começar de onde todo ser humano inicia sua vida, no seio da família. Levando em conta a questão da surdez, se essa pessoa não consegue uma boa comunicação dentro da sua própria casa com os pais e demais parentes, se nem do ambiente familiar ela se sente parte integrante, imagine da comunidade humana. É preciso uma reflexão, principalmente das mães com filhos com deficiência, sobre sua visão de inclusão, e os efeitos que essa visão tem sobre o que elas estão fazendo para exigir uma posição inclusiva da sociedade, e para que seus filhos também possam fazê-lo.

Tratou-se, neste capítulo, das relações entre deficiência e inclusão. O capítulo seguinte vem analisar a percepção das mães acerca da inclusão. Para isso, foram realizadas entrevistas, cujo conteúdo foi organizado em três categorias: a concepção de deficiência, a percepção do preconceito e os efeitos da inclusão. Essas três categorias, agregadas, ajudaram a elaborar uma quarta: o conceito de inclusão.

3. AS CONCEPÇÕES DAS MÃES ESTUDADAS ATRAVÉS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Esta pesquisa foi realizada em Marabá no ano de 2007 na Escola José Bonifácio, onde são atendidas pessoas com deficiência auditiva e deficiência visual. Esse trabalho ocorre há doze anos nesta escola, e é realizado pela professora Francisca[4]; sua formação é graduação em Pedagogia, a professora já participou de vários cursos na área da educação especial e deu varias formações para outros professores. Durante o trabalho de campo realizado nessa pesquisa no período de outubro e novembro de 2007, estavam sendo atendidos, no horário vespertino, doze pessoas com problemas de surdez.

Como esse trabalho ocorre há tanto tempo, a professora acompanhou o final do período chamado de integração, onde os alunos surdos estudavam na sala especial durante três anos, e só depois eram integrados à sala regular. Em 2001, iniciou-se o processo de inclusão: a sala especial passou a se chamar sala de recursos, os alunos surdos já iniciavam na escolar regular, e em outro horário iam para a sala de recursos para trabalhar algumas de suas dificuldades. A professora relatou que, em 2008, houve uma mudança, a sala agora se chama sala multifuncional, na qual, além dos surdos, e deficientes visuais são atendidas pessoas com outras deficiências.

Dessa pesquisa participaram indiretamente seis alunos surdos, pois a pesquisa foi realizada com as mães deles; dos seis alunos escolhidos, dois freqüentavam o ambiente apenas por hábito e por amizade com a formadora, pois já haviam concluído o ensino médio, portanto o trabalho com a Francisca já havia terminado. As idades dos alunos, que foram propositalmente escolhidas, por já

---

[4] Serão usados pseudônimos para todos os participantes da pesquisa, com o objetivo de proteger sua identidade.

haver uma história e experiência maior das mães acerca da situação dos filhos, variaram de 18 a 29 anos.

Os alunos envolvidos na pesquisa tinham como única deficiência a surdez, com exceção de um, que além da surdez, (segundo a mãe) tinha uma leve deficiência mental causada por uma arritmia cerebral que teve quando criança.

As mães dos alunos que participaram da entrevista tinham em média 38 a 50 anos, três eram donas de casa e três trabalhavam fora, dessas três que trabalhavam fora, uma trabalhava na parte administrativa de uma empresa, outra na secretaria de uma escola e a terceira era trabalhadora autônoma.

Em todos os casos, o diagnóstico partiu primeiro da percepção da mãe, para depois haver a confirmação médica. Em quatro dos casos, as crianças já nasceram com a surdez, cuja causa não foi identificada pelos médicos, nos dois outros casos, um foi ocasionado por que a mãe teve rubéola durante a gravidez, ou seja, a criança também já nasceu surda, mas a mãe já sabia da possibilidade do acontecimento, no outro caso, a surdez foi ocasionada (segundo a mãe), quando a criança tinha uns dois anos de idade, por causa de uma febre muito alta que o levou a convulsões.

Para a realização da pesquisa, o primeiro procedimento foi o conhecimento do local, juntamente com uma conversa informal com a educadora que trabalha com alunos surdos, para que ela pudesse passar maiores informações sobre o trabalho ali realizado, e pudesse indicar, segundo sua visão, as mães que poderiam ser mais receptivas e acessíveis para a pesquisa. Foi elaborada uma autorização, para que as mães assinassem permitindo a realização da pesquisa, em seguida as entrevistas foram previamente agendadas por telefone, fornecidos pela escola. Os dias da entrevista ficaram a encargo da disponibilidade de cada mãe. O segundo passo foi entrevistar cada mãe separadamente. As técnicas utilizadas foram entrevistas semi-estruturadas, que duraram de dez a trinta minutos. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra para análise[5].

---

[5] Para a transcrição, foram usadas as normas propostas por Preti (1997).

As categorias de análise foram elaboradas a partir dos objetivos da pesquisa. Desse modo, se organizaram em: **concepção de deficiência**, que consistia em analisar o que as mães entendiam como deficiência e até onde essa concepção podia afetar a sua visão de inclusão, **percepção do preconceito,** como forma de compreender como as mães viam o preconceito na sociedade, e principalmente como isso afetava seu filho dentro da escola, segundo sua visão, e os **efeitos da inclusão escolar,** com a finalidade de analisar como a mãe percebe os efeitos da inclusão escolar na vida de seu filho. Essas três concepções foram as formas encontradas para chegar até a quarta e ultima categoria, **concepção de inclusão**.

Para a análise das entrevistas foi utilizada a metodologia da análise de conteúdo, que para Bardin pode ser considerada:

> ...como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que ocorre a indicadores (quantitativos, ou não) (BARDIN, *apud* FRANCO, 2007, p.24).

A análise dos dados da pesquisa ocorreu da seguinte forma: depois de realizadas as entrevistas e os objetivos categorizados, foram montados os quadros de cada categoria, onde foram recortados somente os trechos que interessavam a cada uma delas, em seguida esses trechos foram analisados e comentados de forma contextualizada. A partir dessa análise foram formados indicadores, conceitos que formaram subcategorias, que são; deficiência vista como limitação, deficiência como algo estranho, as quais surgem na categoria **concepção de deficiência**, o preconceito através da rotulação, inclusive dentro da própria família, que aparece na **percepção do preconceito**. Surgiram também a inclusão como contribuição para a socialização e como perspectiva para o futuro, dentro dos **efeitos da inclusão escolar.** Na quarta e ultima categoria que é a **concepção de inclusão**, surgiram, a inclusão como forma de despertar a atenção das pessoas para as diferenças e como busca de Igualdade.

As subcategorias formadas a partir dessa metodologia foram de extrema importância para não perder a relação com a teoria utilizada na pesquisa, impedindo assim uma fuga do assunto investigado. A seguir serão analisadas as categorias formuladas.

3.1. -CONCEPÇÃO DE DEFICIÊNCIA

Analisando as entrevistas, em busca das concepções de deficiência das mães que possuem filhos surdos, nos deparamos com a conclusão de que as mães, em sua maioria, apresentaram um estranhamento inicial muito grande com relação a deficiência de seus filhos, pois sentiam- se despreparadas para lidar com a situação. Fica evidente também em grande parte das falas das mães que **a deficiência é vista como limitação**, as mães limitam a capacidade dos filhos em função da deficiência, ou seja subestimam a competência deles para realizar certas tarefas, ou usam o argumento que aprendizagem não ocorre de forma mais rápida na escola por causa da deficiência, é onde a **deficiência é vista com estranhamento**.

3.1.1. A deficiência vista como limitação

Algumas mães entendem a deficiência como empecilho para o filho alcançar algo maior, como a independência, outras acreditam na capacidade que o filho tem de se tornar uma pessoa autônoma, mas acham que a deficiência prejudica bastante, retardando esse acontecimento. Para Diniz:

> Todos os deficientes experimentam a deficiência como uma restrição social, não importando se essas restrições ocorrem em conseqüência de ambientes inacessíveis, de noções questionáveis de inteligência e competência social... (DINIZ, 2006, p. 21).

Querendo ou não, a sociedade tende a limitar a capacidade do deficiente, antes mesmo de lhe dar a chance de mostrar o que pode fazer. As mães, como parte da sociedade e também pelo sentimento de proteção maternal, se deixam levar por esses preconceitos tendo maior dificuldade em se separar do filho.

> **Ent:** qual a confusão? de que talvez ele não conseguisse estudar ?
>
> [

Mãe: não que... puxa a vida que ele não era uma criança - - que eu tinha um filho diferente eu pensava ... eu pensava que ia ser mais difícil que os outros filhos na sociedade que todo mundo da sociedade- - quem já falava era difícil imagine quem não falava ... então eu colocava muito obstáculo

Ent: para ele trabalhar para ...

Mãe: para tudo... para conviver junto com as outras pessoas...

(Entrevista D, p. 1e 2, Linhas 45 a 51)

Esse trecho da entrevista D retrata bem a questão da limitação imposta pelas mães por causa da surdez dos filhos. As mães em geral, querem proteger os filhos de todo mal que possa vir á atingi-los, e quando uma criança tem algum tipo de deficiência é perfeitamente normal que exagerem mais ainda nessa proteção, mais é preciso sempre ter em mente que papel da mãe e de toda família é fundamental na construção da autonomia do filho,que a educação começa em casa, e se em casa nas pequenas coisas, nós não incentivamos essa construção encorajando o filho surdo a realizar algumas tarefas sozinho, isso vai refletir no seu desenvolvimento lá fora, em todos os âmbitos, educacional, social, e profissional. Rego e Soares reforçam essa importância da família quando citam D' Antonio (1998) que diz: "que a família é o primeiro e mais importante 'berço' do individuo, tendo como função original satisfazer todas as necessidades físicas, afetivas e sociais da criança, cumprindo também a função mediadora entre a criança e o mundo social" (D' ANTONIO, *apud* REGO e SOARES, 2003 p. 42).

É de grande importância que os pais, as pessoas da família em geral tenha ciência de que o surdo pode ter uma vida razoavelmente enriquecedora, desde que lhe seja dada as condições que tem direito, como uma escola adequada, professores preparados, material e ambiente adequado. E se essa consciência começa a ser despertada logo após o nascimento da criança, as chances de ter melhor qualidade de vida são bem maiores.

A limitação existe, mas não somente para a pessoa surda, todos nós temos limitações; o que não devemos fazer é usar puramente a deficiência para explicar o

não-sucesso ou fracasso educacional do surdo. Até o próprio relacionamento social com as crianças ouvintes pode ser incentivado desde a infância, tendo o cuidado para não separar o filho das demais crianças ouvintes. por acreditar que ele não vai conseguir se relacionar. "O papel da família é também o de remediar, treinar e incentivar as relações sociais da criança em diferentes ambientes sociais e, com a criança deficiente, este papel não é diferente" (REGO E SOARES, 2003 p. 44).

3.1.2. Deficiência como algo estranho, alheia a sociedade.

É PRECONCEITO

Algumas mães demonstraram em suas falas que pelo menos inicialmente a surdez dos filhos causou um impacto, um estranhamento muito grande na família, estranhamento que ainda permanece entre os parentes que não têm muito contato com o filho surdo, esse estranhamento também reflete na dificuldade de socialização dos filhos com os ouvintes, sendo que a maioria das entrevistadas declarou que seus filhos têm muitos amigos surdos e poucos amigos ouvintes.

> **Mãe**: demorando de falar - - enfim aí quando eu soube mesmo que eu levei ela no médico que soube que ela tinha deficiência auditiva- - para mim foi muito difícil eu me acostumar ... achava muito difícil... pensava assim que- - isso para mim era uma barreira foi muito difícil chora::va... as vezes o pai dela também ficava triste achava aquilo ali um... tabu na minha vida ... eu dizia... eu não sei se eu vou ter força para mim agüent::a... não sei como vai ser a... vida dela assim... o dia a dia ... como que eu vou me acostumar
>
> **Mãe:** deficiência auditiva... ela comunica bem... ela tem assim aquela amizade... mais amizade ma::is é com... deficiente auditivo né... ela tem assim ... tem um coleguinhas que visita ela... ela vai na casa deles... na escola... só que ela tem também essas amizades ((amizades com pessoas ditas normais)) mais... mais são eles né ((pessoas com deficiência auditiva)) é por que há uma facilidade de ...
>
> [
>
> **Ent:** de comunicação? (Ent. C, p.6, linhas 256 a 263)

UNIFESSPA
BIBLIOTECA JOSINEIDE TAVARES

Nesses dois trechos da entrevista C, podemos perceber claramente que o estranhamento está presente, pois como já foi dito em outro momento, encarar o novo não é fácil, e esse estranhamento inicial, principalmente dos pais não é anormal, pelo contrario é perfeitamente normal, principalmente no caso de pessoas surdas, tendo em vista que na grande maioria dos casos só se identifica a surdez após o nascimento, essa família não foi estruturada, preparada para a chegada de um filho surdo, e espera um filho que siga os padrões da normalidade já estabelecidos pela sociedade. Rêgo e Soares (2003) acrescentam nesse sentido quando dizem:

> Assim, quando um homem e uma mulher se unem com a função de iniciar uma nova família, através de uma relação afetiva econômica, dentro de normas e valores estabelecidos por eles, procuram dar segmento com a chegada dos filhos. Estes são gerados em meio a expectativas sociais de que estejam dentro dos padrões sócias e culturais estabelecidos. Os pais idealizam como deve ser esta criança e criam várias expectativas (REGO E SOARES, 2003 p. 42).

Como a percentagem de pessoas com algum tipo de deficiência é bem menor que aqueles considerados normais, a sociedade tende a encarar o mundo ignorando essas pessoas; é como se elas não existissem, e quando uma dessas pessoas chega a um patamar mais alto, acaba sendo um exemplo de luta e perseverança, pois vencer todas as dificuldades e barreiras que a própria sociedade impõe mesmo inconscientemente para a pessoa com deficiência, quebrar tabus em mundo capitalista, onde as pessoas são manipuladas pela mídia, a imagem, a perfeição física e mental são essenciais,realmente exige muita força de vontade.

> A não- visibilidade das pessoas com deficiência no âmbito das relações sociais é o que determina sua ausência na mídia, posto que, na lógica da indústria cultural, não existem necessidades a elas relacionadas. Sendo assim, o silêncio sobre elas é anterior e exterior aos veículos de comunicação, e suas poucas aparições ficam restritas a campanhas publicitárias para arrecadação de recursos para as instituições filantrópicas que veiculam mensagens que as representam como vítimas ou como vítimas ou como heróis (SILVA, 2006 p.428).

O estranhamento causado pela deficiência é um dos fatores que criam uma barreira que impede a sociedade de conhecer mais sobre o assunto, o medo de está sujeito a se tornar também um deficiente, seja por uma bala perdida um atropelamento, ou até mesmo uma doença, é maior do que a vontade de saber mais sobre a vida que aquela pessoa leva, de descobrir do que uma pessoa mesmo sem ouvir é capaz de fazer. Essa falta de conhecimento acaba criando uma espécie de limitação prévia, ou seja, limitamos a pessoa surda pela sua deficiência. Não acreditamos na capacidade que um surdo tem de entender sobre música, por exemplo, indo mais longe, a capacidade que um cego tem de tocar instrumentos, escrever livros, mesmo tendo alguns exemplos que conseguem emergir em nossa sociedade, esquecemos isso facilmente e ficamos com a opção de continuar limitando a capacidade da pessoa com deficiência. O texto a seguir, se trata da percepção do preconceito, e vem esmiuçar essa questão de avaliarmos a capacidade das pessoas por sua deficiência.

3.2. PERCEPÇÃO DO PRECONCEITO

Em busca das principais dificuldades, com relação ao preconceito, enfrentadas pelas mães que possuem filhos surdos, foram encontradas duas situações mais marcantes; na grande maioria das entrevistas, com exceção de duas das seis realizadas **O preconceito aparece através da rotulação**, nesse caso as mães demonstraram-se bastante revoltadas. Percebe-se também que o **preconceito ocorre dentro da família,** essa situação segundo as mães é bastante delicada, pois envolvem sentimentos de mágoa, revolta, enfim sentimentos mais íntimos.

3.2.1. O preconceito através da rotulação

As mães afirmam ter enfrentado situações constrangedoras, como a vizinhança substituir o nome do seu filho pela deficiência, o que para elas acaba se tornando uma ofensa, como fica bem claro no trecho abaixo:

Ent: agora com relação a...a preconceito... já houve muitos casos em que a senhora/

[

Mãe: já

Ent: teve que interferir ? a senhora pode me citar um exemplo assim?

Mãe: muitos casos... assim como o filhinho do vizinho na época de criança "oi chama aí o mudinho para mim... hei mudinho vem aqui" ... então muitas vezes eu dizia... não chame meu filho de mudinho... por que a mãe pode ser o que for ... ela nunca gosta que chame o filho daquilo... eu sempre gostei de chamar ele de Paulo o nome dele é Paulo (Ent. D,p.5, linhas 224 a 233)

Em geral, as pessoas tendem a fazer esse tipo de substituição, é como se a pessoa com deficiência não tivesse identidade própria, apenas fizesse parte de um conjunto de pessoas diferenciadas das demais, e assim é com a pessoa com deficiente mental, com o cadeirante, com a pessoa que perde algum membro com o surdo auditivo, etc.

> Quando passamos a reconhecer alguém pelo rótulo, o relacionamento passa a ser com este, não com o individuo. E, assim, idealizamos uma vida particular dos cegos, dos surdos, que explica todos os seus comportamentos de uma forma inflexível, por exemplo: ele age assim por que é cego (SILVA, 2006, p. 11).

Custamos a entender que essa pessoa é alguém como nós, com suas limitações e potencialidades, e na maioria das vezes esquecemos dessa ultima, e vemos o surdo somente com suas limitações e reforçamos essas limitações nas rotulações, pois quando chamamos alguém que tem deficiência auditiva de mudinho, estamos enfatizando a sua incapacidade de ouvir.

Ent: é... já houve algum tipo de preconceito com relação a ele desde o nascimento?

Mãe: da família não... mais de gente de fora sempre

Ent: um exemplo assim

Mãe: sempre tem... principalmente no colégio assim... por que os meninos vê apelidam sabe... faz graça da cara sabe... fica caçoando assim da pessoa

Ent: e ele se chateia com isso ?

Mãe: a quando ele era/ agora hoje em dia não... mais antigamente ele se chateava de mais... (Ent. B,p.4, linhas.163 a 171)

A rotulação também pode fazer com que as pessoas que tem deficiência se sintam cada vez mais excluídas de uma sociedade padronizada, no caso dos surdos, uma sociedade que valoriza somente a capacidade dos ouvintes, é como se esse fosse uma a parte inativa da sociedade, adormecida, uma pessoa não produtiva.

E as mães, têm um papel importantíssimo na mudança dessa situação, o de conhecer os direitos do filho e lutar por eles, o de fazer do filho uma pessoa autônoma, capaz de mostrar as suas potencialidades, e sendo a família o alicerce de todo ser humano, ninguém poderia exercer de maneira melhor esse papel.

> ...a família, como grupo social primário, desempenha uma função formativa e determinativa no desenvolvimento cognitivo-afetivo do individuo e no modo como este se situa e interage na sociedade, mesmo em idade adulta. É através da identificação com os primeiros "outros significativos" --- mãe, pai e demais membros da família - - e das reações destes ao seu comportamento que a criança tem seu primeiro contato com o mundo e aprende a desenvolver os papéis e atitudes essenciais para seu processo de socialização (GLAT, 2004 p.1).

As pessoas com deficiência, assim como qualquer outro ser humano, quando são incentivadas desde criança a mostrar suas potencialidades e principalmente sente a expectativa do outro a seu respeito tem mais chances, de se tornar uma pessoa autônoma, pois quando o outro acredita que somos capazes tendemos a mostrar que podemos ir além.

3.2.2. Quando o preconceito aparece dentro da própria família

O sofrimento da criança e da mãe, que geralmente é a pessoa mais próxima é muito grande quando existe o preconceito dentro de casa, pois a mãe em geral se culpa pelo filho ter nascido com problemas, e se sente incapaz impotente diante da situação."Sentir-se responsável pelo problema de seu filho é uma forma de tentar elaborar o que deu errado. Assume-se a culpa, por que quando existe um culpado, ao menos existe uma explicação". (MILLER, 1995, p.55).

> **Mãe:** quando eles descobriram... para mim foi uma grande surpresa... aí foi onde começou todo o meu sofrimento... por que eu não queria aceitar mesmo

Ent: a senhora cho::rou ?

Mãe: chorei mui::to... cada consulta eu chorava muito eu... eu só não entrei em depressão por que eu precisava criar ele... eu imagino que deus sempre me deu força para que- - logo eu criei ele sozinha sem pai ... que o pai dele morreu também cedo ... e... foi muito difícil para mim muito difícil mesmo... (Ent. D,p.1,linhas 14 a 20)

A mãe sofre ao sentir que seu filho é rejeitado por primos, tios, e as vezes até pelo próprio pai, como fica claro no trecho abaixo, e conseqüentemente o filho sofrerá também por não se sentir parte de sua própria família, o que pode ocasionar problemas psicológicos futuros como: sentimento de incapacidade, inutilidade, enfim sentimentos que possam vir a prejudicar muito seu desenvolvimento.

Ent: é... já houve assim algum tipo de preconceito com o Leandro?

Mãe: muitos na família

[

Ent: a senhora podia citar algum exemplo

Mãe: muito né... na família? ou na...?

Ent: pode ser dois... pode ser na família e...

Mãe: na família né... minhas irmãs muitas vezes- - agora não... agora já está aceitando... mais eu lembro que uma vez eu fui para B. né ... e minha irmã tinha mais... tinha três filhos da idade dos três que eu tinha... por que eu tenho três também né

Ent: humrum

Mãe: e ela não conseguia deixar os filhos dela brincar com o meu né?

Ent: com o Leandro?

Mãe: com o Leandro... não conseguia de jeito nenhum né... ele queria brincar com os brinquedos... ele queria- - o que é normal de toda criança né

Ent: humrum

Mãe: querer pegar o brinquedo do outro né

Ent: com certeza

Mãe: toda criança tem isso... mais elas não viam por ele ser criança...

(Ent. E,p. 6 e 7, linhas 278 a 296)

Enfim esta é uma situação em que qualquer ser humano, independente de ter deficiência, se sentiria mal ao perceber que as pessoas o rejeitam, mas o caso da pessoa surda é muito mais delicado, por que ela não pode simplesmente mudar seu comportamento para ser aceita em um grupo, o que muitas vezes é possível para o "normal", pois ser surdo é uma marca, uma característica que na maioria dos casos jamais vai desaparecer. O surdo não vai poder voltar a ouvir, pelo menos em grande parte dos casos. Ou o grupo o aceita com essa limitação e tenta adequar-se ou simplesmente o exclui, e infelizmente as pessoas tendem a seguir a opção mais fácil, que é rejeitar tudo que parece estranho a vida normal e organizada que levamos, por que a pessoa precisaria se esforçar para aprender LIBRAS se ela pode ter milhões de amigos normais que falam, que ouvem? Por que ameaçar sua concepção de mundo já formada?

> O preconceito materializa um possível efeito do encontro entre pessoas, quando são acionados mecanismos de defesa diante de algo que deve ser combatido por constitui-se uma ameaça. Num mundo em que o medo prevalece, indicando um perigo objetivo, e ao mesmo tempo, não possibilita sua elaboração, as formas de organização social seguem negando de forma renovada, a diferença (SILVA, 2006, p.425).

Quando se é rejeitado na escola, por exemplo: por colegas de classe independente de ter deficiência ou não qualquer criança já começa a demonstrar a sua tristeza ou frustração na rotina escolar, imagine ser rejeitado dentro de casa pelo próprio pai, como é o caso que aparece na entrevista E:

Ent: uma coisa que eu esqueci de perguntar para senhora... o pai do Leandro... no começo ele ficou meio assim teve algum

Mãe: foi muito duro né ... ele não me ajudou quase em nada né ... ele não(incompreensível) eu falava para levar ele para passear né "não...não vai você ... que você tem jeito de lidar com ele eu não tenho né" teve um pouco de rejeito tanto o pai como os irmãos... e eu sofri muito sabe muito... muito... muito...muito... eu tenho pegado muito com Deus para Deus me ajudar ...não é lidar com ele... eu não tive muito apoio né...

Ent: e hoje o relacionamento dos dois?

> **Mãe:** ele não tem paciência com o pai dele... ele disse que o pai dele não sabe falar com ele... o pai dele as vezes... hoje em dia que brincar com ele... eu digo agora é tarde... agora é tarde... (Ent. E, p.12 e 13, linhas 555 a 566).

Ver o pai brincando e passeando com os irmãos enquanto é deixado de lado não deve ser fácil, tanto que agora como está bem claro na entrevista, o filho sente uma mágoa muito grande do pai que o impede de ter um bom relacionamento pai e filho.

A família da pessoa com deficiência tem um papel importante quando se trata de rotulação, pois é indispensável que os parentes mais próximos tomem um posicionamento firme de não aceitar que o filho que tem nome e sobre nome, como qualquer outra pessoa, seja chamado de "mudinho", "doidinho", como é o caso do surdo. O tratamento que a própria família dá para o surdo pode induzir as pessoas a rotulação, principalmente as pessoas mais próximas; os pais precisam então tomar cuidado com o seu posicionamento acerca da deficiência do filho. Fazer o filho acreditar que não é nenhuma aberração, que todos são diferentes é algo que pode ajudar para que não se sinta inferior diante de rotulações ou preconceitos bobos.

Aceitar que o filho tem uma deficiência que pode impedi-lo de ter uma vida normal, não deve ser fácil, é preciso desmistificar toda uma cultura, de que para sermos felizes e ter bons resultados na vida, temos que ser fisicamente e intelectualmente perfeitos. É preciso uma mudança de conceitos, conceitos estes que crescemos ouvindo e vemos ser reforçados na vida, e para isso ocorrer é necessário tempo e principalmente estar disposto e aberto para o novo.

As mães não conseguem aceitar que o próprio marido, e demais parentes rejeitem o filho por causa da surdez, se mostram indignadas com isso, e dizem perceber a tristeza dos filhos com essa rejeição. As mães não admitem rotulações, sempre alegam que os filhos têm nome, por isso não vêem necessidade de alguém chamá-los de "mudinho", mas em nenhum momento apresentam uma explicação mais elaborada sobre isso, apenas não aceitam.

A próxima categoria, denominada efeitos da inclusão, vem agregar as falas das mães que mostram os efeitos positivos que ocorrem na inclusão vivenciada pelos filhos.

3.3. EFEITOS DA INCLUSÃO

As entrevistas foram analisadas, na tentativa de encontrar os efeitos da inclusão escolar dos alunos com deficiência auditiva, na visão das mães. Os efeitos variaram, mas foi possível perceber dois efeitos principais, dos quais o primeiro aparece em comum na fala da maioria das mães, que é **a inclusão como contribuição para a socialização**, um item em que as mães se mostraram bastante satisfeitas. Uma outra mãe já achou que alem da socialização a inclusão aumentou as expectativas para o futuro, ou seja **a inclusão como perspectiva para um futuro melhor**. Uma das mães também achou o filho adquiriu maior responsabilidade.

3.3.1. A inclusão como contribuição para socialização

As mães acreditam que após o filho ter passado por uma sala de aula comum, começaram a apresentar melhoras significativas na socialização com as pessoas, perdendo um pouco a timidez.

Ent: e... a...você sentiu alguma diferença nele depois que ele começou a estudar junto com os outros em alguma coisa assim acha que melhorou ?

Mãe: ele melhorou que ele ficou mais - - que ele era muito inibidoassim ai ele desenvolveu mais junto com os outros

Ent: por que ele saiu daquele mundinho dele onde/ que era só ...

Mãe: é... só ele ali junto com os outros ((outros deficientes visuais)) aí ele melhorou

Ent: é... então contribuiu um pouco né esse negócio dele ta estudando junto com os outrosvocê acha que contribuiu para melhorar a vida dele ?

Mãe: contribuiu muito

Ent: contribuiu assim por que ele amadureceu ele perdeu mais a vergonha de conversar com os outros ?

Mãe: isso

Ent : ta

Mãe: acabou aquela timidez que ele tinha

(Ent. B,p.2,linhas 83 a 89).

Viver em um mundo imerso no silêncio para nós ouvintes parece impossível, realizar tarefas do dia a dia, trabalhar, estudar, nos divertir, sem ouvir nenhum tipo de ruído, não dar nem para imaginar, talvez seja isso que nos afasta dessas pessoas, e nos faz olhá-las com indiferença, por isso é importante que a criança surda seja incentivada, desde cedo, a freqüentar ambientes os quais crianças ouvintes freqüentam, assim tanto as crianças ouvintes, quanto as surdas terão oportunidade de aprender a conviver com as diferenças.

Sabemos que a socialização é de grande importância para o desenvolvimento de qualquer criança, pois através de brincadeiras que consideramos inocentes, as crianças aprendem a conviver juntas, aprendem a respeitar limites, a respeitar as diferenças, e Maluf discorre sobre isso: "... o brincar como atividade livre e espontânea, responsável pelo desenvolvimento físico, moral e cognitivo: e os dons dos brinquedos como objetos que subsidiam as atividades infantis" (MALUF *apud* ARAUJO e MAGALHÃES, 2003, p. 21).

Isso nos faz refletir o quanto a socialização entre crianças "normais" e crianças com deficiência é importante, não só com o intuito de realizar a inclusão, mas com a consciência de que a interação entre os sujeitos, sejam eles deficientes ou não, é de grande valor para o seu desenvolvimento. E a escola tem um importante papel nisso, um papel que exige sensibilidade, compreensão e disposição para mediar essa socialização, e para isso é preciso compreender o universo do surdo, buscando sempre preparar seus profissionais teoricamente, e esse é um grande desafio.

> Acredito que um grande desafio para os professores, educadores e psicopedagogos é manter a busca incessante da compreensão do universo em que as crianças deficientes auditivas estão inseridas, que é um universo muito diferente do universo dos ouvintes (CARMO, 2001, p.157).

Muitas pessoas com deficiência conseguem quebrar tabus e tornarem-se autônomas, dona de sua própria vida. Como exemplo a professora Moura que tem síndrome de Down; ela foi uma pessoa que teve a oportunidade de ter uma vida escolar integrada com as demais crianças e soube aproveitar a riqueza que isso lhe proporcionou (MOURA, 2005). Este é apenas um exemplo que quando queremos e nos são dadas as devidas oportunidades, a deficiência se torna uma limitação como outra qualquer, e o efeito da inclusão consciente só pode ser benéfico. Sem contar que o processo de inclusão não traz efeitos positivos somente para o deficiente, mas para todos os envolvidos, pois permite que aprendam a conhecer e respeitar o novo, o diferente.

> Aprender a conhecer, consiste em adquirir os instrumentos que se requer para a compreensão do que nos cerca. Para isto, deve-se combinar o conhecimento de uma cultura suficientemente ampla, com algo mais objetivo, concreto referido de uma determinada matéria. Não se trata, portanto, de adquirir conhecimentos classificados e codificados, senão de ajudar a cada pessoa a aprender e compreender o mundo que a cerca, para viver com dignidade, desenvolver suas capacidades profissionais e comunicar-se com os demais. Isto supõe aprender a prender, exercitando a atenção a memória e o pensamento, aproveitando as possibilidades que a educação oferece ao longo da vida, posto que o processo de aquisição do conhecimento está sempre aberto e pode nutrir-se de novas experiências (SANCHEZ, 2005 p. 10).

Devemos nos dar então a oportunidade para conhecer e compreender o novo, o diferente, e, principalmente, deve ser dada também a chance para tirarmos as nossas próprias conclusões sobre esse fato novo, e não simplesmente incorporar conceitos prontos.

3.3.2. A inclusão como perspectiva para um futuro melhor

Analisando os efeitos da inclusão podemos observar também as expectativas que as mães tem hoje após a inclusão, acerca dos filhos surdos, a grande maioria demonstraram entusiasmo com relação ao futuro dos filhos,acreditando que eles vão conseguir ter uma vida normal e independente.

> **Ent:** é... assim as expectativas para o futuro dele
>
> **Mãe:** há... eu creio que meu filho vai ser muito feliz... que ele vai conseguir todos os objetivos dele... por que ele é muito inteligente... ele tem muitos sonhos... muitos sonhos

[

Ent: a senhora ACREDITA mesmo assim que ele vai conseguir trabalhar assim normalmente ganhar o dinheiro dele... ser uma pessoa independente assim?

Mãe: eu acredito... acredito plenamente ... por que hoje se eu mesmo quisesse tirar essa pensão que é do INSS... por que só vai tirado se eu assinar por que... foi feito como ele era... alem da deficiência ... criança sem o pai ... então mais eu tenho medo hoje... se eu tirar ele vai ... por que ele vai... ele vai ingressar no mercado de trabalho... por que ele é muito inteligente... ele nunca fez um curso para ele ficar- - chegar no final do curso decepcionado (Entrevista D,p.8 linhas 334 a 346).

Retirando as que não demonstraram isso claramente, apenas uma das mães, mais especificamente da entrevista E, não acredita em nenhum momento que o filho possa vir a ter uma vida normal.

Ent: assim as suas expectativas a respeito do futuro do Leandro assim a senhora acha que ele pode desenvolver para arrumar um servi::co... sinceramente... eu quero saber...

Mãe: eu vou ser sincera para você não

Ent: acha que não?

Mãe: não... ainda mais se eu ficar aqui em M... eu acho M mui::to... mui::to difícil para ter um desenvolvimento maior ((desenvolvimento com relação a apoio profissional para Leandro)) nos casos especiais... muito especiais... por que o Alessandro ele é um caso especial... passou de especial... por que tem uns casos que desenvolve mais rápido... e ele... acho que precisa de outra técnica para trabalhar com ele... e se agente continuar aqui... nessa coisinha aí dessa escola né a noite pela manhã que ele vai... não tem muito desenvolvimento nenhum para... para... para poder trabalhar com o aluno entendeu...ele não vai desenvolver... ele não vai conseguir trabalhar... ele não tem... ele não tem assim - - eu vejo nele que ele não consegue mesmo... (Entrevista E,p.6 e 7, linhas 268 a 283).

Podemos perceber nesse trecho da entrevista que a mãe tem consciência do acompanhamento especializado de que o filho precisa, mas ao mesmo tempo demonstra uma total falta de confiança na capacidade de aprendizado dele, e usa a falta de estrutura das instituições educacionais para justificar essa falta de expectativas. Essa mãe, na realidade, alega que o filho também teve uma arritmia

cerebral,que segundo os médicos deixaram seqüelas mínimas, então a mãe utilizou esse fato para a super-proteção do filho durante muito tempo.

> **Mãe:** mais ele não gosta de sair não... ele não gosta de sair sozinho né... e eu nem...- - aí ficou assim né... ele é muito caseiro não sai... mais talvez se eu tivesse deixado... mas não tinha como... as vezes o professor cobra isso de mim
>
> **Ent:** por que aí ele ia saber se virar mais sozinho... ele se relacionava mais com as outras pessoas
>
> **Mãe:** humrum .... as vezes os professores cobram... "à a senhora devia ter deixado mais" mais eu não via... eu não tinha segurança para mim deixar ele só né... eu olhava assim para ele... eu não achava que ele estava realmente preparado
>
> [
>
> **Ent:** preparado (Entrevista E, p. 7 e 8, Linhas 325 a 335).

A autonomia é fundamental para que a pessoa surda sinta-se capaz, com todos os direitos e obrigações, como qualquer cidadão, a socialização é fundamental nessa conquista pois favorece a troca de experiências.

> A autonomia e a independência da criança com deficiência serão constituídas a partir das suas interações sociais e, principalmente, a partir de interações que sejam favorecedoras dessa autonomia e independência (BATISTA e FRANÇA, 2007 p.120).

Enfim, o surdo, assim como muitas pessoas com deficiência é perfeitamente capaz de ter uma vida normal, claro, dentro do seu limite, assim como qualquer ser humano. O que está faltando é a conscientização tanto dos pais quanto da sociedade de enxergar as pessoas como únicas, subjetivas, seres que diferem em ideais em religião, cultura, aparência física,cor, raça, moral. Cada pessoa tem sua maneira única de ver o mundo ao seu redor, e como ninguém é perfeito, cada um tem seu limite quando se trata de capacidades, tanto físicas como intelectuais.

A inclusão deve favorecer a socialização, por que em todos os momentos de nossa vida nós precisamos nos relacionarmos nos comunicarmos, seja no campo profissional ou no circulo de amizades, enfim a inclusão como socialização só pode trazer benefícios, boas perspectivas para futuro. É através da socialização também que conseguimos criar nossos próprios conceitos e construir nossa autonomia o que garante um futuro promissor também, pois inclusão quando realizada de forma

consciente, não apenas para colocar alunos com deficiência em sala de aula regular pode ter um bom reflexo na vida da pessoa com deficiência.

Percebemos então, que as mães acreditam que a inclusão pode trazer e trouxe aos filhos surdos efeitos positivos, favorecendo na socialização, o que reflete em outras situações, como: conquistas profissionais, levando assim à autonomia financeira, e melhora nas relações com as pessoas, tendo a oportunidade de construir sua própria família, independente da outra pessoa ser surda.

Depois de analisadas essas três categorias, temos então subsidio suficiente para chegarmos a concepção de inclusão das mães, assunto que será tratado na próxima categoria.

3.4. CONCEPÇÃO DE INCLUSÃO

Analisando as concepções anteriores, podemos perceber que algumas mães não tinham conhecimento maior sobre inclusão. As mães comentaram a respeito da reação do outro diante das diferenças, o que levou no decorrer das entrevistas, à conclusão de que, a inclusão na visão de algumas mães **é uma forma de despertar a atenção das pessoas para as diferenças.** Em alguns momentos das entrevistas as mães deixaram implícito que os filhos estudarem em uma escola regular significaria provar que eles são iguais a todos; é quando a **inclusão assume um papel de busca pela igualdade.**

Analisando as entrevistas, observamos que algumas mães apresentam pouco conhecimento sobre inclusão, mesmo os filhos já tendo uma idade (18 a 29 anos) que possibilitaria esse aprofundamento sobre o assunto.

Ent: ... e assim e ele... freqüentou a escola regular?

Mãe: ...ai ele começou a estudar lá no colégio na roça - - vamos botar para estudar porque ele não pode ficar sem estudar só que lá na roça não tinha aula para ele própria que ele podia estudar... igual aqui em M. né aí ele ficou dois anos lá estudando

Ent: junto com os outros meninos ?

> **Mãe:** junto com os outros... eu conversei com a professora dos outros alunos ...((outros alunos ditos normais)) aí ela aceitou ele... ai.. .estudo::u - - foi mais de dois anos ... fo::i assim uns cin::co.. seis anos... (Entrevista A, p.2, Linhas 61 a 70)

Nesse trecho da entrevista, percebe-se uma preocupação da mãe apenas em matricular o filho para não ficar sem estudar, pois como não havia escola especial, era o que podia ser feito, não por que houvesse uma consciência acerca da inclusão, mas apenas para que o filho não ficasse analfabeto, levando em consideração que Lucas, o filho da entrevistada "A", tem vinte e nove anos hoje, e que a família morava no interior, é bem compreensível que há vinte e nove anos atrás não houvesse um entendimento maior acerca do assunto.

A falta de conhecimento dos pais sobre o assunto interfere negativamente no sucesso da inclusão de uma criança surda, pois quanto maior e mais precoce é o conhecimento sobre as possibilidades que o filho tem de ter uma vida "normal", maior a chance disso acontecer no tempo certo, com menores prejuízos na aprendizagem. Isso significa que a criança terá grande possibilidade de passar por uma escola regular na idade adequada, chegando a idade padrão de escolher uma faculdade e em seguida tentar ingressar no mercado de trabalho. A vigilância dos pais na detecção da surdez é de grande valor para um diagnóstico precoce e desenvolvimento pleno da criança.

> Um deficiente auditivo pode ter um desenvolvimento da linguagem e do aprendizado semelhante ao do ouvinte normal, desde que seja devidamente estimulado. Por outro lado, a reabilitação inadequada, insuficiente ou tardia pode reapresentar déficits irreversíveis (ALMEIDA *in* FONSECA, 2001 p.95).

Assim o diagnóstico precoce, é fundamental, pois possibilita uma escolha da família ao tipo de tratamento que vai dar ao filho, e um conhecimento sobre as reais possibilidades que ele tem de levar uma vida feliz, dentro de suas limitações. Quando uma família perde a oportunidade de diagnosticar precocemente a surdez, pode ocasionar sérios problemas no futuro do surdo.

3.4.1 Inclusão como forma de despertar a atenção das pessoas para as diferenças.

Podemos perceber nesse tópico que já aparece uma conscientização de como a inclusão é importante para a vida de todos.

Ent: humrum... e assim no José Bonifácio ela estudar no José Bonifácio ela estudar em uma escola regular... contribuiu para ela ta nesse serviço agora que ela ta ... a senhora acha que contribuiu ajudou para ela ta nesse serviço que ela ta?

[

Mãe: contribuiu sim... e muito... por que hoje graças a deus... a educação ela... ela... fez ... esse... como é que eu quero dizer? me ajuda... se eles estudar na sala

Ent: (incompreensível)

Mãe: assim junto com outros ditos normais né

[

Ent: humrum... que é a inclusão

[

Mãe: que é a inclusão né/ que chama ... então... eu achei isso aí ótimo... por que? por que isso aí faz com que os alunos normais né?

Ent: humrum

Mãe: que somos nós

Ent: humrum

Mãe: para que eles saibam que eles não podem viver... no mundo deles separado

Nesse trecho da entrevista C, é perceptível uma maior preocupação com a inclusão. Essa mãe acha bastante importante a filha ter começado desde criança a estudar em sala regular, por que para ela é uma forma de despertar a atenção das pessoas, para o fato de que existem pessoas com limitações diferentes das nossas. Percebemos então uma relação com a concepção de deficiência, onde ela

deixaria de ser algo estranho, alheia a sociedade para se tornar uma situação comum do dia a dia das pessoas, o que pode diminuir o estranhamento e o preconceito contra a pessoa com deficiência, principalmente na escola, já que a convivência ocorrerá desde cedo, pois em muitos casos as pessoas se fecham para o novo, por não têm sido criados em uma cultura que valorize a diversidade. Silva retrata bem isso: "O individuo preconceituoso fecha-se dogmaticamente em determinadas opiniões, sendo assim impedido de ter algum conhecimento sobre o objeto que o faria rever suas posições e, assim, ultrapassar o juízo provisório" (SILVA, 2006. p. 426).

É de grande importância essa consciência da mãe, mas é importante também pensar nas vantagens que a inclusão deve ter para o surdo, em como a escola está se adaptando, tanto no espaço físico como teórico para adequar-se as condições reais do surdo. Góes e Laplane falam de uma pesquisa a respeito da inclusão de duas crianças com deficiência auditiva, onde isso é bem retratado.

> Na verdade, o ensino oferecido à classe era muito insatisfatório. Diante de tudo isso, os próprios sujeitos surdos usavam "estratégias de inclusão" para se manterem na escola: atentos ao que os outros faziam e seguindo suas ações, tentavam cumprir os rituais de aula, mantendo uma simulação de acompanhamento das atividades (GÓES e LAPLANE, 2007 p. 71 - 72).

Então é por esses e outros motivos que as mães devem estar atentas para perceber até que ponto a inclusão escolar do filho surdo está de fato favorecendo para o seu desenvolvimento intelectual, social, motor, enfim desenvolvimento integral.

Quando foram analisados os efeitos da inclusão, pudemos perceber como está essa consciência das mães a respeito desse assunto, onde elas ressaltaram a socialização como um ponto importante no processo de inclusão escolar, mas em outros pontos houve contradições, mostrando maior interesse em outros aspectos da aprendizagem dos filhos surdos. A inclusão como contribuição para a socialização deve ser favorável às duas partes, tanto as pessoas com deficiência, quanto para os ditos normais, alcançando, assim, o desenvolvimento enquanto cidadão consciente das diferenças existentes entre nós, não só as diferenças das pessoas com deficiência, mas como seres humanos únicos que somos, cada um

com suas limitações, seu modo de interpretar o mundo; ou seja, temos que compreender que todos são diferentes.

3.4.2. Inclusão como busca de igualdade

Pudemos perceber também uma preocupação da mãe para que o filho seja visto como "normal", e a escola assume um papel importante nessa tentativa como fica claro no trecho da entrevista "D". Pudemos perceber que a rotulação que aparece quando é analisada a percepção do preconceito, pode agravar mais ainda essa situação, pois as mães podem se sentir mais ansiosas para que os filhos surdos mostrem resultados na escola, e assim provar que eles não se definem apenas pela deficiência.

> **Ent:** alem de ta com a Marta tendo uma educação assim mais específica para ele... mais ao mesmo tempo ele ter um relacionamento na escola junto com os outras crianças... a senhora acha que é importante?
>
> **Mãe:** é muito importante... por que isso? por que... é para ele saber que ele é igual as outras pessoas... que ele pode conviver na sociedade junto com as outras pessoas- -(Entrevista D,p.3 Linhas 114 a 119)

Todos nós temos limitações, mas achamos de grande valor que os pais de alunos com limitações sensorial como é o caso do surdo, tenham consciência de que o filho, no que se refere à educação tem uma limitação maior que de algumas pessoas, e para que ele tenha uma vida mais digna, com seus direitos preservados, é necessário principalmente na escola que lhes sejam dadas condições para se desenvolver, o que pode implicar em tratamento diferenciado quando for o caso.

> Sem alterar o delineamento do currículo e as metodologias, sem estabelecer esquemas de suporte efetivo ao professor, escola não responde ao compromisso com o desenvolvimento e a aprendizagem dos indivíduos diferentes (GÓES e LAPLANE, 2007, p. 74).

Não podemos confundir tratamento diferenciado por direito, com o preconceito. Como a língua de sinais não é ensinada na escola para todos os alunos como uma disciplina e o professor muitas vezes não domina essa língua, o surdo necessita de um apoio especializado para evoluir mais na aprendizagem. Da mesma

forma, acontece quando qualquer aluno não vai bem em matemática por exemplo,e necessita de um reforço extra classe. É nessas horas que temos que perceber onde está o preconceito, se é em nós mesmos ou nas outras pessoas, pois tendemos a ver a deficiência como uma debilidade insuperável. É nesse sentido que a deficiência acaba sendo vista como limitação, algo fora do normal e ela por si só se torna um alvo para o preconceito.

> A condição das pessoas com deficiência é um terreno fértil para o preconceito em razão de um distanciamento em relação aos padrões físicos e/ ou intelectuais que se definem em função do que se considera ausência, falta ou impossibilidade. Fixa-se apenas num atributo da pessoa, tornando a diferença uma exceção (SILVA, 2006, p.427).

Incluir o aluno com deficiência, não significa que ele não possa ter um apoio fora do seu horário normal de aula, Will reforça bem isso: "todos os alunos deveriam ser inseridos em classes comuns das escolas comuns, sem descartar a necessidade de manutenção dos serviços de ensino separados" (WILL *apud* MENDES, 2006, p. 07-08).

É necessário que as mães tenham essa consciência que seus filhos precisam e devem ter um tratamento diferenciado, pois isso pode garantir o seu desenvolvimento pleno, embora dentro de suas limitações. Por isso precisamos está atentos aos avanços dos filhos, que podem não ser os desejados pelos padrões preestabelecidos, mas para eles podem ser avanços significativos.

Quando falamos em inclusão como meio de despertar a atenção das pessoas para as diferenças, não podemos ao mesmo tempo fazer isso e buscar a inclusão como igualdade, pois se acreditamos nas diferenças existentes entre cada ser humano, temos que aceitar e conviver com essas diferenças, seja ela qual for. Não podemos colocar os filhos com deficiência na escola simplesmente para eles serem iguais, mais sim para eles têm a mesma oportunidade de progredir que os outros, para eles desenvolverem sua singularidade, por exemplo: não podemos exigir que uma criança que tem grande facilidade em aprender matemática, consiga compreender tão bem quanto o colega de turma a língua portuguesa, pois somos seres com capacidades individuais, nesse sentido não podemos acreditar que o

surdo ao entrar na escola regular se torne igual aos ditos normais, se nem esses são iguais.

Podemos perceber então que as três categorias analisadas; concepção de deficiência, percepção do preconceito e efeitos da inclusão estão inter-relacionadas, e permitem a formulação da quarta e ultima categoria, que e a concepção de inclusão das mães. Na concepção de deficiência, as mães mostram seus medos, e a super proteção que pode impedir seus filhos surdos de construir sua autonomia, quebrar barreiras e vencer o preconceito. Ao mesmo tempo têm uma expectativa muito grande acerca da inclusão, e acreditam que após a inclusão os filhos podem ter um futuro melhor, ser relacionarem melhor com as pessoas. Todos esses medos e expectativas se juntam ao entender a inclusão como busca de igualdade e na inclusão como forma de despertar a atenção das pessoas para as diferenças.

No próximo capítulo, retornaremos aos objetivos da pesquisa, relacionando-os com as categorias analisadas e avaliando os resultados obtidos.

4. ANALISANDO AS CATEGORIAS E SUAS RELAÇÕES (A TÍTULO DE CONCLUSÃO)

O objetivo geral dessa pesquisa era analisar a concepção das mães sobre inclusão. Para isso, foram propostos objetivos específicos que nortearam a questão, como: saber o que as mães entendem por deficiência, seu posicionamento diante do preconceito, dentro e fora de casa, e levando em consideração o histórico de vida dos filhos surdos, que já são adultos, quais os efeitos que a Inclusão escolar causou na vida deles.

Sobre a **concepção de deficiência**, ficou claro que as mães entrevistadas acreditam que a deficiência é uma barreira muito grande, e demonstram em algumas falas o medo que enfrentaram e ainda enfrentam de dar mais liberdade aos filhos, acreditando que a surdez os torna mais ingênuos que as outras pessoas. Preocupam-se mais com eles do que com os outros filhos, por medo, pois como os filhos surdos não sabem se comunicar direito, na linguagem oral, os mães acreditam que eles possam vir a ser facilmente enganados por outras pessoas, e isso gera um comportamento de super proteção. Mas como todos os filhos das entrevistadas têm a idade adulta, (acima de dezoito anos) algumas mães já conseguiram respeitar mais a autonomia do filho, outras estão em processo de transição dessa fase.

A busca por educação acaba deixando de lado a construção da autonomia e ocorrendo mais no sentido de que os filhos possam se tornar "normais", mesmo buscando a escola regular para matricular os filhos e dizendo que a socialização é importante para eles se desenvolverem melhor, não o fazem como algo de direito como é garantido por lei, mais sim como forma dos filhos alcançarem os padrões de normalidade, impostos muitas vezes implicitamente pelas normas da educação.

Durante as entrevistas, as mães demonstraram preocupação com o fato do filho não ser considerando normal pela sociedade e também por alguns membros da família. É quando aparece **a percepção do preconceito,** onde as mães demonstraram uma inconformidade por seus filhos serem vistos, não como uma pessoa com nome e sobrenome, com capacidades e potencialidades, mas apenas

como mais uma pessoa que faz parte de um grupo diferente, fora dos padrões, o grupo dos surdos, do "mudinho", demonstrando inclusive indignação pela rotulação dada a seu filho.

A rotulação se transforma em um estigma, uma marca, que a criança vai carregar para o resto de sua vida, e isso vivenciado na escola pode se tornar um trauma para ela, e a inclusão para as mães, assume um papel de mostrar para essas pessoas sejam da família ou não, que o filho é capaz de ler, escrever, trabalhar, e ao matricular o filho na escola, a maior preocupação é essa. As mães, querem ver resultados, não refletindo muito sobre as condições que os filhos precisam para uma educação que lhes proporcione um aprendizado para a vida social.

Quando são analisados os **efeitos da inclusão escolar,** aparece uma contradição nessa questão, pois ao ser perguntado o que melhorou após a inclusão do filho os aspectos mais ressaltados foram: a socialização, e maior responsabilidade, enfim algo mais voltado para o lado social da vida, sendo que no decorrer das entrevistas elas enfatizaram com veemência a preocupação básica da maioria das mães: que os filhos aprendessem a ler, escrever e fossem aprovados.

Todas essas temáticas relacionadas compõem a quarta e última categoria, **a concepção de inclusão.** A superproteção das mães por conta da surdez, observada na concepção de **deficiência**, acaba interferindo negativamente no processo de inclusão, por que a família é muito importante na construção da personalidade do ser humano. Assim essa pessoa poderá encontrar dificuldades em construir com autonomia uma vida de relações. Também, ao analisar **o preconceito** dentro da própria família, vê-se que é um fator, assim como a superproteção, que pode limitar as relações e capacidades da pessoa com deficiência, refletindo também no processo de inclusão. Infelizmente, as mães não mostraram consciência dos efeitos da superproteção, tanto que ao falar **de inclusão escolar,** a grande maioria se preocupa com o fato dos filhos, segundo elas, serem "anormais" e exigirem maiores cuidados. As mães acreditam que a inclusão foi bastante positiva para os filhos, pois permitiu que eles conseguissem se relacionar melhor com as outras pessoas, aumentou as chances de eles têm uma vida normal e independente,

ou seja, trabalhar, ter família, atividades e realizações de qualquer pessoa, demonstrando assim que têm expectativas positivas acerca do futuro dos filhos.

A inclusão escolar é uma discussão nova no Brasil, e precisa ser disseminada, para que todos, independente de suas limitações tenham os seu direito à educação garantido, pois o que deve ser igual não são as pessoas mas as oportunidades que lhes são dadas. Por isso a visão das mães acerca dessa inclusão escolar é tão importante, pois através dessa visão podemos perceber o esclarecimento das pessoas mais próximas da pessoa surda, sobre o andamento desse processo, e como está chegando a essas pessoas a idéia do que seja a inclusão escolar.

Em todo processo educativo, a família entra como um apoio, um elo, o processo educativo do surdo não deve ser diferente, o que deve ser diferente são as metodologias que serão utilizadas, por isso não basta colocar o filho para aprender LIBRAS em um horário e no outro freqüentar a escola regular, deve haver um elo normal entre escola e família, como procurar saber o comportamento do filho constantemente, o seu desenvolvimento, e principalmente envolver o máximo de pessoas da família no processo de aprendizagem de LIBRAS, para que as relações não sofram nenhuma perda.

Enfim, ter um filho deficiente na sociedade em que vivemos, como já foi dito antes, não é fácil, é preciso coragem e disposição, pois o estranhamento e o preconceito não deixarão de existir tão cedo. Um dos fatores, que acreditamos que pode ajudar na caminhada contra esse preconceito, são pesquisas que permitam analisar esse quadro e tentar fazer com que as pessoas entendam que todos são diferentes, não somos produzidos em série, em formas iguais, e que a grande qualidade do ser humano é justamente essa: a diferença.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Roberta Ribeiro. Diagnóstico precoce da deficiência auditiva. In: FONSECA, Vera Regina J. R. M. (org). **Surdez e deficiência auditiva:** a trajetória da infância à idade adulta. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ANJOS, Hildete Pereira dos. ANDRADE, Emmanuele Pereira de. PEREIRA, Mirian Rosa. **A Inclusão escolar do ponto de vista dos professores:** o processo de constituição de um discurso (no prelo), 2008.

ARAÚJO, Marcelo Markes; MAGALHÃES, Celina Maria Colino. O lúdico e a educação infantil. **Revista Psicologia e Profissão**. São Paulo. Ano XXI, nº 24, p. 26-57, agosto/setembro, 2003.

BATISTA, Sérgio Murilo. FRANÇA, Rodrigo, Marcelino de. Família de pessoas com deficiência: desafios e superação. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**.disponívelem:<www.icpg.com.br/hp/download.exec.php?rpa_have=515b87acd aed832cd55> Acesso em 20 mar. 2008.

BRASIL, **Constituição da República Federativa**. São Paulo: NDJ , 1998.

CARMO, Sônia Maria do. O período escolar. In. FONSECA , Vera Regina J. R. M. (Org). **Surdez e deficiência auditiva:** a trajetória da infância à idade adulta. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília 2ª edição: Liber Livro Editora, 2007.

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob. **Caminhos Pedagógicos da Educação Especial** (orgs.). 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GLAT. Rosana. **Uma família presente e participativa:** o papel da família no desenvolvimento e inclusão social da pessoa com necessidades especiais. 2004. Disponível em <http:// www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br>. Acesso em 14 jan. 2008.

GOES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. **Políticas e prática da educação inclusiva** (orgs.). 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil**: Histórias e políticas. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Identidade dos alunos com necessidades educacionais especiais no contexto da política educacional brasileira.** 2005. Disponível em <http://intervox.nep. utrj.br/~elizabet/identidade.htm>. Acesso em 20 mar. 2008.

MENDES, Gonçalves Enicéia. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Set/dez 2006. v. 11. n. 33, p. 387-405.

MILLER, Nanci B. **Ninguém é perfeito**. Campinas-SP: Papirus, 1995.

MONTE, Francisca Rosineide Furtado. SANTOS, Idê Borges dos. **Saberes e praticas da inclusão**: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção dos Direitos da Pessoa com deficiência**, 2006. Disponível em <www.bengalalegal.com/convencao.php>. Acesso em 04 set. 2008.

PEREIRA, Marilú Mourão. **Inclusão escolar:** um desafio entre o ideal e o real. Disponível em <http://www.pedagobrasil.com.br/educacaoespecial/inclusãoescolar>. 2005. Acesso em 16 out. 2007.

QUADROS, de Ronice Muller. **Políticas Lingüísticas educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações**. Cadernos do Cedes/ Centro de estudos Educação Sociedade- Vol. 1, n. 1 -SP.Cortez Campinas 1980.

REGO, Simone de Lourdes Arruda. SOARES, Valéria Leite . **A família e a deficiência:** traçando um paralelo com o filme Meu pé Esquerdo. Disponível em <http//www4mackenzie.br/fileadmin/pos_graduação/mestrado/distúrbios_do_desenvolvimento/ publicações/volume_III/005.pdf>. Acesso em 9 jun. de 2008.

RIOS, Demerval Ribeiro. **Dicionário de sinônimos e antônimos**. 1º ed. São Paulo, DCL: 2005.

SÁNCHEZ . Pilar Arnaiz. **A educação inclusiva:** um meio de construir escolas para todos no século XXI . Disponível em http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao3.pdf. Acesso em 15 jun.2008.

SASSAKI, Romeu Kasumi. **Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: W. V. A 1997.

SILVA. Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e xeperiência. **Revista Brasileira de Educação.** v.11 n.33 set./dez. 2006

STREDLER-BROWN, Arlene. Programas de intervenção precoce. In: FONSECA, Vera Regina J. R. M. (Org). **Surdez e deficiência auditiva:** a trajetória da infância à idade adulta. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PRETI,Dino (org.). **Analise de textos orais**. 3 ed. São Paulo: Humanitas Publicações/ FFLCH USP, 1997.

ANEXOS

Anexo- A

Mãe: ele é um dos primeiros filhos meus primeiros filhos que eu tive né / que são três são a Marina o Pedro e o Lucas né --ai ele((Pedro filho com problemas auditivos)) é o primeiro ele nasceu com problema de voz e... de... surdez... só que eu não sabia que ele era surdo-- porque eu morava na fazenda tinha muitas dificuldades né... morava na fazenda - - daí com passar do tempo que o patrão nosso descobriu que ele tinha esse problema no ouvido...

Ent: a senhora não percebeu assim alguma coisa...? ....

não era o primeiro filho né não era bem ...

Ent: e ele era com qual era a idade dele nessa época ?

Mãe: ele tava com... dentro de do::is pra três anos já começando a falar mais só que tudo que ele queria ele não falava... ele me puxava pela saia (incompreensível) enfim eu não sabia né...

Ent: ai você percebeu também logo nesse inicio a... ((se percebeu logo a deficiência))

Mãe: dai o patrão nosso... que era o seu Bento chegou e falou chamou ele... daí ele não atendeu né... aí ele falou "JOANA você não desconfiou que o Lucas não ouve não?" Eu falei não seu Bento ele falou "ele tem problema de... de... audição..." eu falei será seu Bento? ele falou "tem pode mandar olhar quando você estiver podendo que tem" --lá nós levamos ele para Araguaina ele passou... dois meses em Araguaina fazendo tratamento... lá o médico marcou uma cirurgia para ele

Ent: fez a cirurgia ?

Mãe: chegou a fazer não...marcou uma cirurgia para ele porque ele tinha uma pequena parede na língua né... - - aí eu tava na roça e o José com ele em Araguaina

Ent: que é o pai dele?

Mãe: é- - eu com os outros dois pequeno em casa na roça e o José em Araguaina o pai dele com ele né - - ai marcaram a cirurgia e ligaram para mim ... que iam fazer essa cirurgia - -eu falei a meu deus do céu ... se for coisa que precise deus encaminhe essa cirurgia... se for que não precisa deus não deixa fazer essa cirurgia... ai passou mais uns três dias ligaram dizendo que não iam fazer mais essa cirurgia...

Ent: ai falaram por que não iam ?

[

Mãe: aí disseram que com o tempo ele ia falar né ai eu fiquei ate mais animada né falei graças a deus que já saiu dessa cirurgia

Ent: mais assim...aí com o passar do tempo assim... como foi quando vocês descobriram ... a família ficou... alguém ficou assim ... o pai ficou ...assim um pouco assim não aceitan::do...

Mãe: a gente ficou... meio assim... constrangido nós falou...meu Deus meu deus é a vontade de deus né

Ent: como que vai fazer né com ...?
Mãe: né / é que agente não queria que fosse assim né... pois é... a gente pensava que vinha um menino saudável que falasse... que não tinha problema né... / ai eu falei é mais deus quis assim fazer o que né....
Ent: é... mais em nem um momento então o seu mari::do... ou alguém da sua família ...
Mãe: não
Ent: falou assim ...?
Mãe: discriminou?
Ent: é
Mãe: não graças a deus todo mundo aceitou ... e aqui em casa ele é um menino assim mui::to... muito... assim ... amoroso todo mundo quer bem ele ... nossa...
Ent: ... e assim e ele... freqüentou a escola regular?
Mãe: ...ai ele começou a estudar lá no colégio na roça - - vamos botar para estudar porque ele não pode ficar sem estudar só que lá na roça não tinha aula para ele própria que ele podia estudar... igual aqui em Marabá né aí ele ficou dois anos lá estudando
Ent: junto com os outros meninos ?
Mãe: junto com os outros... eu conversei com a professora dos outros alunos...((outros alunos ditos normais)) aí ela aceitou ele... ai.. .estudo::u - - foi mais de dois anos ... fo::i assim uns cin::co.. seis anos...
Ent: ...e ele passava de série normalmente... que nem os outros?
Mãe : passava não... passava não... rolou uns cin::co... seis anos para ele sai da primeira série dele né.
Ent: e a professora dizia o que?
Mãe: a professora dizia "Joana é assim mesmo só que aqui não é o colégio próprio do Lucas mais vou deixar porque ele fica no meio dos outros meninos ele se anima né" ... que era a professora (incompreensível) que foi a primeira professora dele a professora (incompreensível) aí foi o tempo que... eu mandei ele aqui para Marabá ...veio - - os outros irmãos dele veio estudar e eu botei ele junto também - - não... lá ele passou de ano... começou passando não era com as notas boas não... mais a professora deixava ele né aí quando ele saiu de lá ele já tava assim com ... ele já tava assim ... com... quin::ze ...anos por aí assim... quatorze para quinze anos aí veio para cá- - foi no colégio da Maria aqui você sabe quem a Maria? A professora Maria?
Ent: sei... é....
Mãe: colégio Renascer?
Ent: sei sei ela foi minha professora
Mãe: foi ?
Ent: foi...
Mãe: ela morou com ele... ele morou com ela dentro de casa três anos... aí foi o tempo que arrumamos esse colégio aqui - - indicaram o colégio da Francisca né

Ent: aí ele tava com - - qual a idade dele nesse tempo?
Mãe: ele tava com... tre... quatorze para quinze anos
Ent: quando conheceu a Francisca ?
Mãe : quando conheceu a Francisca - - ou tinha mais... só nessa faixa assim
Ent: e ele ta com quantos anos agora ?
Mãe: menina ele já tem - - o Lucas tem 27 (vinte sete anos) se não tivesse com uns vinte anos por aí assim.. ou dezoito... quando foi para o colégio da Francisca - - eu não tenho nem bem lembrança mais não... faz tempo
Ent: e aí ...a senhora acha que depois que ele começou a estudar com a Francisca melhorou?
Mãe: aí ele desenvolveu
Ent: melhorou muito?
Mãe: melhorou... Virgem Maria .. a Francisca foi uma benção na vida dele aí ele começou a ir para o colégio da Francisca e.. começou a ter as aulas de sinais lá dentro e graças a Deus ele...
Ent: e... ao mesmo tempo que ele tinha aula de sinais ele fazia ... aulas... normais
Mãe : normal ...
Ent: e aí ele terminou já ?
Mãe: não agora ele vai fazer agora o.... - - ta terminando o ano para fazer agora o... onde é que você falou que tá ... na universidade?
Ent:: é...
Mãe: ele vai fazer esse ano lá ...
Ent: ele ta fazendo o terceiro ano para fazer a prova para passar para universidade?
Mãe: isso...
Ent: e a senhora acha que... que... favoreceu para ele ta estudando é... junto com as outras crianças ... ?
Mãe: favoreceu...
Ent: junto com os outros adolescente ... junto com as outras crianças?
Mãe: melhorou ...
Ent: como assim a senhora acha que Melhorou assim ?
Mãe: melhorou assim... devido ele ta no meio das outras crianças... ele não é discriminado na sala de aula todos eles gostam muito dele... e quando ele- - tem vez que ele vem... pede força para Francisca né- - por que lá pode te muitas coisas que ele não da conta só né tem que voltar... e lá com a Francisca né... para ela da força para ele de alguma coisa que ele não sabe né
Ent: aí a senhora tem contato sempre teve contato com a escola que ele estuda regular ...os horários que ele estuda com os professores que ele estuda ou não ?
Mãe: não ...
Ent: não né?
Mãe: não... depois que ele passou a estudar a noite dificilmente eu vou no colégio dele... sempre não vem reclamação dele né graças a deus né

Ent: e assim... é ... qual a expectativa que a senhora tem para... vida dele assim... futura... o que que a senhora pensa que ele ainda pode conseguir ain - - que

Mãe: uma hora ele diz... ele diz não é eu... ele mesmo que fala para mim ele diz que quer ser professor... dá aula de sinais né... aí outra hora ele diz que quer ... é o que mais ele tem vontade é ser um professor para dá aula de sinais como ele né- - como ensina para ele

Ent: ele já trabalhou em alguma coisa assim ?

Mãe: de aula de sinais?

Ent: sendo qualquer coisa mesmo sem ser ...

Mãe: serviço que você fala ?

Ent: é qualquer serviço

Mãe: ele trabalhou no Boa Safra

Ent: trabalha ou já trabalhou ?

Mãe: ele saiu esse ano de lá (incompreensível)

Ent: ele trabalhou quanto tempo lá ?

Mãe: ele trabalhou dois anos e nove meses

Ent: e... e... com relação as outras coisa assim... namoro amizades dele ... as amizades

Mãe: as amizades dele são boa fia

Ent: assim ele não tem nem um problema para se relacionar com as amizades dele?

Mãe: não

Ent: por causa do problema dele de...

Mãe: não fia tem não graças a deus

Ent: e namoro ele já apresentou alguma namor...

Mãe: já ele já apresentou namorada dele já trouxe aqui em casa namorada dele.

Ent: então não tem nem um problema assim pra.... a vida dele ele segue normal mesmo?

Mãe: segue normal mesmo

Ent: mesmo com o problema que ele tem

Mãe: é

Ent: não empata em nada?

Mãe: é graças deus ele é um menino muito inteligente muito inteligente mesmo graças a deus um menino que não me da trabalho... de jeito nenhum... ele tem a hora para sair de casa e tem a hora para chegar... quando ele ta num lugar que ele vê que ta passando da hora dele chegar em casa ele cuida logo de da um jeito de da notícia... onde é que ele ta né ele num preocupa não

Ent: e assim... e teve algum tipo de preconceito assim algum dia por parte dos vizinhos... ou dos coleguinhas? que ele ficou triste que ele chegou em casa contando...

Mãe: não

Ent: alguma coisa assim ?

Mãe: não

Ent: que a senhora tivesse que intervir né?

Mãe: não
Ent: ir lá conversar com a pessoa?
Mãe: não... não graças a deus não...
Ent: nunca né ?
Mãe: nunca...
Ent: nem por parte da família..: a senhora disse que não teve também né?
Mãe: também não graças a deus não... é um menino que todo mundo trata ele muito bem e ele trata as pessoas também muito bem
Ent: é aqui assim sobre a Francisca o que agente falou ... a senhora achou ótimo o trabalho ela...
Mãe: a Francisca foi uma ótima professora para ele... aí meu deus se não fosse a Francisca... só deus
Ent: alguém da família conhece língua de sinais ...?
Mãe: incompreensível
Ent: é o jeito que eles se comunicam alguém conhece o alfabeto em... ?
[
Mãe: muito difícil
Ent: de vocês os irmãos dele?
Mãe: os meus mesmo nenhum entende
Ent: os meninos...?
Mãe: não a maioria eles tem os papeis com sinal os sinais- - quais são que ele ta dando né mais o que a gente se comunica com ele mesmo é falando com ele
Ent: é falando né
Mãe: é falando a gente fala mesmo... não é por sinais
Ent: tudo que vocês falam ele entende?
Mãe: entende
Ent: a comunicação é....
[
Mãe: a mesma normal
Ent: é boa do jeito que é ?
Mãe: normal... como se ele fosse normal no meio dos outros... ninguém trata ele assim como se ele tivesse problema no...
Ent: e no mercado de trabalho... a senhora acha que ele só conseguiu esse serviço por que ele tava lá... por que ele começou a estudar ou com a Francisca ou por que ele tava estudando mesmo regular em uma escola regular ...
Mãe: a dona Francisca deu muita força para ele
Ent: a senhora acha que se não fosse ele está estudando em uma escola regular ...?
Mãe: talvez ele não conseguia
Ent: o serviço que ele conseguiu né ?
Mãe: graças a deus eu agradeço muito a Francisca também ...
Ent: o relacionamento((da família)) a senhora falou que é bom né ?
Mãe: é normal graças a deus...

235 **Ent:** e assim se tiver alguma situação que a senhora queira me contar...
236 sobre ele algum caso curioso... alguma coisa...
237 **Mãe:** não filha até que não
238 **Ent:** (agradecimentos a disponibilidade de participar da entrevista)

ANEXO B

Ent: eu queria começar a senhora me contando... é... pode desligar a televisão?

Mãe: pode sim

Ent: a senhora me contando sobre- - a senhora sabe sobre o nascimento dele quando ele nasceu... como foi que a sua mãe rea::giu ... e tal como foi que ela descobriu... ?

Mãe: não... agente... agente veio descobrir... assim que o Fábio tinha problema assim já depois de seis meses... por que todo menino com seis meses ele já faz alguma zoada diferente.

Ent: humrum

Pais: e o som dele era sempre igual...não mudava aquela zoadinha que ele fazia

Ent: humrum

Mãe: aquele gritinho dele era sempre um só... aí agente ficou assim... ma::is a avó dele por parte de pai dele falou que não... que o pai dele quando veio falar já tinha dois anos de idade né... aí agente ficou naquela expectativa

Ent: humrum

Mãe: aí quando ele chegou com um ano...vimos que ele não falou... por que um menino com um ano fala... por que essa daí com um ano parecia uma ararinha com um ano... já

[

Ent: humrum

Mãe: falava tudo ((essa daí é sua neta que estava presente)) e ele não falava nada... era só um gritinho o tempo todo... aquele grito dele

Ent: e aí você percebeu também que quando vocês falavam com ele... ele num...?

Mãe: não agente não percebia isso

Ent: não né ?

Mãe: não

Ent: aí ela

[

Mãe: por que eu acho que isso agravou mais nele já depois dele já grandinho já.. que agente falava ele percebia agente chamava ele olhava tudo direitinho

Ent: aí levou ele no médico para saber ?

Mãe: agente levou ele já tava bem crescido já quando foi levar mesmo para descobrir assim o grau da...

Ent: da surdez ?

Mãe: hanram... ele já tava bem... acho que já estava ele já tava com uns dez anos eu acho

Ent: e assim a senhora lembra como sua mãe fi::cou como ela...

Mãe: não ele reagiu normal eu que fiquei estranha né... eu achava estranho aquilo ali para mim

Ent: não sabia como falar com ele?

Mãe: é não sabia como falar...até hoje que sou mãe dele... ele ta com o que vinte e nove anos... vinte e nove não ele fez foi... é vinte e nove mesmo... vinte e nove anos... até hoje é poucas coisas assim a minha filha que é mais nova que ele sabe conversar com ele tudo tudo... e eu é poucas coisas que eu sei conversar... ele já tem o segundo grau dele completo quando eu quero conversar com ele eu escrevo e ele escreve para mim

Ent: ele tem o segundo grau completo então né?

Mãe: terminou o ano passado ele

Ent: e ele sempre estudou junto com os outros alunos ?

Mãe: não ele estudou em sala especial... ele começou a estudar ele tava acho que ele tava deixa eu ver... com treze anos aí ele estudou na série especial quatro anos só com alunos que tinha esse problema assim que nem ele surdo mudo... aí depois de quatro anos que ele tava na sala especial ele começou a estudar junto com os a outros ((ditos normais)) quando ele passou para quinta série que ele começou a estudar junto com os outros alunos

Ent: e a... a... o pai dele as outras pessoas

Mãe: não o pai dele agente não tem contato com pai dele... só fez ele mesmo

Ent: e a mãe dele enquanto era viva conversava com ..?

Mãe: a minha mãe ... a avó dele ? era a que mais entendia ele era ela

Ent: a não você é a mãe dele?

[

Mãe: eu so a mãe dele... a minha mãe que criou ele

Ent: a ta... aí quem mais entendia ele era ela... por que ela que criou né?

Mãe: é

Ent: ta... aí ele começou a estudar em uma escola... antes disso ele estudava com a Francisca ? ((antes de começar na sala regular))

Mãe: com a Francisca foi com a Francisca que ele começou

Ent: até quatro anos ele estudava com a Francisca?

Mãe: com a Francisca

Ent: só que era só com ela não era com...

Mãe: só com a Francisca botaram outra professora a Natacilda...e eles não aceitaram nenhum deles... só estudavam com a Francisca eles

Ent: e... a...você sentiu alguma diferença nele depois que ele começou a estudar junto com os outros em alguma coisa assim acha que melhorou ?

Mãe: ele melhorou que ele ficou mais - - que ele era muito inibido assim ai ele desenvolveu mais junto com os outros

Ent: por que ele saiu daquele mundinho dele onde/ que era só ...

Mãe: é... só ele ali junto com os outros ((outros deficientes visuais)) aí ele melhorou

Ent: é... então contribuiu um pouco né esse negócio dele ta estudando junto com os outros((ditos normais)) você acha que contribuiu para melhorar a vida dele ?

Mãe: contribuiu muito

Ent: contribuiu assim por que ele amadureceu ele perdeu mais a vergonha de conversar com os outros ?

Mãe: isso

Ent : ta

Mãe: acabou aquela timidez que ele tinha

Ent: e assim... as suas expectativa com relação a ele ainda arrumar um serviço...se ele já arrumou se ele ta trabalhando?

Mãe: não ele é aposentado ele não trabalha mais..

Ent: mais nunca tentou?

Mãe: não... tentar a professora deles já botaram currículo aí... como já tem vários aí que já tão trabalhando... mais aí para ele já é mais difícil por que ele já é aposentado... aí tem uma barreira no meio por causa desse salariozinho que ele ganha sabe

Ent: que ou ele/ ele perde o aposento se ele arruma um serviço ?

Mãe: com certeza

Ent: é que nem outra mãe que eu tava conversando também... tem isso também

Mãe: por que... ele é inteligente ele faz tudo que os outros é capaz de fazer... ele faz...

Ent: a deficiência dele é só auditiva ?

Mãe: só auditiva

[

Ent: ele não tem deficiência mental ele não tem ?

[

Mãe: não

Ent: é só auditiva mesmo

[

Mãe: é só auditiva mesmo

Ent: é e com relação a amizade dele com as outras pessoas?

Mãe: é normal

Ent: ele tem muitos amigos que não tem deficiência auditiva?

Mãe: tem muitos amigos muitos mesmo

Ent: ele tem mais amigos que tem deficiência auditiva ?

Mãe: não ele tem mais amigos que não tem...

[

Ent: que não tem deficiência auditiva ?

Mãe: que não tem

Ent: e... com relação assim a namoro ?

Mãe: ((risos))a... isso aí eu tenho certeza... por que ele não para em casa

Ent: mais assim para trazer ?

Mãe: não para casa não... mais ele não para em casa o

Ent: a... então ele tem autonomia para sair quando ele que ?

Mãe: sai a hora que quer chaga a hora que quer...ele faz as compras dele sozinho ele vai para banco tira o dinheiro dele... ele mesmo vai nas lojas compra as coisas dele ele mesmo abre o crédito dele... ele mesmo sozinho

Ent: então ele tem uma autonomia boa mesmo...ele- - então esse negócio dele ta conversando com as outras pessoas .. por que o que eu percebi é assim... quando ele entra em contato com essa outras pessoas... que nem quando ele começou a estudar com os normais... ele começa a aprender a se comunicar com eles de alguma forma

Mãe: é

Ent: né e pelo jeito ele aprendeu mesmo por ele tem facilidade de chegar num lugar e dizer o que quer

[

Mãe: a gente já tem mais dificuldade de entender ele do que ele entender a gente

Ent: mais ele consegue se comunicar... por que você disse que ele chega num lugar e abre o crédito dele

Mãe: agora mesmo ele foi na loja sozinho... eu tava para Tucuruí passei uma temporada no rumo de Tucuruí...quando eu cheguei perguntei para tia dele a tia dele falou "não menina ele foi na loja comprou um fogão comprou uma geladeira..." ele mesmo foi lá abriu o crédito dele quando ele recebe o salário dele vai lá paga a mensalidade todo mês a prestaçãozinha dele

Ent: então ele é responsável com as coisas dele também ?

Mãe: é... gosta de usar só o que é bom...não gosta de andar de qualquer jeito... de jeito nenhum

Ent: é... já houve algum tipo de preconceito com relação a ele desde o nascimento?

Mãe: da família não... mais de gente de fora sempre

Ent: um exemplo assim

Mãe: sempre tem... principalmente no colégio assim... por que os meninos vê apelidam sabe... faz graça da cara sabe... fica caçoando assim da pessoa

Ent: e ele se chateia com isso ?

Mãe: a quando ele era/ agora hoje em dia não... mais antigamente ele se chateava de mais...

Ent: assim não tem um exemplo assim do que a senhora passou com ele que a senhora pode me contar aqui não?

Mãe: não assim dificuldade assim grande assim não

Ent: só essas coisa assim mesmo das pessoas

[

Mãe: é... só algum probleminha assim entre vizinho as vezes... que criticava... e a gente que é mãe a gente não gosta

Ent: e na escola os professores... já teve algum problema com os professores com relação a isso.

Mãe: não

Ent: ele estudou todo tempo no José Bonifácio ou não ?

Mãe: não... ele estudou no José Bonifácio só até a oitava série... ai foi pro José Viana... terminou lá fez primeiro segundo e terceiro ano lá no José Viana

Ent: é... quando ele tava estudando você conhecia assim ... os professores sempre teve contato com todos ?

Mãe sempre tive contato com todos

Ent: até por que quando ele foi estudar no José Viana... você já trabalha a muitos anos lá né ?

[

Mãe: lá... só que ele nunca estudou no horário que eu trabalho

Ent: não né ?

Mãe: estudava só a tarde e eu trabalho dimanhã...

Ent: a senhora então não sabe a linguagem de sinais dele direitinho né?

Mãe: não... é poucas coisas que eu sei

Ent: mais isso atrapalha a comunicação de vocês?

Mãe: não

vocês conseguem se comunicar mesmo através de mímica?

[

Mãe: numa boa

Ent: mesmo sem a senhora saber

[

Mãe: é ... apesar de quando ele começou a estudar o professor falou que não era para gente falar através de mímica com ele... era para gente conversar normal com ele... mas a gente que já ta com aquele habito

[

Ent: é

Mãe: é difícil

Ent: até assim aqui eu conversando com a senhora a gente... a gente faz gestos

Mãe: é

Ent: né... imagine...

Mãe: eles falavam que podia atrapalhar... no estudo dele sabe

Ent: mas eles recomendavam em falar a língua deles de sinais?

[

Mãe: não... falar normal

[

Ent: falar normal?

Mãe: como a gente fala normal mesmo

[

Ent: por que é para ele ler os lábios né?

[

Mãe: para ele ter mais facilidade de ler os lábios da gente e a prender

Ent: eu entrevistei um que ele... ele tem essa facilidade de ler os lábios quando a pessoa ta falando ele...

Mãe: o Lucas é perfeito ((entrevistado A)) o Lucas hoje em dia ele já ta falando... ele não fala perfeitinho assim mais agente já entendi tudo que ele fala... ele era igual o Fábio... o Fábio a professora Francisca

falou que ele era muito inibido... ele tinha vergonha ... ele pede algumas coisas assim a gente entende... as vezes.... pão... a gente entendi quando ele pede pão... também não gosta muito ele faz mais é o gesto dele mesmo não gosta muito... de envolver....

Ent: ta... o relacionamento social.... - - o lazer assim tem algumas coisas que ele gosta de fazer ma::is e tal ... a senhora nem sabe muito por que ele sai ele vai para onde ele que né

Mãe: é... ele gosta muito assim de passe::io sabe (incompreensível) passeio ele gosta praia quando é tempo de praia ele gosta de mais ... e esporte ele gosta de vôlei... vôlei ele gosta bastante

Ent: a assim quando ele nasceu- - vocês...você tem mari::do e tal mora...?

Mãe: não... não morava com pai dele

Ent: que é para mim saber como era o pai dele com ele

Mãe : não... o pai dele nunca teve contato com ele... o pai dele só sabe que ele é gente porque minha mãe sempre ia lá em Tocantins lá onde o pai dele mora...e ele via ele...mais o contrário..

Ent: então concluindo o Fábio ele é uma pessoa que - - ele só não ta trabalhando por que tem a pensão

[

Mãe: por causa da aposentadoria

Ent: a aposentadoria que ele recebe

[

Mãe: se não tivesse ele já teria- - tava trabalhando

Ent: por que ele consegue se virar em tudo que ele vai fazer né?

Mãe: é

Ent: o que... que a senhora acha assim de... os alunos com deficiência auditiva estudarem em escolas junto com os outros

Mãe: eu acho

[

Ent: que não tem... a senhora acha o que ?

[

Mãe: eu acho primeiramente... que tem que ser que nem o Fábio passou... passou primeiro pela uma educação especial para ele ... para ele poder desinibir... um pouco... para depois ele- - por que sempre - - se ele for começar diretamente com os outros... ele não vai muito tempo para frente não.... por que os outros muita gente... muitos ajudam... outros criticam... tu vê como é que é...até em televisão novela tudo

Ent: humrum com certeza

Mãe: as pessoas criticam mesmo se um menino... - - ele começa com oito anos dez anos... naquela faz que ele ta que tudo que ele vê ele quer aprender... mais tudo que criticam chateia ele

Ent: mas até hoje você não sabe a causa dele ter ficado surdo?

Mãe: eu não tenho assim...

[

277 **Ent:** por que assim você disse que antes ele ouvia... vocês falavam com
278 ele e ele ouvia
279 **Mãe:** humrum ... quando ele era pequeno... ele tava com um ano e
280 pouco... ele deu sarampo deu muita febre e deu convulsão sabe...
281 dessa convulsão- - eu acho que foi o que afetou ele foi isso... por que
282 ele já era um menino que andava para todo lado... aí quando ele deu
283 essa convulsão deu sarampo...ele passou quase seis meses sem
284 andar novamente
285 **Ent:** aí num....
286 [
287 **Mãe :** eu acho que foi o que afetou mais ele
288 **Ent:** mais logo depois do sarampo vocês não levaram logo no médico
289 [
290 **Mãe:** não
291 **Ent:** para saber se tinha afetado... que aí se não tinha descoberto
292 **Mãe:** não a gente morava no interior quem mora no interior sabe como é
293 [
294 **Ent:** é sei é difícil
295
296 **Mãe:** aí fica difícil
297
298 **Ent:** é difícil ate aqui em Marabá ...
299 [
300 **Mãe:** se a gente já morasse aqui em Marabá era outra coisa... quando eu
301 vim para Marabá eu já tava grávida da minha outra filha já tava...
302 **Ent:** ((agradecimentos apela entrevista))

ANEXO C

Ent: ta...agente pode começa contando a história dela novamente

Mãe: mais o que ? qual o inicio aí o que... que você falou ?

Ent: não é ... quando ela nasceu e tal...

Mãe: ta...como eu soube... que eu percebi... né?

Ent: humrum

Pais: a Leia quando ela nasceu... depois de oito meses ai eu ...oito meses ela teve... problema de saúde né

Ent: humrum

Mãe: desidratação... febre muito alta ... ela teve enternada quatro dias ...e... após quatro dias ela não teve melhora... aí a doutora pediu que eu tirasse ela do hospital e levasse ela para outro médico... aí eu levei para outro médico... aí passaram... essa injeção garamicina que eu lhe disse..

Ent: humrum

Mãe: que foi injeção que os médicos - - segundo os médicos de Teresina me disseram que foi o que causou né... a perca auditiva dela

[

Ent: humrum

Mãe: e aí ela passou a doutora...- - foi detectado que ela tinha né perca de... setenta por cento num ouvido e cinqüenta no outro e aí passou os dois aparelhos para ela fazer... os dois aparelhos auditivos que é o que ela ta usando né... só que no momento ela não usa... por que tem um problema no aparelho e tem que levar para fazer manutenção...- - e aí a Leia foi crescendo e eu sem perceber que ela tinha problema auditivo né...

Ent: humrum

Mãe: percebia mais - - depois eu fui percebendo - - primeiro eu fui percebendo assim que ela não escutava... por que é... eu chamava e ela não dava atenção né... não olhava e... as vezes eu colocava ela mesmo assim ficava de costa... aí chamava ou batia em alguma coisa e ela não... não prestava atenção... aí eu fui percebendo... falei para o pai dela... falei... olha acho que essa menina ela tem problema (incompreensível) aí ele foi observando também... e aí foi passando... agente esperando assim perceber mais e... foi o tempo que eu conversei com a minha mãe e fui perguntar a ela se na minha família tinha gente assim e ela disse que não que não tinha... e eu disse meu deus será que minha filha mesmo é

[

Ent: humrum

Mãe: não tem- - a audição dela não...não...

Ent: humrum

Mãe: não é normal mesmo.. ai... eu digo - - aí eu fui e pensei assim - - eu digo... não as vezes a pessoa - - ele demora a falar... mais ouvir né..

[

Ent: humrum

Mãe: a pessoa já nasce ouvindo

Ent: humrum

Mãe: falar é que vai né

Ent: humrum

Mãe: demorando de falar - - enfim aí quando eu soube mesmo que eu levei ela no médico que soube que ela tinha deficiência auditiva- - para mim foi muito difícil eu me acostumar ... achava muito difícil... pensava assim que- - isso para mim era uma barreira foi muito difícil chora::va... as vezes o pai dela também ficava triste achava aqüilo ali um... tabu na minha vida ... eu dizia... eu não sei se eu vou ter força para mim agüent::a... não sei como vai ser a... vida dela assim... o dia a dia ... como que eu vou me acostumar

Ent: a senhora não ficava se perguntando assim não... por as vezes quando acontece uma coisa assim... agente se pergunta... é... por que né ?

Mãe: [é por que?

Ent: [que aconteceu com o filho da gente

Mãe: [eu achava assim né

Ent: [ainda mais por que foi irresponsabilidade dos médicos

Mãe: foi erro dos médicos

Ent: é... irresponsabilidade dos médicos

Mãe: e é uma coisa que eu não fui- - tem gente que perguntava... por que.. "que você não foi e processou esse médico?"... mais eu acredito que... esse médico- - aconteceu isso - - eu acho que foi um erro dela sim ... mais não foi por que quis assim... sabe por que ? por que os outros meus dois meninos mais velhos já passou pela mão dessa médica ... todo medicamento que ela passava eles ficavam bons ... então a Leia aconteceu esse problema né ... então eu acho que foi assim... - - e quando eu vim pensar nisso assim de correr atrás... eu não tinha nem um comprovante para comprovar... não tinha uma receita ... já tinha tudo né jogado fora ... não tinha receita... não tinha nada que comprovasse que levei ela lá que passou aquele remédio... então não tinha nada... aí eu fui parar e pensar... eu digo não... se aconteceu ...então...o que eu tenho mais é que... pedir a deus que foi só isso... não foi uma coisa pior né... e aí eu fui vendo outras pessoas com problemas muito mais difíceis que minha tava vivendo...

Ent: humrum

Mãe: por que que a minha ... só com esse ... a perca auditiva... eu tava... então eu fui me...- - pedindo força a deus... deus foi me dando força ... graças a deus hoje... eu faço é agradecer a deus

Ent: assim... eu não perguntei da outra vez...eu gostaria de saber o que levou a Leia- - você me disse que a Leia sempre estudou em colégio...

Mãe: do governo((escola regular))

Ent: do governo...junto com as outras crianças e tudo e... quando a senhora foi matricular ela a primeira vez... já...já pensou em matricular ela no colégio junto com as outras crianças direto... já pensou nisso... ou não... foi por que não tinha outro jeito?

Mãe: não quando eu ma... igual eu já falei né- -que ela estudou- - o primeiro estudo dela foi no colégio da Pequeno Aprendiz... por que que eu levei ela lá

? por eu vi que ela já tava ... ela precisava assim de... se agrupar assim com crianças para ela não se sentir assim excluída sabe ?

Ent: humrum

Mãe: então eu achei que eu devia ter feito isso... com eu fiz ... matriculei ela... ela ficou um ano nessa escola ... era particular lá na pequeno aprendiz ... então quando ela saiu- - não teve aproveitamento de nada ... por que logo ela era pequenininha... foi ano.. foi só mesmo para dizer assim...

[

Ent: se socializar com as outras crianças mesmo?

Mãe: é... não foi assim em termos dos estudos dela... para dizer assim... ela se desenvolveu... não... nada... nada... nada... ela não desenvolveu ... aí o segundo ano dela foi no Despertando o Saber ... também não foi la essas coisas... ela - - eu considero assim que ela iniciou foi com a Francisca

Ent: humrum

Mãe: foi onde ela já estava com seis anos... foi onde também... a Francisca foi passando as coisa para ela... os sinais...

Ent: humrum

Mãe: então aquilo ali foi... foi três anos de início... como eu lhe falei... foi três anos que ela iniciou com a Francisca em uma série só... depois que ela passou os três anos... aí pronto... aí ela desenvolveu rápido... e aí daí para frente até hoje graças a deus

Ent: (incompreensível) é... então a escola - - se a senhora não tivesse matriculado ela na escola regular a senhora acha que ela não tinha...assim não seria tão ativa quanto ela é ... por que ela não teria o contato assim contato com as outras pessoas né ?

Mãe: é por que o ... eu vejo assim tem muitas outras pessoas que são deficientes auditivas que eu já vi... que não teve assim um... uma caminhada na escola né... não teve uma caminhada na esco::la ... nuca estudou... e aí eu vejo que essa pessoa hoje... não tem assim sabe um... como é que se diz? é... um dialogo... não tem assim um desenvolvimento ate... psicológico né... não tem... é por que ? por que ele não teve um estudo... não teve uma caminhada

[

Ent: isso comparando com os outros né

Mãe: comparando com os outros né que não

Ent: humrum

Mãe: que não levou a vida assim... estudando né... como qualquer pessoa normal... então eu - - como eu não quis isso para minha... eu sempre considerei ela norma::l - - no momento em que eu aceitei né ... tudo isso né...

Ent: por que no começ::co

Mãe: não no começo... eu achava que ela era pequenininha eu achava assim... eu achava que ela não ia ser uma menina assim

[

Ent: normal...

[

Mãe: de vida normal né... mais a partir do momento que eu vi que ela começou a estudar ali no José Bonifácio né... com a Francisca... eu fui observando estudei junto com ela

142 [
143 **Ent:** ia lá aprendia as aulas junto com ela
144 [
145 **Mãe:ia** ... aprendia junto com ela ... a Francisca trabalhava com ela é... estimulação
146 da fa::la e tudo... eu também trabalhava ... a Francisca trabalhava comigo
147 **Ent:** aí era bom por que o que a Franc. fazia lá... e a senhora continuava fazendo
148 em casa
149 [
150 **Mãe:** fazia em casa ... pois é por isso... todo exercício na sala de aula... ela fazia e
151 eu fazia... a Francisca passava para mim... então eu fui observando quilo al::i
152 ... ela tava crescendo ... então eu vejo assim ... alunos deficientes auditivos
153 que não vão para a escola... que não tem uma caminhada para escola ... então
154 eu vejo que ele não tem como crescer né
155 **Ent:** humrum
156 **Mãe:** e a minha e muitos outros que eu vejo por aí ... que gosta d estudar... que
157 estudam como qualquer outro normal... leva a vida normal
158 **Ent:** e as amizades da Leia... as amizades da Leia é... questão de namoro é...
159 autonomia dela para sair sozinha... essas coisas
160 **Mãe:** é ela sai só... só que com aquele cuidado né... hoje agente tem assim esse
161 cuidado ... devido a violência né ... o cuidado mais que agente tem é devido a
162 violência por que... segurança assim dela... de dizer... ela vai sair... ela tem
163 o horário de voltar... isso aí
164 **Ent:** tem né?
165 **Mãe:** eu tenho né... por que... eu crio os meus filhos assim ... você vai sair- - e tal
166 hora eu to aqui e eles todos sabem que eu só preocupada ... passou do
167 horário de chegar eles... de onde eles estiverem ... eles já ligam para mim
168 "mãe o eu to aqui... tal hora eu chego"
169 **Ent:** então essa preocupação não é só com a Leia e com qualquer um?
170 [
171 **Mãe:** não é com todos né... e com ela eu tenho essa preocupação... por que? Por
172 que agente vê lá do outro lado a... a violência... as vezes até de uma pessoa
173 dizer assim... o.. aquela ali é surda vamos se aproveitar dela ... ela não escuta
174 **Ent:** humrum
175 **Mãe:** vamos tomar aquilo dela que ela tem ... então a minha preocupação é isso né
176 **Ent:** ela não vai poder gritar pedir ajuda?
177 [
178 **Mãe:** pois é...aí para se comunicar... as vezes eu ficou preocupada... hoje mesmo
179 ela- - para ela - - ela ta trabalhando né... para ela ir para folha oito
180 (incompreensível) eu disse para o irmão dela que eu tinha que ir hoje cedo lá
181 no hospital onde o... rapaz foi operado ((parente da família))eu tinha que
182 levar ele hoje e eu tinha que ir na escola ((escola que a Leia está
183 trabalhando)) deixar ela pela manhã .. então eu disse para o irmão dela meu
184 filho... tu vai lá deixar ela por que eu não posso... "a mãe mais agora tudo eu
185 tenho que ir levar a Leia"... não sei o que... colocando assim aquela
186 dificuldade "ela não sabe ir não?" quando ela descer na parada para ela
187 perguntar a alguém... todo mundo não entende né...
188 **Ent:** que a escola é nova onde ela ta trabalhando né... ela começou agora?

Pais: é... ela começou agora... na folha oito "não ela desse lá e"... ((fala do irmão)) como que ela vai perguntar por que ...
[
Ent: as pessoas não entendem né?
Mãe: libras, todo mundo não sabe... pode se dizer que pouquíssimas pessoas sabem
Ent: humrum
Mãe: então tem que ir uma pessoa acompanhando que sabe se comunicar ... para poder ela chegar até onde ela quer ... aí eu acho assim a dificuldade né... que eu acho- - agora onde ela já foi - - por exemplo... hoje ele foi deixar ela ... então.. na outra sesta feira ... que ela tem que ir já não precisa mais deixar ela
Ent: humrum
Mãe: por que ela já sabe onde é
Ent: humrum... e assim no José Bonifácio ela estudar no José Bonifácio ela estudar em uma escola regular... contribuiu para ela ta nesse serviço agora que ela ta ... a senhora acha que contribuiu ajudou para ela ta nesse serviço que ela ta?
[
Mãe: contribuiu sim... e muito... por que hoje graças a deus... a educação ela... ela... fez ... esse... como é que eu quero dizer? me ajuda... se eles estudar na sala
Ent: (incompreensível)
Mãe: assim junto com outros ditos normais né
[
Ent: humrum... que é a inclusão
[
Mãe: que é a inclusão né/ que chama ... então... eu achei isso aí ótimo... por que? por que isso aí faz com que os alunos normais né?
Ent: humrum
Mãe: que somos nós
Ent: humrum
Mãe: para que eles saibam que eles não podem viver... no mundo deles separado
Ent: humrum
Mãe: então já é o que - - pra- - se viver assim já é uma exclusão... já ta excluindo... não eles não podem ta com agente... por que? agente escuta... eles não escutam tem que ta separado
Ent: outra...
[
Mãe: então isso aí foi muito bom... eles se juntarem estudar... para que eles tenham primeiramente respeito
Ent: com os outros né
Mãe: tenha respeito com eles né ((eles... são os ditos normais)) e... também saber que eles não são diferentes
Ent: eu acho também... não sei se a senhora concorda ...que é importante para os outros conviverem com ele... justamente por que vão aprender se comunicar com eles

Mãe: isso
Ent: não vai ser aquela coisa estranha mais ... ali na sala de aula eles tem uma pessoa que tem deficiência auditiva... eles tenta se comunicar ... - -se comunicam ao longo do ano com essa pessoa... e aí quando eles encontrarem outra pessoa que também tem deficiência em outro lugar ... eles não vão sentir aquela estranhesa
Mãe: (incompreensível)
Ent: vão se comunicar com mais facilidade
Mãe: é ... eu acho que foi bom.. e acho que ha uma necessidade muito grande de nós né... termos esse conhecimento e sabermos a língua deles
Ent: humrum
Mãe: por que tanto quanto eles... necessitam da linguagem né da libras
[
Ent: humrum
Mãe: como nós também precisamos por que há uma comunicação
Ent: exatamente... e com relação a amizade e namoro... essas coisa da Leia
Mãe: amizade... ela tem muita amizade assim com as pessoas que não tem...
[
Ent: deficiência?
[
Mãe: deficiência auditiva... ela comunica bem... ela tem assim aquela amizade... mais amizade ma::is é com... deficiente auditivo né... ela tem assim ... tem um coleguinhas que visita ela... ela vai na casa deles... na escola... só que ela tem também essas amizades ((amizades com pessoas ditas normais)) mais... mais são eles né ((pessoas com deficiência auditiva)) é por que há uma facilidade de ...
[
Ent: de comunicação?
[
Mãe: de comunicação né ... eles se comunicam muito bem né ... por que quando ela está aqui sentada ... vamos supor... tem aqui ... um deficiente auditivo... e eu e você ... nós duas vamos nos comunicar MAIS ...do que ela contigo
Ent: (incompreensível)
Mãe: ou comigo
Ent: humrum
Mãe: então isso aí agente vê que eles juntos... deficiente auditivo com deficiente auditivo... eles tem comunicação como nós duas tem... mais é melhor para eles né ((entre eles))
Ent: humrum
Mãe: por que eles se comunicam bem
Ent: a aflição é grande ... tipo quando eu tava sentada com a Leia ali no sofá... eu querer me comunicar com ele... querer perguntar alguma coisa para ela... mas como que eu vou perguntar?
Pais: é... e aí é onde agente vê que há uma necessidade
Ent: humrum
Mãe: nossa
[

283 **Ent:** de aprender língua de sin::nais
284 [
285 **Mãe:** né de aprender libras
286 **Ent:** e assim... a família toda sabe língua de sinais? Isso também é uma pergunta
287 importante
288 **Mãe:** nem todos... um pouco ... uns sabe mais outros sabem menos
289 [
290 **Ent:** mais todos sabem um pouco?
291 **Mãe:** sabem.. todos sabem um pouco
292 **Ent:** mais..,
293 [
294 **Mãe:** mais só que nem todos dão muita assim atenção para conversar com ela só...
295 o... necessário
296 **Ent:** que é os irmãos?
297 **Mãe:** é os irmãos... mais dizer assim vou sentar bem aqui e vou conversar com ela
298 **Ent:** não conversa
299 **Mãe:** não
300 **Ent:** só conversa quando precisa per...
301 **Mãe:** as vezes quando precisa... as vezes... só que muitas vezes agente em casa nós
302 temos assim a comunicação com ela as vezes não é nem com libras
303 [
304 **Ent:** é gesto mesmo
305 **Mãe:** são gestos
306 [
307 **Ent:** falando...
308 [
309 **Mãe:** então leitura labial né... mais em termos de... libras são poucos... por que é
310 igual eu lhe disse agente se acomoda
311 **Ent:** humrum
312 **Mãe:** e não ... não da valor assim não quer poder crescer junto com ela assim...
313 para entender tudo que ela fala né
314 **Ent:** humrum.. e... a senhora se comunica assim com ela sem ser para perguntar
315 tal... alguma coisa
316 **Mãe:** pergunto... eu me comunico assim
317 [
318 **Ent:** assim conversando com ela
319 [
320 **Mãe:** comunico
321 **Ent:** conversando assim... normalmente
322 **Mãe:** conversando com ela com se eu to conversando com você?
323 [
324 **Ent:** é sentada
325 [
326 **Mãe:** ela lê... sabe os lábios da gente... ela tem o... a facilidade de lê lábios.. ela
327 sabe libras e sabe os sinais né... por que tem... a libra é você ta conversando
328 né
329 **Ent:** humrum

Mãe: através da linguagem da libras... aí tem a leitura labial que ela vai... lê seus lábios... é uma comunicação também né

Ent: humrum

Mãe: e também a escrita ... ela se comunica também pela escrita

Ent: a escrita dela é normal... que nem a da gente?

Mãe: bonita.. que se vendo o jeito?

Ent: a minha é fia... a dela deve ser mais bonita do que a minha

Mãe: não... não tanto assim

Ent: a minha é horrorosa

Mãe: manda a Leia trazer o caderno dela lá (inconpreensível)

Ent: aí vou te perguntar é...

Mãe: você falou em namorado?

Ent: falei

Mãe: tem... ela tem um namoradinho aí na linha aí

Ent: todos os namorados

Mãe: não vou dizer que não tem... que se eu disser eu to mentindo

Ent: mais assim o que você sabe do relacionamento dela com a outra pessoa com relação a namoro ... a outra pessoa tem deficiência auditiva?

Mãe: tem

Ent: sempre ou... já arrumou um

Mãe: não ela... ela... - - acho que dos namoradinhos dela... que ela já teve

Ent: é tudo

Mãe: é tudo deficiente auditivo... ela mesmo faz é dizer que ela não que namorar com quem não tem

Ent: por que aí a comunicação fica mais difícil né ?

Mãe: pois é

Ent: a não ser que a pessoa saiba muito bem libras

Mãe: esse rapaizinho que ela namora com ele... que é de Tucuruí... namoradinho dela ... ele fala muito... você entende muita coisa que ele fala... então isso aí ela gosta... por que nós entende ele.. ele fala

Ent: e ela também entende né

Mãe: e ela entende e aí ela acha fácil

Ent: é... já houve assim algum tipo de preconceito... por parte da família ... por parte dos vizinhos ou por parte...?

Mãe: não... isso aí graças a deus... aqui em casa não teve isso assim ... preconceito assim ... as vezes tem gente que diz assim... a sua filha mudinha... eu não sei se isso aí é uma rejeição né

Ent: não é assim uma rejeição.. mais é uma forma tão assim da gente falar

Mãe: [pois é de falar... eu não gosto né

Ent: as pessoas poderiam falar de outra forma

Mãe: eu não gosto né... quando pergunta assim "cadê a sua filha mudinha" ... aí eu já corrigi já varias vezes pessoas... eu digo... olha o nome dela é Laia

Ent: [Leia ... por que chamar de mudinha né?

Mãe: [eu não gosto que chame de muda... por que sabe que ela tem deficiência auditiva... mais não pode chamar a pessoa assim de muda ... e aí eu não gosto... e assim.. rejeição de eu sa::r na rua com ela... e as pessoas ta... assim rejeitando?

Ent: sim

Mãe: não achei não

Ent: nem na escola né?

Mãe: [primeiro por que ela... - - olha assim para ela você não percebe((não percebe a deficiência))

Ent: humrum... e na escola alguma reclamação?

Mãe: [não

Ent: de algum colega?

Mãe: não

Ent: que tenha falado alguma coisa

Mãe: não na escola não... por que ela sempre estudou na escola que tem alunos deficientes auditivos né ... os alunos da escola... sabem que eles são... por exemplo quando ela começou a estudar no José Bonifácio... lá já havia alunos

Ent: humrum

Mãe: com deficiência auditiva né... então foi muito fácil para ela... ela se dava muito com os alunos... os alunos com ela...não houve essa dificuldade essa rejeição

Ent: a senhora conhece todos os professores da esco::la ... conhece a escola

Mãe: conheço... sempre eu gosto de acompanhar... as escola que ela estuda... professores - - a maioria dos professores eu conheço... até diretor também... e graças a deus toda vez que eu vou pergunta sobre ela ... como é que é o comportamento e tudo... eles não tem nada de dizer assim algo... errado... que ela ta uma má aluna que ela ta ... que ela não faz as tarefas... é ao contrário... só elogios né... é uma boa aluna presta atenção ... organizado o caderno dela.

(agradecimentos a disposição a participar da entrevista)

ANEXO – D

Ent: pode começar contando assim de quando ele nasc::eu... é o Paulo né?

Mãe: é o... Paulo... meu filho... ele nas::ceu ...uma criança perfeita... para mim... ele era perfeito.. por que ele era uma criança saudável... muito bonita... e para mim ele era normal ... só com a idade de uns três meses.. eu comecei vê que ele não... não ouvia...por que eu brincava com ele no berço... quando eu saia ... quando eu tava na frente ele sorria... mais quando ele saia ele não olhava para mim... eu fazia barulho saia e ele não ficava olhando para mim ... então eu comecei a desconfiar que ele não ouvia ... comecei indo levar no médico ... passou ainda assim uns três meses pro médico descobrir que ele não ouvia

Ent: humrum

Mãe: quando eles descobriram... para mim foi uma grande surpresa... aí foi onde começou todo o meu sofrimento... por que eu não queria aceitar mesmo

Ent: a senhora cho::rou ?

Mãe: chorei mui::to... cada consulta eu chorava muito eu... eu só não entrei em depressão por que eu precisava criar ele... eu imagino que deus sempre me deu força para que- - logo eu criei ele sozinha sem pai ... que o pai dele morreu também cedo ... e... foi muito difícil para mim muito difícil mesmo... que até hoje falando nisso eu não gosto nem de pensar e aí ele cresceu... logo eu fui levar ele no colégio...

Ent: colégio normal?

Mãe: colégio normal ... aí começou a rejeição

Ent: como assim?

Mãe: [que não poderia estudar ... por que ele não aprendia junto com os outros... toda vida tinha aquilo ...não ele tem que estudar em um colégio especial... e era difícil na época... não tinha esse colégio especial

Ent: era a direção da escola que falava isso ?

Mãe: [era ... aí o pessoal dizia não ... esse menino tem que ter uma escola especial e tal... aí comecei a correr atrás dessa escola especial ... aí foi onde eu encontrei o Renascer... e ele começou a estudar lá e depois foi... era muito longe... e ficou nessa... assim nessa correria ... mais graças a deus que ele começou a se acostumar em cada lugar que agente levava ... e foi aprendendo e... eu continuava sem me conformar com o... como o caso... aí um dia eu procurei um psicólogo ... mesmo na escola ... a professora de necessidades especiais disse que poderia as mães que não aceitavam que não viviam bem com isso procurar um psicólogo... e eu procurei um psicólogo... na própria escola... e foi onde ele tirou toda aquela confusão da minha cabeça

Ent: qual a confusão? de que talvez ele não conseguisse estudar ?

Mãe: [não que... puxa a vida que ele não era uma criança - - que eu tinha um filho diferente eu pensava ... eu pensava que ia ser mais difícil que os outros filhos

na sociedade que todo mundo da sociedade- - quem já falava era difícil imagine quem não falava ... então eu colocava muito obstáculo

Ent: para ele trabalhar para ...

[

Mãe: para tudo... para conviver junto com as outras pessoas... as vezes ele ia no super- mercado e voltava chorando por que ninguém sabia atender ele direi::to... e aquilo ali me matava... era um sofrimento muito grande para mim... cheguei muitas vezes ir no super- mercado discutir com o povo... mais eu não aceito isso com meu filho... por que... eu não aceito... então coisas que (incompreensível) além de ta nas pessoas tava em mim - - então no dia que o psicólogo- - fui lá com o psicólogo e ele disse assim - - eu nunca vou esquecer que ele disse " você foi uma privilegiada... você foi escolhida para ser mãe do Paulo ... e ele é normal" e depois desse dia foi que eu fiquei... tirei uma barreira muito grande... e com certeza a partir desse momento foi onde eu encontrei felicidade maior ... por que nunca tive- - meu filho foi assim algo muito importante para mim ... ele realmente é um patrimônio meu aqui na terra... é uma pessoa que eu... é muito amado é tudo assim... eu só tenho dois filhos e ele é uma pessoa muito especial mesmo

Ent: só ela de vinte e cinco anos ?

Mãe: é ele com dezoito... ele sabe... ele sabe que tudo que eu pude fazer... até mesmo fazer o que não pude... eu fiz por ele...e faço

Ent: dona Maria...é... o Paulo então continua estudando em uma escola regu::lar junto com as outras crianças

[

Mãe: continua estudando na escola regular e fazendo e fazendo também na escola especial

[

Ent: com a Francisca

[

Mãe: com a Francisca

Ent: e quando ele conheceu a Francisca?

Mãe: há ai tudo mudou... a Francisca foi uma pessoa que me ajudou muito uma segunda mãe para ele... é tanto que até hoje qualquer dificuldade... eu não tenho outra pessoa ligar... eu não tenho outra amiga

[

Ent: é a Francisca?

Mãe: é a Francisca ... eu ligo para ela... e ela nunca me deixou sozinha ... o mais importante é isso... que ela tem tantos para cuidar e da família dela... mais ela nunca me deixou sozinha ... nunca... sempre teve me ajudando e tudo é... quando eu procuro ela (incompreensível) as vezes eu fico com medo que ele saia sozinho com os amiguinhos dele igual ele... e eu ligo para ela... "não... não se preocupa ele são muito amigos" e realmente...ela tem sido para mim uma...

Ent: e assim... com qual idade ele começou a estudar com a Francisca... a senhora lembra assim?

Mãe: a eu acho...credito que foi com sete aninhos mais ou menos

Ent: e aí até hoje estuda com ela?

Mãe: até hoje ele estuda com ela (incompreensível)
Ent: e na escola né normal?
Mãe: na escola normal e com ela... na educação especial ... mais ele foi muito pequeno que ele começou a estudar ele passou do Futuro Brilhante para lá... e aí foi com ela sempre com ela
Ent: a senhora acha que teve melhora no desenvolvimento dele a partir que ele foi estudar com a Francisca?
Mãe: com certeza... com certeza... noventa por cento... para não colocar cem... mas o certo era colocar cem... mas o certo era colocar cem... muito desenvolveu tudo... mudou tudo... ele tinha muita dificuldade... que ele mesmo reclamava que ele não aprendia junto com as outras professoras... ele não gostava das professoras o quanto ele gosta da Francisca... ele não se acostumou... ele não tinha a... definição que ele tinha com a Franc. com as outras pessoas... então com ela tudo mudou... ele nunca teve dificuldade... a eu não vou por que eu não gosto disso ...não pelo contrário... na hora do colégio ele tava pronto para ir
Ent: e assim é sobre ele ta freqüentando a escola junto com os outro meninos e tal normal ... a senhora acha que isso é importante para ele?
Mãe: muito importante
[
Ent: alem de ta com a Francisca tendo uma educação assim mais específica para ele... mais ao mesmo tempo ele ter um relacionamento na escola junto com os outras crianças... a senhora acha que é importante?
Mãe: é muito importante... por que isso? por que... é para ele saber que ele é igual as outras pessoas... que ele pode conviver na sociedade junto com as outras pessoas- - se ele não for para lá ... é tanto que cada ano quando começa as aulas ... eu vou lá ... e eu peso para os amiguinhos dele... para as professoras e para os professores que eu quero que trate ele igual os outros... por que ele é igual aos outros ... eu não admito que alguém discrimine ele lá dentro do colégio... eu sempre vou na aula - -cada aula que começa falar isso... por que eu acho muito importante - - e é nisso que ele vai descobrir ou ta descobrindo... que ele vive em um mundo normal junto com as outras pessoas... por que isso? ajuda do colégio... por que se o colégio não aceitasse isso
[
Ent: humrum
Mãe: ele era uma pessoa rejeitada
Ent: e com relação as amizades dele assim ele tem muitos amigos que não tem problema auditivo... ou os amigos dele só são pessoas com problema auditivo?
Mãe: ele tem muitos amigos que não são... que não tem o mesmo problema dele... mais os amigos dele mesmo são os iguais a ele
[
Ent: que ele consegue se comunicar
Mãe: esses é um laço lindo
[
Ent: eu acho lindo o jeito que eles falam eu queria aprender...

[
Mãe: eu também eu admiro muito a amizade deles a fidelidade deles uns com os outros... ele diz até para mim que tem pouco... tem muito pouco amigo dele que é igual a ele por que "tem tântos que não são" ele diz para mim... mais tem tão pouco que é igual a ele... eu digo... filho mais é assim mesmo... então até isso ele diz para mim
[
Ent: por que aí se tivesse mais gente assim... ele tinha mais amigos né?
[
Mãe: mais amigos... quando um vai viajar... quando um vai embora... ele fala para mim que... puxa vai mais um... vai ficar menos um para ele... então é tão importante isso... que até isso ele consegue ver
Ent: e com relação a namoro?
Mãe: há... namoro... eu amo a namorada do meu filho
[
Ent: ele tem namorada então... ela também tem problema auditivo?
[
Mãe: tem não...
[
Ent: ela não tem?
[
Mãe: ela não tem... ela é uma menina normal... e ela é uma pessoa que eu amo muito.. eu amo muito a namorada do meu filho... a Laura ... e eu fico pensando assim de...- - até para ele ... a namorada dele é uma filha para mim... por que ela - - eu gosto dela e ela também tem uma grande consideração por mim.
[
Ent: e ela se comunica bem com ele?
Mãe: bem com ele... se comunica bem com ele aprendeu muito rápido... nem chegou a freqüentar escola com ele alguma coisa - - por que eu até disse para ela ... faz um curso Laura para você saber mais do Paulo ... e nem precisou para ela entender tanto ele
Ent: é
Mãe: é tanto que ela agora ta em Teresina ... e toda hora eu vejo o celular dele tocar- - o que é meu filho... é mensagem dela... por que eles se comunicam não falando... por mensagem
Ent: é lindo isso né?
Mãe: é lindo... eu acho ... acho lindo de mais
Ent: é... a senhora acha- - ele já trabalhou em alguma coisa ou trabalha?
Mãe: não... ele não trabalhou em alguma coisa... ele foi chamado no Armazém Guanabara fizemos um curso a Francisc. foi comigo... ele passou em primeiro lugar por que ele tem vários cursos de computação
Ent: humrum
Mãe: é certificados... mais ele não trabalhou por que... ele - - eu fiquei viúva logo e o pai dele dava pensão para ele... então quando o pai dele morreu o INSS assinou uma pensão para ele... então nesse caso não pode assinar a carteira... então ele pode trabalhar em um emprego o qual o patrão aceite não ser

assinado a certeira... por que é igual o seu Abreu do Armazém P.R. falou "eu não vou aposentar- - não vou dar uma pensão para ele... eu vou empregá-lo ... e qualquer coisa eu posso despedir" então... eu não posso tirar uma pensão que é do INSS para colocar para colocar uma que não é tão segura né... mais ele é uma pessoa que ele pode trabalhar em qualquer lugar

Ent: então é assim para ele trabalhar em algum lugar de carteira assinada ele tinha que perder essa pensão ?

[

Mãe: que perder essa pensão

Ent: meu deus do céu... aí fica complicado

[

Mãe: é aí fica ruim e complicado... e isso causou assim até assim um impacto nele... por que ele que trabalhar de carteira assinada e... eu ... agora eu tento colocar um trabalho para ele assim... dele mesmo

[

Ent: informal

Mãe: assim de agente mesmo colocar tipo alguma coisa para ele trabalhar em casa

[

Ent: que aí ele vai ganhar a pensão dele e vai...

[

Mãe: vai ganhar a pensão dele e vai trabalhar por conta... os meus irmãos todos trabalham por conta... e tem incentivado ele... só que ele que- - ele queria mesmo era trabalhar assim num lugar como- - ele ficou muito chateado quando não deu certo dele trabalhar

Ent: o mais ele tem outras chances... tem concurso público que ele pode fazer e que não é carteira assinada que ele pode continuar ganhando...

Mãe: pois é eu digo isso para ele né... por que ele é muito inteligente

[

Ent: o concurso público abre vaga para as pessoas que ...

Mãe: pois é... eu vou até vê isso... por que eu nem procurei vê isso

Ent: pois é ... vai ter o concurso da prefeitura ago::ra ... e se tiver vaga assim... sempre tem as vagas destinadas

[

Mãe: sempre tem as vagas vou até ver isso

Ent: ele já tem dezoito anos né

Mãe: tem dezoito anos

Ent: agora com relação a...a preconceito... já houve muitos casos em que a senhora/

[

Mãe: já

Ent: teve que interferir ? a senhora pode me citar um exemplo assim?

Mãe: muitos casos... assim como o filhinho do vizinho na época de criança "oi chama aí o mudinho para mim... hei mudinho vem aqui" ... então muitas vezes eu dizia... não chame meu filho de mudinho... por que a mãe pode ser o que for ... ela nunca gosta que chame o filho daquilo... eu sempre gostei de chamar ele de Paulo o nome dele é Paulo

[

Ent: o nome dele é Paulo

Mãe: e eu sempre ia lá dizer isso... não chame o meu filho de mudo porque o nome dele é Paulo ... então outras vezes assim do comercio ele voltar chateado por que não sabem atender... as vezes... "há vai lá chamar tua mãe eu não vou atender por que eu não to entendendo... então isso é uma discriminação... as vezes no ônibus... o motorista " há não passa.. tem que mostrar o passe livre ... por que se não mostrar ou se esquecer não entra... por que eles não acreditam que ele não fala ... então isso é - - há uma discriminação? há muito- - e muito grande

Ent: e assim quando a senhora começou a matricular ele na escola normal... que foi desde pequeno... a senhora... percebeu assim que algumas pessoas ou alguma parente chegou a falar assim "por que que vai matricular ele ... se ele não escuta... como é que lê vai aprender?"

Mãe: muitas pessoas falavam "como que esse menino vai estudar em uma escola normal... se ele não escuta se ele não ouve" até as vezes os coleguinhas mesmo ficavam tudo olhando para ele quando ele entrava na sala de aula... muitas vezes ele voltava chateado... por que os coleguinhas... todo mundo falava lá e ele não... e... preconceito é uma coisa que infelizmente no Brasil não sei quando vai deixar de existir

Ent: [e assim a senhora acha que a senhora mesmo... quando a senhora descobriu a senhora teve um pouco de preconceito... antes da senhora aceitar antes da senhora entender ... a senhora considera a reação que a senhora teve como preconceito ou não?

Mãe: é eu não ... não considero preconceito... eu acho- - no meu caso eu não considero como preconceito... era não aceitar como mãe assim ... por que eu... meu deus eu dizia sempre isso aí meu deus por que eu meu deus ter um filho assim meu deus que não fala com é - - minha preocupação era como eu ia conviver com ele com eu ia entender...assim não era bem um preconceito assim... por que eu sempre amava ele... eu sempre dizia... meu filho eu vou te amar com você é e tal... mais a minha preocupação era contra mim mesmo... como que eu vou conversar com ele?como que eu vou entender? Então é por isso mesmo que nesse caso qual quer mãe que tive suas dúvidas

Ent: [com certeza

Mãe: procu::rar um psicólogo... por que ele tira qualquer dúvida... por que depois dessa consulta nunca mais eu fui a mesma... por que hoje eu vejo que eu realmente fui uma privilegiada por ter o Junior como meu filho e... eu digo isso para outras mães que...

Ent: e os ... parentes assim ... teve algum que falou alguma coisa teve algum tipo de reação preconceituosa ... depois... claro com o tempo acaba aceitando

Mãe: é...parente - - não assim - - as vezes eu fico pensando assim que - - até mesmo a mamãe... eu digo para a mamãe que ela ama os outro netos mais do que os meus... eu não sei se isso é coisa de ciúme... eu acho que é... mais...talvez por que os parentes não conviviam com eles.. aí fica difícil de dizer... puxa eu vou leva o Paulo para passar umas férias se ele não entende se ele não fala se ele não ouve...

Ent: é ..

Mãe: então sempre iam com a mãe ou com a irmã que sabiam de tudo que ele falava... por que a irmã dele sabe de tudo... mais do que eu com certeza... entende ele em tudo... tudo

Ent: [

Ent: e... a senhora sabe conversar - - sabe a língua de sinais? Ou a senhora conversa com ele mais através de ge::stos ... leitura labi::al ?

Mãe: a labial e gestos

Ent: a língua de mesmo...

Mãe: [

Mãe: a língua dele mesmo é pouco sinais que eu conheço... até a Francisca já falou "por que tu não vem assistir" mais é por que as vezes nem tempo- - agente não tem tempo para tanta coisa... então... eu não tenho dificuldade com ele... tudo eu... os que realmente eu não entendo mesmo assim ... eu mando ele escrever tentar escrever... meu filho vamos - - eu quero entender ... eu procuro eu nunca- - procuro tirar todas as dúvidas... eu sou evangélica e ele sempre vai para igreja comigo... e quando ele chega ele diz que não entendeu nada por que o pastor não - - não entendeu o que o pastor falou ... por que não tem aulas... não tem linguagem lá ((língua de sinais)) a interprete - - não tem interprete aí eu tento muito tirar a dúvida... o pastor pregou isso e isso ... eu não gosto de deixar dúvida e quando tem alguma coisa que eu não sei eu chamo logo a Maira.... Maira me ajuda a tirar essa dúvida do Paulo

Ent: agora é importante... agora que a senhora tocou nesse assunto ... era importante ter na Igreja

Mãe: [

Mãe: é

Ent: uma pessoa do lado do Pastor que fizesse gestos

Mãe: [

Mãe: com certeza ... igual no RR soares... é por isso que ele gosta muito desse programa RR Soares ... e ... é assim ... mais nós estamos tentando que tenha... por que o certo era esse... em cada lugar ter mesmo

Ent: então a senhora acha que ele ta freqüentando a escolar regular normal junto com os outros contribuiu para ele ser um menino mais ati::vo?

Mãe: [

Mãe: com certeza

Ent: para ele

Mãe: com certeza

Ent: se ele estivesse estudando só com a Francisca... a senhora acha que ele teria desenvolvido o quanto ele desenvolveu?

Mãe: não... não por que a convivência é muito importante... na sala de aula normal ... muito importante... isso faz ele vê que ele é normal... faz ele ter certeza que ele é normal ... é tanto que lê nunca veio questionar - - hoje ele diz ... ele já vai estudar o segundo ano (incompreensível) que não que vai continuar... não interessa quando vai parar

Ent: humrum

Mãe: mais é muito importante ... muito importante mesmo ele ta com as outras pessoas... por que ele tem conviver assim mesmo junto com as outras pessoas

Ent: humrum

Mãe: por que ele são normais

Ent: humrum

Mãe: eles são normais

Ent: é... assim as expectativas para o futuro dele

Mãe: há... eu creio que meu filho vai ser muito feliz... que ele vai conseguir todos os objetivos dele... por que ele é muito inteligente... ele tem muitos sonhos... muitos sonhos

[

Ent: a senhora ACREDITA mesmo assim que ele vai conseguir trabalhar assim normalmente ganhar o dinheiro dele... ser uma pessoa independente assim?

Mãe: eu acredito... acredito plenamente ... por que hoje se eu mesmo quisesse tirar essa pensão que é do INSS... por que só vai tirado se eu assinar por que... foi feito como ele era... alem da deficiência ... criança sem o pai ... então mais eu tenho medo hoje... se eu tirar ele vai ... por que ele vai... ele vai ingressar no mercado de trabalho... por que ele é muito inteligente... ele nunca fez um curso para ele ficar- - chegar no final do curso decepcionado

Ent: humrum e... assim ... eu tava com a pergunta na ponta da língua... que era sobre... agente tava falando de serviço e tal meu deus do céu emprego e namoro você diz que é...

Mãe: futuro agente tava falando sobre futuro também

Ent: então o relacionamento dele social é bom né?

Mãe: é bom... eu considero bom... considero um relacionamento normal

Ent: como a senhora acha que a escola assim ajuda ... tipo a Marta incluir no mercado de trabalho?

[

Mãe: há... a Francisca ajuda mesmo

Ent: ela ajuda como ela...

Mãe: por exemplo... lá no Armazém P.R.ela foi com agente... ela ensinou- - ela passou na linguagem dela... na linguagem deles tudo como era para ele preencher o currículo... é por isso que o currículo dele ficou noventa por cento de bom ...porque ela tava lá ajudando e foi tudo muito bom...

Ent: e ele sai sozinho?

Mãe: sai sozinho vai para o colégio sozinho

[

Ent: pega o ônibus sozinho

Mãe: vai no banco sozinho... se eu tiver conta para pagar ele faz ele vai pagar... é um menino que tem muita responsabilidade ... tudo ele é uma criança - - uma pessoa normal... normal mesmo

Ent: é... eu acredito que deu para...,

((agradecimentos))

ENEXO E

Ent: a senhora pode começar a contaf a história do Leandro né?

Mãe: Leandro

Ent: Leandro... certo... quando ele nasceu... como foi que a senhora descobriu que ele tinha deficiência auditiva?

Mãe: foi antes dele nascer... eu tava grávida dele com seis meses né... de seis meses... morava em São Paulo trabalhava em uma firma né...

Ent: humrum...

Mãe: aí derrepente começou a sair assim em mim um bocado de caroço no meu corpo né... fui ao médico... aí o médico disse que era rubéola né

Ent: é.. que não pode né (incompreensível)

Mãe: aí o Médico sugeriu que eu fizesse um aborto... mais como era um primeiro filho né... alias o segundo filho... por que eu já tinha perdido um filho né... aí eu não quis tirar... aí o medico falou para mim... o dona Andréia a senhora vai ter muito trabalho né... vai ser um trabalho para o resto da sua vida com ele

Ent: mais ele já sabia - - o médico com qual problema que ele ia nascer... só sabia que ele ia nascer com alguma seqüela não sabia que era surdez?

Mãe: não... não sabia ... ele disse que todas as seqüelas... provavelmente ele ia nascer com todas as seqüelas né... poderia nascer surdo... mudo... que nem foi o caso né... outras deficiências... mesmo assim eu...

Ent: quis ir adiante

Mãe: eu quis ir adiante né ... aí ele falou... "tudo bem né... a senhora quer mais ta sabendo que vai acontecer tudo isso" eu deixei... aí quando ele nasceu né... ele nasceu muito pequenininho... e não falava, não chora::va quase... não chorava assim... ele quase não tinha comunicação nenhuma né... aí foi o processo assim né...

Ent: mais aí até o momento a senhora não sabia que ele era surdo?

Mãe: não

Ent: só que ele ia ter alguma coisa né

Mãe: [isso né ... eu não sabia se era exatamente a surdez né... - - que ele era surdo... eu não sabia ainda, sabia que ele tinha- - por que antes de ele nascer... o médico já tinha falado

Ent: [que ele ia ter algum problema...

Mãe: que ele ia ter né... mais eu já desconfiava pelo jeitinho né... por que uma criança com três meses ele já começa a sorrir né... tem aquelas comunicação... e ele não... ele quase não sorria né era uma criança sempre caladinha... aí eu fui a luta com ele né... como agente morava em São Paulo... sempre tinha mais um pouquinho de recurso ... aí eu levei em médicos bons lá ... e aí fui lutando com ele né... e aí ficou assim né... aquela criança sempre pequena qualquer coisa ficava doente...

Ent: e... assim... como foi que a senhora lidou com

Mãe: como eu lidei né?

[
Ent: assim ...a senhora ... é - - teve alguma vez que a senhora... ficou assim... desesperada... por que as vezes né agente fica sem saber o que fazer meu filho é assim...
Mãe: olha ... mesmo quando o médico me deu essa notícia né...dizendo que eu tinha que fazer esse aborto né... eu fiquei desesperada... por que ele poderia me dar essa notícia mais ass::im... com amor... falado assim outro - - de outro modo né ... ele falou de um modo du::ro que até hoje eu lembro né ... já vai fazer vin::te... vinte e oito anos né (incompreensível) "a senhora quer deixar a senhora vai sofrer... não pode... a senhora tem que tirar essa criança não pode" inclusive na firma onde eu trabalhava... foi três de rubéola né... a minha encarregada... uma outra menina que trabalhava... e tinha outra né ... todas três... só que uma estava com três meses... e a outra... eu não me lembro mais com quantos meses tava... um morreu né... não chegou nem a nascer... morreu ... a criança né... o feto morreu né... aí fez uma curetagem tirou... e o outro nasceu... mais assim que nasceu ela foi embora eu não sei o resultado né... foi nós três que ficamos doentes de rubéola, que dizer... de uma passou para outra... por que a rubéola né passa...
Ent: humrum... ta pode continuar
Mãe: aí ta... quando eu fiquei sabendo dessa notícia... eu fiquei desesperada... eu fiquei desesperada por que eu não sabia o que fazer... se eu tirava ou se eu não tirava... foi aquele momento de desespero fiquei com- - olha sinceramente eu não sabia o que fazer foi uma coisa muito triste para mim eu... e aí sim eu comecei a lidar com isso aí com aquela... é preocupada né ... de futuramente eu não da conta do recado né com ele... mais aí foi passando o tem::po eu com ajuda de outros médicos né... depois eu tive mais conforto... eu as vezes chegava momento da gente... - - de eu ficar desesperada mesmo para lidar né... por que logo ele ficou doente..ele pegou uma penamunia né... por que ele era muito fraquinho... e ficou enterrado... aí com três meses foi preciso fazer uma cirurgia nele... ele operou... com tudo isso aí... eu fiquei desesperada mesmo né... aí ta... aí foi crescendo né... e aí só mé::dico... mé::dico... aí eu levei para fazer vários exames... o médico constatou que ele tinha- - tava era surdo e mudo né
Ent: mais só foi essa seqüela que ele ...
Mãe: só.. tá ... aí eu fiquei lidando com isso né... mais tarde um pouquinho ele teve um... um... probleminha na cabeça assim... disritmia cerebral né... disritmia cerebral é isso... aí tratei também desse problema dele... ele ficou bom – continuou a luta - - até hoje ta a luta... até hoje...
Ent: e assim... ele ... ele começou a estudar na idade co::rreta... com quantos anos ele começou a estudar?
Mãe: ele começou a estudar com cinco anos de idade... ele começou a estudar...
Ent: e... em qual escola... escola especializada ou escola normal?
Mãe: uma escola especializada né... ele andou com quatro anos de idade... aí foi um trabalho para mim por que ele não andava né assim... andava muito pouquinho... com quatro anos ele andava... caia levantava caia novamente... muito fraquinho ficou um tempão doente... eu levava ele para o médico ele

ainda usava fralda ainda...levava para escola... aí lá ele começou a estudar... só que lá ele não desenvolvia muito o estudo

Ent: nessa escola que ele começou a estudar... ela só trabalhava só com deficiente ou ela trabalhava também com os outro alunos

Mãe: tinha sala só de deficiente

[

Ent: e ele só estudava só nessa sala ou ele tinha dois horários?

[

Mãe: não... era só nessa sala... depois ele foi para outra escola né... que a escola todinha era só de deficiente né tinha- - ele já ficava lá desde pequenininho em F. V. em SP ...ele ficou nessa escola... a escola to::dinha só de deficiente auditivo... não tinha outro aluno assim

Ent: e... assim ta ele estudou esse tem nessa escola... e... a partir de que momento... qual idade ele começou a estudar em uma escola regular... junto com as outras crianças

Mãe: aí... deixa eu ver...depois que ele começou- - a só foi aqui no Pará

Ent: com quantos anos?

Mãe: ele tava com... dezoito anos por aí... dezoito anos que ele começou a estudar... ele teve um período de três anos que ele não estudou em escola nenhuma... foi quando eu mudei de São Paulo para cá né não tinha... eu cheguei ...eu cheguei aqui não tinha lugar nenhum que colocava ele... professora não aceitava por que não sabia ensinar ele

Ent: mais era só por causa da surdez ou ele tinha...((seqüela da disritmia cerebral))

Mãe: tinha ele tinha... ele tinha... mas mesmos assim os professores não sabiam lidar com eles... mesmo que ele - - toda vez ele foi mais depois ele tomou o remédio melhorou... e os professores não sabiam lidar com ele aqui no P.. de jeito nenhum né... eu foi morar em Ipixuna né... na cidade de IP.... não sei se você conhece

Ent: eu conheço

Mãe: lá quando eu levei ele no colégio os professores... "não eu não vou conseguir da aula para ele não ... eu não - - nem sei falar com surdo né... eu não vou conseguir" a escola normal... não tinha outro surdo não... os professores rejeitaram... não quiseram né... aí ele também não quis... ele falava para mim que eles não sabiam falar com ele né... e foi assim.. foi assim uma coisa muito triste né... e foi uma coisa muito traíste né você querer colocar se u filho no colégio né ... e os professores não aceitarem né... por não saber lidar com essa deficiência ... e as vezes o professor tinha até vontade de ensinar... mais eles dizam que não tinham material não sabiam como de jeito nenhum ficava até assustado...por que nessa cidade não tinha outro surdo né... só ele que apareceu...o primeiro surdo que apareceu... depois foi aparecendo os outros né... aí sim... aí eles foram aceitando... hoje em dia os professores são muito diferentes

Ent: é bom por que a idade dele já é vim e oito né ... vinte oito a vinte nove anos né

Pais: é

Ent: sim... aí com... dezoito anos ele fazia que série? Quando ele parou assim

Mãe: a quando ele parou que série que ele fazia
Ent: é
Mãe: ele tava no segundo ano
Ent: na segunda série?
Mãe: no segundo ano nesse tempo né .... no segundo ano ... primeiro .... no primeiro ano... primeiro ano ... é tanto que ele hoje ele com essa idade... ele ta no terceiro ano... ele está totalmente ... não ta desenvolvido de jeito nenhum
Ent: mais é primeira série mesmo?
Mãe: primeiro ano... não tem os primeiro né ... a alfabetização ainda... ele ta nesse período
[
Ent: não é por que tem primeiro ano do segundo grau
[
Mãe: é... mais não... ele nunca chegou nem a oitava série ele não... ele ta na alfabetização ainda
Ent: a senhora acha que esse caso dele não se desenvolver... é por causa da surdez ou da disritmia cerebral?
[
Mãe: arittmia cerebral
[
Ent: que ele teve
Mãe: olha eu tenho dúvidas das duas coisas... sabe por que? Ou então os professores não souberam lidar ainda com ele né... e ele... ele é um menino muito inteligente... ele desenha muito bem... mito bom o desenho dele... tem uns desenhos dele aí que é uma coisa muito bonita... só que para ler e escrever ele não consegue desenvolver... até os professores ficam sem saber o por que né... por que a crianças da idade dele que entrou junto com ele desenvolveu né... ta desenvolvido... já hoje- - parece que já ta estudando... parece que já ta terminando o primeiro ano né... ele não ... ele não desenvolveu na leitura de jeito nenhum... ele escreve bem tem uma letra mito bonita... mais não consegue... aí eu fico pensando porque né? será que é isso? uma professora falou para mim... a professora Francisca... que não sabe por que né... que ela já tem lidado... não sabe por que que ele não... não consegue né acompanhar os outros
Ent: inclusive foi a Francisc. que me deu os endereços... que eu conversei com ela dizendo que queria fazer o trabalho e tudo... só que assim ele na caso- - a conversa dele.. é normal assim para idade dele... o que ele conversa ...a senhora acha que o que ele conversa é normal para idade dele? ou as vezes ele
[
Mãe: as vezes ele vacila... as vezes não é para idade dele não ... e tem outra eu levei ele no médico... e o médico falou para mim que ele ia demorar muito para desenvolver
Ent: depois dessa disritmia ?
Mãe: depois dessa disritmia ia demora de mais... quer dizer alem da surdez né...- - não foi só a surdez que ele teve né ... teve esse outro probleminha

188 [
189 **Ent:** por isso que eu to estranhando... por que se fosse só a surdez ...
190 (incompreensível)
191 **Mãe:** pois é... alem disso teve isso aí né... aí até hoje eu fico pensando... será que
192 foi por causa disso né... por que eu já fiz outros exames dele... o médico
193 disse que não tem mais nada... nada ... só ele é lento né... deu um tipo assim
194 de uma coisa... ficou lento retardou um pouco o desenvolvimento dele
195 **Ent:** mais não que ele não possa se desenvolver né retardou um pouco mais ele é
196 capaz de
197 [
198 **Mãe:** ele é capaz de aprender tudo... só que é o seguinte... eu acho que falta assim
199 um ensinamento mais profundo né... assim saber como trabalhar com ele né
200 ... talvez ele tem um outro método para ensinar né ((quis dizer aprender)) só
201 que não encontrou ainda... mais com certeza ele desenvolve né... por que ele
202 é capaz de fazer coisa que você precisa de vê ...sabe... interessante é que não
203 desenvolveu na escola né
204 **Ent:** na escrita né ?
205 [
206 **Mãe:** na escrita sim ele tem uma escrita linda
207 [
208 **Ent:** na leitura...
209 [
210 **Mãe:** se você colocar as letras... juntar as letras e perguntar que nome ele não
211 consegue, falar o nome... ele não sabe que nome... é poucas palavras né...
212 então foi- - ele não foi trabalhado o suficiente né quando era criança pra
213 desenvolver
214 **Ent:** e a série que o Leandro ta agora... é a terceira série?
215 **Mãe:** terceira série
216 **Ent:** ta... ele começou estudar com a Francisca quando ?
217 **Mãe:** eu não me lembro... mais vai fazer uns do... dez anos já
218 **Ent:** que ele ta com a Francisca?
219 **Mãe:** que ele ta com a Francisca
220 **Ent:** e nesse período que ele tava com a Franc. ... que ele começou com Franc.
221 que ele veio para cá ele foi matriculada na escola regular... junto com os
222 outros?
223 **Mãe:** foi
224 **Ent:** e ta em uma em uma escola regular
225 **Mãe:** ta... e inclusive... ele estuda até a noite aqui nessa escola aqui
226 **Ent:** aí ele estuda junto com os outros alunos ...?
227 **Mãe:** normal... as professoras gosta muito dele... ele consegue assim na mesma
228 idade dele né
229 **Ent:** qual é a escola que lê ta?
230 **Mãe:** T. C.aqui na folha (incompreensível)
231 **Ent:** a senhora acha que a partir do momento que o Leandro começou a
232 freqüentar a escola normal com os outros... ele teve algum desenvolvimento
233 melhor ?
234 **Mãe:** eu achei que ele teve um desenvolvimento melhor

Ent: por que a senhora é uma boa pessoa para dizer isso por que ele estudou muito tempo separado né especializado

[

Mãe: separado humrum

Ent: para depois estudar regular junto com os outros

Mãe: eu achei assim que ele está tendo mais responsabilidade... ele ficou mais... ta tendo mais responsabilidade né... eu achei que ele cresceu mais né em sentido... como que eu quero dizer... amadureceu mais né... por que a noite... só tem aluno né... da idade dele né

[

Ent: da idade dele

Ent: aí sempre ele no meio dos pequenininhos... aí por isso que ele falava para mim que era só pequenininho né... foi tanto que eu achei... achei não... ele tem assim dificuldade para – agora que ele está começando a desenvolver um pouco... mas devido ele ficar tanto tempo no meio dos pequenos...

Ent: humrum

Mãe: eu tenho notado que ele gosta muito de conversar com criança né... agora que ele está desenvolvendo... mas muito pouco... mais ele gosta muito de ficar no meio de crian::ça... ele gosta de conversar com criança... aí eu acho... no meu pensamento é por que ele foiçou mui::to tempo só com criança

[

Ent: só com criança

Mãe: as vezes é preocupante para mim sabe que ele... - - muitas vezes eu falo para ele não... vai conversar com os adultos né - - assim crianças de no::vê dez anos... ele conversa de mais eu acho que foi(incompreensível) por que o tempo todo só nessa sala que só tem criança... agora de um tempo para cá eu comecei- - coloquei ele a noite... estou vendo que ele está melhorando um pouco... já conversa com as pessoas

Ent: ta... assim a senhora- - então é esse o exemplo que a senhora me dá por ele está melhorando... ele está amadurece::ndo mais

Mãe: humrum ... depois que ele começou né estudar junto com outras pessoas adultas... da idade dele

Ent: assim as suas expectativas a respeito do futuro do Leandro assim a senhora acha que ele pode desenvolver para arrumar um servi::co... sinceramente... eu quero saber...

Mãe: eu vou ser sincera para você não

Ent: acha que não?

Mãe: não... ainda mais se eu ficar aqui em Marabá... eu acho Marabá mui::to... mui::to difícil para ter um desenvolvimento maior ((desenvolvimento com relação a apoio profissional para Leandro)) nos casos especiais... muito especiais... por que o Leandro ele é um caso especial... passou de especial... por que tem uns casos que desenvolve mais rápido... e ele... acho que precisa de outra técnica para trabalhar com ele... e se agente continuar aqui... nessa coisinha aí dessa escola né a noite pela manhã que ele vai... não tem muito desenvolvimento nenhum para... para... para poder trabalhar com o aluno entendeu...ele não vai desenvolver... ele não vai conseguir

trabalhar... ele não tem... ele não tem assim - - eu vejo nele que ele não consegue mesmo...

Ent: o... Leandro... ele anda sozinho?

Mãe: muito pouco né... mais você sabe por que

Ent: um

Mãe: por que eu foi muito uma mãe assim apegada né... nunca deixei ele- - devido a deficiência dele não só auditiva né

[

Ent: mais também ...

Mãe: outras... eu achava ele assim muito frágil né... eu sempre fui assim apegada com ele né... sempre era eu... muitas vezes eu acho eu culpada né nesse caso aí... de não ter soltado ele... mais a mãe sabe até que ponto ela pode né

[

Ent: é a mãe sabe... só que a gente como mãe é meio suspeita por que fica com aquele medo... quando o filho não tem nada... nada que eu digo assim... nem um tipo de problema

[

Mãe: humrum

Ent: com relação a audição nem nada agente já tem um medo

[

Mãe: medo né...agora você imagina

Ent: eu também como sou mãe... eu como mãe fico pensando que é muito difícil

[

Mãe: difícil né?

Ent: então assim ele não anda muito sozinho?

Mãe: anda não muito pouco só

Ent: ele não pega um ônibus sozinho?

Mãe: pega não... as vezes ... quando eu ponho ele para praticar muito...assim eu escrevo o nome do ônibus ... a cidade... o lugar que ele vai... para onde ele vai ensino vou levar ele várias vezes... ele vai né... mais eu não tenho confiança muito assim em deixar ele só... sair só... igual os outros surdos né... por que tem uns surdos liberais

[

Ent: é que... que...

[

Mãe: que sai para todo lugar

Ent: humrum

Mãe: que passeia... e outra ele não gosta... o negócio dele é mais é dentro de casa... você conhece ele?

Ent: eu nunca vi ele

Mãe: pois você vai conhecer ele é muito

[

Ent: conheço ele por nome por que...

Mãe: mais ele não gosta de sair não... ele não gosta de sair sozinho né... e eu nem...- - aí ficou assim né... ele é muito caseiro não sai... mais talvez se eu tivesse deixado... mas não tinha como... as vezes o professor cobra isso de mim

Ent: por que aí ele ia saber se virar mais sozinho... ele se relacionava mais com as outras pessoas

Mãe: humrum .... as vezes os professores cobram... "à a senhora devia ter deixado mais" mais eu não via... eu não tinha segurança para mim deixar ele só né... eu olhava assim para ele... eu não achava que ele estava realmente preparado

Ent: [preparado

Mãe: para isso... ele tinha o...- - ele começou andar... ele tinha- - uma criança com quatro anos já anda bem né... ele começou andar com quatro anos... e foi muito difícil né... ele ficou - - ele mau...mau levantava... ele era sempre fraquinho... aí eu ficava com medo dele até cair né ... ir pegar um ônibus... aí fiquei né segurando ele... hoje em dia... agora ele já está se desenvolvendo bem né ... mas mesmo assim..

Ent: e com relação assim... aos amigos dele... ele tem muitos amigos... da idade dele... e que não tem deficiência auditiva?

Mãe: poucos amigos ele tem... pouco... pouco

Ent: e aqueles que tem deficiência auditiva como ele... ele tem mais amizades ?

Mãe: tem mais amizades...

Ent: a língua de sinais... ele consegue falar tudo na língua de sinais?

Mãe: consegue... ele agora está participando né ...- - agente é evangélico né- - no nosso salão das testemunhas de Jeová tem um grupo né... que ensina libras e é muito bom... ele desenvolveu de mais... de mais da conta ... depois desse grupo que formou aqui na congregação... ele tem desenvolvido muito...ele já aprendeu muita coisa mesmo...vou te dizer...

Ent: então na língua dele... ele consegue se comunicar com qualquer outro surdo?

Mãe: [qualquer outro surdo

Ent: [surdo entre aspas... por que eu não gosto de ta chamando assim

Mãe: é consegue normalmente... até eu que né... que era- - agora eu estou achando bem mais fácil me comunicar com ele ... mais ainda não deixo aquela comunicação que eu tenho com ele

Ent: [é...

Mãe: de criança ainda quando eu comecei

Ent: humruum

Mãe: ele entende direitinho

Ent: a senhora sabe a língua de sinais então?

Mãe: pouco... eu não sei muito né

Ent: e as outras pessoas da casa?

Mãe: também- - é que é só eu e meu esposo né

Ent: e ele

Mãe: e ele...e tem mais dois filhos... mais um é casado... o outro está em S. P... ele consegue falar com ele né... esse que mora aqui consegue... mais o outro muito pouco né só por mímica né... que eles conseguem se comunicar

Ent: eu também... só por mímica...((risos)) eu não sei ainda

Mãe: você não consegue

376 **Ent:** eu não sei ainda... mais ainda vou aprender
377 **Mãe:** humrum...
378 **Ent:** é... já houve assim algum tipo de preconceito com o Alessandro?
379 **Mãe:** muitos na família
380 [
381 **Ent:** a senhora podia citar algum exemplo
382 **Mãe:** muito né... na família? ou na...?
383 **Ent:** pode ser dois... pode ser na família e...
384 **Mãe:** na família né... minhas irmãs muitas vezes- - agora não... agora já está
385 aceitando... mais eu lembro que uma vez eu fui para B. né ... e minha irmã
386 tinha mais... tinha três filhos da idade dos três que eu tinha... por que eu
387 tenho três também né
388 **Ent:** humrum
389 **Mãe:** e ela não conseguia deixar os filhos dela brincar com o meu né?
390 **Ent:** com o Leandro?
391 **Mãe:** com o Leandro... não conseguia de jeito nenhum né... ele queria brincar com
392 os brinquedos... ele queria- - o que é normal de toda criança né
393 **Ent:** humrum
394 **Mãe:** querer pegar o brinquedo do outro né
395 **Ent:** com certeza
396 **Mãe:** toda criança tem isso... mais elas não viam por ele ser criança... eram todos
397 da mesma idade... então agente teve até briga né... a gente acabava
398 discutindo né com os irmão por causa disso... eles não aceitavam de jeito
399 nenhum... achavam que era uma coisa - - era inaceitável isso... ales terem um
400 sobrinho né ... um primo dos filhos dele que tivesse deficiência ... e até hoje
401 é assim... ele não- - é uma assim uma coisa muito assim... eles não consegue
402 se comunicar muito com ele não...
403 **Ent:** os primos assim- - ele não tem relação com os primos
404 [
405 **Mãe:** muito pouca
406 [
407 **Ent:** nunca teve
408 [
409 **Mãe:** não
410 **Ent:** nem quando ia para lá ?
411 **Mãe:** não... não era muito pouco né... e na vizinhança também... agora não... agora
412 está bem mais desenvolvido né... mais quando eu cheguei aqui... que era
413 muito pouco surdo... u já tive muito preconceito com ele... de ele ir para
414 escola e ficarem mexendo com ele... chamavam ele de doi::dinho... e eu
415 ficava uma fera... eu queria tentar passar para esses colegas dele que não era
416 assim né... e... era um desespero só ... aí foi indo foi indo... e eu fui
417 deixando... se não agente ia brigar mesmo... e era só polemica
418 **Ent:** mais eu acho que doía muito na senhora né esse negocio dos parentes né
419 [
420 **Mãe:** chegava a chorar... os parente né... de dizer assim... chegar a falar não...
421 vamos em um passeio né ... aí quando eu ia ... que eles me viam ao lado do
422 Leandro né... aí já desistia do passeio para ele não ir junto né... eles não

[
Ent: e qual a explicação que eles davam para isso?
Mãe: não... não tinham achavam que ele era ele não tinha eu perguntava
[
Ent: era como se fosse contagioso né
[
Mãe: como se fosse é... achava que os filhos dele ia aprender a comunicar que nem o Leandro comunicava... aí achava que não tinha como eles ficarem juntos... agora não... agora eles já aceitam né.... essa minha irmã ... agora que filho já cresceu... agora já aceita
Ent: tem outra cabeça né agora que já estão grandes?
Mãe: é já cresceu... mais na infância foi muito difícil
Ent: na família você já contou né ?
Mãe: humrum
Ent: é... o atendimento dele na escola com a Francisca
Mãe: um
Ent: o que... que a senhora acha?
Mãe: é...
Ent: assim... o que que a senhora acha da educação- - como a Francisca trabalha com eles... a senhora acha que é b::om...
Mãe: é por que eu não vejo outra professora assim... alias não tem ... nem uma outra professora para trabalhar
[
Ent: aqui em M.
Mãe: é muito pouco né ... e ... eu acho assim... a Francisca ela tenta passar o... o... possível que ela aprendeu né... e as vezes o mal de muitas mães se não fosse a Francisca né... por que ela tem muita carinho pelos surdos... o que precisa é isso né... é amor... por que não adianta a pessoa querer trabalho com surdo e não ter amor... tem que ter amor... paciência e muita dedicação... e isso ela tem... ela tem muita força de vontade... mais o que falta para ela trabalhar com o surdo? o material né
Ent: humrum
Mãe: falta uma sala equipada que não tem né... quer dizer... ela tem vontade... mais ela não consegue trabalhar tudo que o surdo precisa por que não tem uma sala equipada... montada ... o material que precisa para trabalhar com o surdo né
Ent: é eu visitei a sala dela e tudo
[
Mãe: não tem nada né... e precisa... os surdos eles precisam de muita coisa... precisa - - a professora... ela sai para fazer curso e tudo... mais ainda falta... acho que falta assim apoio né... de outras pessoas (incompressível) pro surdo aqui em M. ... por que... que eu conheço assim que os surdo vem tudo é só para ela né
Ent: é só para ela
Mãe: e ela sozinha não da conta né... então fica uma coisa assim... difícil para trabalhar... como é que ela vai trabalhar com todos ... ela sozinha... e não tem assim é não....coisas para trabalhar com surdo né... que precisa ter muita

coisa... por que tem surdo de toda idade lá né... e não é só falar com o surdo em libras... tem outros métodos para trabalhar

Ent: é tem que ter outros recursos visuais

Mãe: visuais né... então o que precisa em M. - - eu acho preocupante é isso... é falta de apoio né que não tem

Ent: e assim... a escola... a senhora tem contato com todos os professores... da escola que ele freqüenta atualmente?

Mãe: humrum

Ent: a senhora conhece os professores conhece...

Mãe: conheço a professora... e ela não sabe - - só sabe falar boa noite... oi só... ela não tem- - é por que aqui em M. diz que todos os professores tinham que fazer um curso para trabalhar com o surdo né... todos eles... mais só que o curso é muito fraquinho né... os professores não conseguem aprender desse jeito né ... tem que ser uma coisa bem

[

Ent: tem que ser um coisa mais longa

Mãe: mais longa né... é pouca coisa... poucas palavras... e não é só isso precisa de muita coisa ... então essa ultima que ele está estudando ninguém sabe falar com ele... é uma tristeza... você chega eles tentam... tentam falar com ele mais não consegue... a própria professora não sabe... ela falou para mim dona Aldir- - ele estava estudando em outra escola aqui eu tirei...no... no G. V. .... não

Ent: J.?

Mãe: não J. ele estar pela manhã

Ent: com a Francisca

Mãe: é com Francisca ... é na outra aqui... como é que chama meu deus a escola

Ent: sim mais...

Mãe: ela chegou a professora chegou... e falou para mim "dona Andréia acho bom que a senhora procure outro recurso... por que eu não consigo ensinar o Leandro... não consigo de jeito nenhum... é muito difícil para mim ensinar ele" aí eu tirei e coloquei aqui... que é mais pertinho né não é longe... e ta aí é saber se essa professora vai saber ensinar ele... muito - - se tivesse professor equipado que soubesse meso trabalhar com o surdo... eu acho que ele desenvolvia... mas é que cada um tem um método diferente de trabalhar como ele né... tinha que ver o que que ele precisa... onde é que está a deficiência dele para saber trabalhar com ele ... aí fica difícil

Ent: dona Aludir e o Leandro assim ... eu já perguntei sobre as amizades dele... sobre é...namoro... ele já teve algum relacionamento com al::guém...

Mãe: bom ele... ele... não teve né... mais ele sempre se preocupa com o namoro né...sempre acha que ele que namorar... que ele precisa de namorar ... só uma coisa que eu vou falar para você ele não que namorar com surdo

Ent: a não

Mãe: deficiente né... ele gostou de uma no colégio ... mais só que ela- - elas não querem mesmo namorar com ele... as vezes ele reclama que precisa namorar né ... que quer namorar que tem gostar de alguém ... que isso e aquilo... mais não vê não tem como né

Ent: mais assim... quando eu conversei com outras mães com relação a namoro também que eu perguntei... é ao contrário do Leandro... eles querem relacionamento com pessoa que também tenham deficiência auditiva... por causa da facilidade de comunicação

Mãe: [o Leandro é diferente... aí eu perguntei por que né... ele disse que são feias as surdas que ele conhece né

Ent: [h::::::a

Mãe: e as outras que ele não conhece- - "são feias não quero" só teve uma no colégio né... que ele gostava muito de::la... e tudo ele desenhava para e::la... ele ficou mesmo assim ... eu senti que ele estava mesmo apaixonado... mais ela nem olhava para ele né ... não queria... aí depois eu acho que ele ficou decepcionado

Ent: mais ele vai encontrar

Mãe: é

Ent: e assim dona Andréia... e com relação a lazer... alguma atividade assim que ele faz que da prazer para ele assim sei lá que ele

Mãe: [que ele tenha vontade de fazer

Ent: é por que assim a gente sempre tem um lugar que agente gosta de ir

Mãe: [humrum... bom o lazer do Leandro é aqui em casa mesmo né... é a televisão

Ent: a televisão

Mãe: televisão e desenho... televisão e desenho... ele termina de almoçar... assiste televisão e volta para a mesa de desenhar... não tem lazer o Leandro ... fora de casa para sair ele não tem... ele não gosta sabe assim de sair - - aí ele fala ... "a não tem nada aqui em M.' M. não tem nada para ele ir... nem um rio... não tem nada para ele ir... ele não é muito de sair... assim enturmar entendeu ele não é

Ent: nem nas outras cidades que vocês moravam

Mãe: não nas outras... em São Paulo ele saiu de lá pequeno ainda né ... em uma idade que ainda não se virava sozinho né... ele gosta mais só que é o seguinte... ele acha difícil né...na mesma hora que ele gosta de sair... ele diz que é feio que aqui não tem nada bonito... que se tivesse uma coisa bonita ele ia... então eu acho que ele não gosta da coisas né

Ent: humrum

Mãe: que ele vê aqui...né ele não tem muita vontade de ir

Ent: [uma coisa que eu esqueci de perguntar para senhora... o pai do Leandro... no começo ele ficou meio assim teve algum

Mãe: foi muito duro né ... ele não me ajudou quase em nada né ... ele não(incompreensível) eu falava para levar ele para passeia né "não...não vai você ... que você tem jeito de lidar com ele eu não tenho né" teve um pouco de rejeito tanto o pai como os irmãos... e eu sofri muito sabe muito... muito... muito...muito... eu tenho pegado muito com Deus para deu me ajudar ...não é lidar com ele... eu não tive muito apoio né...

563 **Ent:** e hoje o relacionamento dos dois?
564 **Mãe:** ele não tem paciência com o pai dele... ele disse que o pai dele não sabe falar
565 com ele... o pai dele as vezes... hoje em dia que brincar com ele... eu digo
566 agora é tarde... agora é tarde... ele não gosta muito assim de brincar com o
567 pai dele de jeito nenhum... não gosta... eu falei para ele... é tarde agora ...
568 tinha que ser assim desde crianças... para hoje ser como se fosse assim...
569 **Ent:** um elo de ligação assim pai e filho né
570 **Mãe:** não
571 **Ent:** tinha que ser assim desde criança
572 **Mãe:** desde criança... para ele relaxar... hoje ele se arrepende ele quer brincar com
573 ele ... que voltar atrás... só que agora não tem mais jeito... ele não... eles
574 não... né... as vezes ele fala uma coisa o Leandro fala que não está certo...
575 que o pai não sabe que o pai é isso (incompreensível)
576 **Ent:** o Leandro fala algumas palavras?
577 **Mãe:** não só gesto... mímica né
578 **Ent:** humrum
579 **Mãe:** eu não tenho dificuldade... só com o pai dele tem mais dificuldade de
580 comunicar do que comigo né...
581 [
582 **Ent:** por que a senhora entende tu::do
583 [
584 **Mãe:** tu:::do
585 **Ent:** por que a senhora convive com ele desde
586 **Mãe:** desde criança
587 **Ent:** as vezes...a mãe as vezes sem nem falar nada já sabe o que o filho quer
588 [
589 **Mãe:** já sabe... humrum
590 **Ent:** ((agradecimentos))

ANEXO F

Ent: pois é então a senhora podia começar assim me contando de quando ele nasceu

Mãe: (incompreensível)

[

Ent: como foi o impacto

Mãe: não assim... ele nasceu... ele é prematuro... ele é de oito meses... e minha gravidez foi de risco o tempo todo... durante a gravidez toda entendeu... eu trabalhava na época... e era mais em casa do que no serviço... e aí... era normal tava normal ...só que depois- - inclusive eu vim descobrir que ele era surdo ele tinha dois anos já... por que ele era normalzinho... já balbuciava mamãe papai

Ent: humrum

Mãe: aí nós fomos para Belo Horizonte... por que a família no meu marido mora toda lá... fazer tratamento lá ... e fizemos uma audiometria tronco cerebral... que faz com a criança dormindo

Ent: humrum

Mãe: que realmente constata

[

Ent: se ele é realmente é surdo

Mãe: o grau de surdez tudo ... aí descobrimos que ele realmente era surdo... do lado esquerdo a surdez era profunda ...do lado direito ele ouvia um pouco... assim mais ou menos um metro de distância ele respondia... entendeu?... aí eu sempre levava ele para fazer tratamento lá ... só com o passar dos anos...eu não sei por que... o médico dele que era um dos melhores do Brasil lá em Belo Horizonte... que é o Nicodemos ... ele nuca- - nós fizemos tomografia de cabeça de ouvido nele... de todo jeito nós fizemos

Ent: humrum

Mãe: ele usou aparelho muito tempo... ele já usou três tipos de aparelho

Ent: esse aparelho... ele conseguia ouvir bem assim com ele?

Mãe: eu acho... só que na época ele era pequeno né

Ent: a ta

Mãe: ele só usou o aparelho só até uns doze anos... aí a audição dele foi piorando... ele foi ficando cada vez mais surdo... na audiometria que foi feita dele... o médico ficou impressionado por que o tímpano dele é perfeito... ele não tem nada no cérebro... normal... normal... simplesmente ele não escuta ... e aí nunca foi descoberto... eu já corri atrás já ... assim fiquei um ano morando lá em S.L para fazer tratamento nele... era caríssimo... por que na época meu marido ganhava melhor né... aí eu fiquei morando lá ... larguei meu trabalho por conta dele... entendeu

Ent: humrum

Mãe: e aí... terminei o tratamento... voltei para cá ... e cheguei aqui... aqui é mais dificultoso né para- - na época ... agora não né... melhorou... mais antes era mais difícil... o preconceito era grande também... era

surdinho... só que a fonoaudióloga lá - - desde os doze anos... ou... desde dois anos que ele estuda

Ent: um

Mãe: ela disse- - ele nunca estudou em escola especial assim... ele estudava no meio das crianças normais

[

Ent: (incompreensível)

Mãe: por que ela disse que era melhor para ele... e ele sempre graças a deus teve uma grande aceitação... então os coleguinhas dele sempre gostaram dele

Ent: ele conseguia se comunicar com os colegas de através de gestos?

[

Mãe: conseguia... ele falava... ele fala é muita coisa

Ent: h:::::::am ta

Mãe: ele tem uma ótima leitura labial... se você falar olhando ele sabe o que você está dizendo... é tanto que hoje em dia ele trabalha ... ele está levando a vida dele normal

Ent: acho que por causa dessa convivência dele também com as crianças desde pequeno

[

Mãe: e aqui em casa agente não fala com ele com gestos... agente fala com ele normal... só a rua que o pessoal fica fazendo mímica para ele... por que a fonoaudióloga sempre orientou agente não falar com ele com mímica... então é tanta coisa ... tudo agente teve que ensinar para ele... aquelas figurinhas e tal ... essas coisas

Ent: humrum ta ... aí quando ele nasceu assim na família assim teve...

Mãe: não... é claro que todo mundo

Ent: impacto né

Mãe: você está grávida... você descobrir que seu filho tem uma deficiência você leva um impacto... chorei muito... mais aí eu aceitei

Ent: e o pai dele

Mãe: ele - - o pai dele fala que não mais até hoje eu cinto que ele nunca aceitou ele... entendeu... tem tantos problemas que eu não gosto nem de falar disso

Ent: se quiser desabafar pó:::::::de falar não tem problema é... deixa eu ver aqui... é então inclusão dele na escola desde de pe:::::queno

Mãe: dedes de pequenininho

Ent: isso favoreceu muito

[

Mãe: desde de pequeno

Ent: por que ele consegue lê os lábios

[

Mãe: lê o lábio... ele é uma pessoa maravilhosa... todo mundo gosta dele

Ent: aí aqui... tem uma pergunta aqui... você acha que essa inclusão dele desde pequeno na escola é...ela favoreceu em que assim tanto para ele

[

Mãe: favoreceu em tudo que assim ... por que o pessoal fala que a criança que é surda ... se ela não ter aquela inclusão junto com os outros normais... chamados normais... ele fica mais retraído... ele fica assim... inibido né ... fica assim triste por causa da deficiência dele... e o Rodrigo não... eu creio que ele nunca sentiu esse tipo de coisa... por que todo mundo sempre aceitou ele

Ent: ta... e aí o emprego... é o primeiro emprego dele?

Mãe: primeiro emprego... eu tinha arrumado outro para ganhar melhor... só que era lá no frigorífico... muito...muito... ganhava mais realmente... quatrocentos e vinte cinco reais de inicio... mais tinha que levantar dimadrugada... três horas da manhã para pegar o ônibus... aí eu digo nan... aí ele mesmo só foi um dia não quis mais... aí ele está trabalhando no P. de auxiliar de escritório agora

Ent: ta aí ele se da super bem no ser:::::viço... não tem nenhum tipo de problema

Mãe: da... está trabalhando no escritório

[

Ent: ta com relação assim a autonomia ele é totalmente independente

Mãe: minha filha ele sempre foi desde pequeno... graças a deus meu filho- - a eu adoro meu filho... sabe eu sempre admirei o Rodrigo por quando eu tava fazendo tratamento nele ele pequenininho só aquele- - eu sofri muito nessa época também... era com essa daqui no colo e ele puxando

Ent; humrum

Mãe: mais ele é super- independente... supre- organizado... se tu vê as gavetas dele são todas bonitinhas tudo... ele sempre- - desde ele pequeno ele toma banho sozinho... ele se verte sozinho... ele nunca teve esse tipo de problema não

Ent: e namoro... relacionamento social que envolvam outras

[

Mãe: assim

[

Ent: tem muitos amigos?

Mãe: namoro a Rosa ((irmã do Renan)) diz que as meninas não podem dar um beijo nele que ele já quer ser o dono... só que ele não tem namorada não... que dizer... diz que tem uma lá em T. ... por que ele viaja sozinho para lá... ele um colega dele que é surdo também... mais nunca veio ninguém aqui .... tem muitas meninas atrás dele por que ele é - - não sei se tu já viu ele...

Ent: ainda não vi não

Mãe: por que ele é muito bonito né... aí - - quer dizer... era né... que agora a Rosa disse que ele ficou feio né Rosa... ((risos))

Ent: mais assim... não apresentou nenhuma namorada?

[

Mãe: depois tu pega aqueles álbuns lá Rosa para agente mostrar para ela

Mãe: aí ele ... ele participou de um concurso de beleza lá em Sete Lagoas... aí eles tiraram foto dele lá...- - aqui como ele estava bonitinho... quatro meses... aqui é o pai dele... o pai dele sabe... sei lá...

Ent: pode falar

Mãe: não... é assim ele diz que gosta dele... mais eu acho que não gosta não

[

Ent: sente agente sente essas coisas

Mãe: e o Rodrigo também (incompreensível)... não tem nenhuma atual dele.... aqui ele está maiozinho... aqui é os tios dele lá em M. .... essa aqui é no dia do meu casamento no civil

Ent: engraçado como ele puxou para você o olho né?

Mãe: puxou para mim.... e a Rosa puxou para- - mais o pais desse...

Ent: eu queria saber se ouve algum tipo de preconceito assim do... - - assim eu sei que desde pequeno ele foi para escola normal.... mais na escola não ouve nenhum tipo de situação

[

Mãe: não

Ent: que você teve que ir lá...com relação a chamarem ele de alguma coisa e ele ficar triste... nem vizinho nem...

Mãe: não... principalmente lá em M..... por aqui ... aqui que de vez em quando o pessoal tem uma história... por que a pessoa é surda fica falando mudinho essas coisas

[

Ent: é fica taxado disso não chama pelo nome da pessoa

[

Mãe: eu falava que ele tinha nome... mais os amigos dele mesmo só chama ele pelo nome... é gente que não tem cultura sabe... mais também isso aí eu ...

Ent: mais nem um caso mais sério

[

Mãe: não

[

Ent: que você tenha que ter lidado de alguma forma assim

[

Mãe: não... e tanto que ele... ele é uma pessoa assim que se você chagar bem aqui e não falar que ele é surdo você não percebe que ele é surdo... entendeu... por que geralmente as pessoas surdas

[

Ent: humrum

Mãe: tem assim alguma coisa... e ele não... ele chaga nos lugares... se ele ficar de boca fechada ninguém nunca vai imaginar que ele tem problema de surdez...

Ent: as pessoas ficam meio inibidas assim... por que se eu souber ...- - se eu for uma pessoa é surda eu vou ficar pensando como que eu vou me comunica com aquela pessoa... aí fica aquela coisa né

Mãe: esse é o problema das meninas lá no escritório né ... mais elas escrevem no papel...escrevem no papel... celular.- - ele passa mensagem no celular... assim o importante é a pessoa saber lê e escrever

Ent: humrum... então não existe o preconceito... só por parte do pai no começo

Mãe: é ... é por que é assim eu acho assim... eu acho assim que por ele ter só ele de filho homem ... eu acho que se fosse outro pai... ele tinha que está mais próximo dele... ele não teve adolescência.... ele não teve aquele negocio do pai ta explicando as coisas para ele... que não pode isso que não pode aquilo... o que ele sabe é dos outros

Ent: [é incrível... como só por causa disso o pai se afastou assim

Mãe: até mesmo quando ele estava aqui dentro de casa... inclusive ele saiu de casa por causa dele... por que sempre que atendia o Rodrigo... mais não foi só por causa dele

Ent: humrum

Mãe: no dia foi uma briga por causa dele... mais só que o copo foi enchendo entendeu

Ent: [eu sei como é

Mãe: e ele tinha mania de arrumar as coisa e ir embora e no outro dia... e nesse dia eu não deixei mais ... até hoje ele não voltou mais... mais agente está tendo um relacionamento... ele só não está aqui mais ele vem dar as coisas... até melhorou depois que está para lá

Ent: parece que é um mal... quando o casamento não... aí o homem melhora

Mãe: o Rodrigo achou foi bom

Ent: ta aí assim o que você sabe - - ele está estudando agora no Jonathas

Mãe: é estuda no J. ... está na oitava série

Ent: e assim você tem contato com o pessoal da esco:::la

Mãe: quando ele estudava durante o dia sim... agora que ele está a noite nem lá vê mais eu foi... mais eu vou dar um jeito de ir lá... arrumar um tempo a noite para mim vê... por que as vezes ele reclama por que tem um professor lá que não fala... por que a noite é diferente

Ent: humrum

Mãe: ele estava acostumado- - estudou a vida inteira

Ent: [durante o dia

Mãe: agora fez dezoito anos...durante o dia ... eu por mim ele não teria nem arrumado esse trabalho teria que estudar ou pelo menos terminado

Ent: [humrum

Mãe: pelo menos até a oitava série... ou mesmo o segundo grau

Ent: humrum

Mãe: aí ele quis... tava doido para trabalhar... aí eu deixei... só que eu estou achando que não foi legal para ele não com relação ao estudo

Ent: e aí a Francisca...

Mãe: e ele estudando a noite

[

Ent: o trabalho dela com ele?

Mãe: ave maria

Ent: ele está com a Francisca a noite?

Mãe: não

Ent: regular?

[

Mãe: é por que é assim... quando passa para a noite aí não coisa mais com a Francisca ... não tem mais contato... ela só está tendo contato por que eles vão lá ... Poe que eles tem ela como uma mãe também... ave Maria Iara é maravilhosa... se não fosse ela na minha vida

[

Ent: ela é maravilho... - - eu não conhecia ela... eu fui lá conversar com ela

[

Mãe: ela é assim... esse emprego da B. foi ela que arrumou quando eu dei fé - - ela foi comigo lá entendeu... ela tem eles como filho você entendeu... ave maria sem a Iara na minha vida eu não sei nem o que seria de mim... nem eu nem ele..

Ent: o trabalho... - - ela trabalhou muito tempo com ele também né?

Mãe: desde dele pequeno... desde de quando eu vim lá de M. em noventa e dois... ele estudou acho que só um ano na Cidade Nova... por que eu morava na Cidade Nova

Ent: humrum

Mãe: aí quando eu vim para cá eu já matriculei ele no J.e ele já ficou com a Iara

Ent: ficava com ela e na...?

Mãe: é por que é assim quando ele estudava pela manhã... pela manhã na escola normal e tarde com ela

Ent: humrum

Mãe: aí ela fazia - - tinha educação especial... ela ajudava ele fazer os trabalhos da esco::la... e ensinava a parte dela para ele... a parte de linguagem... e ela é muito inteiriçada por ele

[

Ent: ela me contou... ela disse que ficou até revoltada assim... quando ela foi (incompreensível) com relação ao pai dele... por que assim ela disse que ia mostrar como

[

Mãe: ele é capaz

[

Ent: é como ele é capaz

Mãe: é isso que eu sempre falei para ele Rodrigo e para a minha filha... que para não ligar para o que ele diz não... por que agente tem que mostrar o que que é capaz para o outro... agente pode fazer isso... agente está dando um tapa nele... entendeu...e é isso que eu estou fazendo... eu estou mostrando para ele que ele é capaz

Ent: e ele é... você acha assim que ele tem dezoito anos... ele está fazendo a oitava série... e...você acha que é por causa da deficiência que atrapalha um pouco

Mãe: com certeza... com certeza

Ent: [por que se ele fosse uma pessoa normal ele já tava terminando o segundo grau

Ent: [mais isso você acha que é o que? é falta de material para as escolas trabalha::rem

Mãe: não é por que realmente a pessoa surda... por que todo lugar que eu já vi... que mesmo lá em M. já tinha... já tinha até um fonoaudióloga já dentro da escola na época... - - que eu sou arrependida até hoje mortinha de ter vindo para cá... que talvez se eu tivesse lá

Ent: [trabalhando

Mãe: [trabalhando a fala dele ele já tava falando... por que lá eu fiz foi conversar com pessoas surdas... mais surdas do que ele ... e ela conversou comigo normal igual nós estamos conversando aqui ... e é surda... surda

Ent: [meu deus é incrível

Mãe: entendeu? Então quando agente chega para cá... aqui é muito atrasado ... então- - mais a pessoa surda realmente ele tem uma dificuldade... uma certa dificuldade... até os normais tem imagine os surdos... e agora estudando a noite e que vão ter mesmo... por que tu sabe como é os professores aqui... escola pública

Ent: pois é

Mãe: eles chegam e joga matéria para lá

Ent: [humrum... é isso que eu to te falando não há preocupação

Mãe: [por que mais - - durante o dia ele só tira nota boa... ele é bom que só de Matemática (incompreensível) computação... tem curso de informática também

Ent: por que assim não a uma preocupação do professor... a o aluno r é.... é surdo

Mãe: [eles não tem

Ent: tem deficiência auditiva... eu vou tentar me comunicar com ele... eu vou tentar ao maximo- - não tem ele só joga lá e o aluno mesmo tendo deficiência ele tem que.se virar

Mãe: e as professoras do dia elas tem mais cuidado elas são mais trabalhadas... ele estuda lá no J. ... a T. a diretora ela é nossa amiga aqui ela ta sempre entendeu.... qualquer coisa mandava- - a Franc. também me liga- - eu não posso - - eu trabalho meu tempo é curto... eu trabalho... mais eu ligo para ela... agente conversa no telefone... agora não ta difícil... só que eu estou querendo tirar um tempo para eu ir lá... desde do dia que ele ficou falando de um professor lá

Ent: humrum

Mãe: eu estou querendo ir lá para eu assistir essa aula para mim ver como é que é o tratamento

Ent: então esse negócio de recurso que tem que ser mais preparado para trabalhar

[

Mãe: mais tem professor que tem preconceito também

Ent: é isso que é o problema

[

Mãe: isso aí eu já percebi

Ent: o que que o aluno tal está fazendo aqui

[

Mãe: se a pessoa não gostar... se o professor não gostar... eles tratam eles mal

Ent: meu deus é de mais para mim... aí agente que tem um filho com esse problema fica em uma revolta doida... por se fosse eu ficava... ta é...então com ele vocês não falam com língua de sinais?

Mãe: não... só que não é preciso que até agente normal mesmo quando agente fica

Ent: é gesto

Mãe: o i o eu estou falando com gesto contigo

Ent: mais aí

[

Mãe: eu procuro falar com ele sempre normal

Ent: e ele entende?

Mãe: entende... entende

[

Ent: então a comunicação entre vocês é assim?

Mãe: aqui todo mundo... e ele chama o nome de todo mundo aqui ele... ele- - muita coisa do cotidiano ele sabe falar

Ent: e a língua de sinais ele sabe também?

Mãe: ele é professor de língua de sinais ele da aula para os professores de língua de sinais

Ent: mais vocês não dominam né aqui ninguém

Mãe: não... eu já era para eu saber... só a minha filha a Rosa que sabe um pouco... minha filha ele já deu aula até la na Universidade...

tu não estuda na Universidade?

Ent: estudo... foi com o E. que ele fez isso
[
Mãe: ele teve um negocio aí na Universidade que ele foi ele levou até uns negocio lá que ele ia falar não sei para quem lá
Ent: há ... então foi o Rodrigo que
[
Mãe: o Rodrigo e o T. um altão branco dos olhos azuis
[
Ent: é por que eu não participei desse curso lá... foi o E. um professor do- - ele levou duas pessoas
[
Mãe: pois é o Rodrigo... pois era ele
Ent: eu não tive oportunidade de participar
Mãe: ele não queria não sabe... mais a Franc. colocou ele para aprender ... eles já participaram de grupo de dança... eles dançavam ... se tu vê eu ficava encabulada
[
Ent: ela disse que antes eram mais atividades
Mãe: era tinha mais atividades
Ent: agora que ta mais
[
Mãe: é incrível você vê uma pessoa que você sabe que ele é surdo...e ele está dançando igualzinho como se não fosse surdo ouvindo a música... é... é bacana viu... eu assisti eles dançando lá no Cine Marrocos uma vez
Ent: eu queria ver... eu queria ver ... eu acho lindo eles gesticulando ... quem sabe língua de sinais ... acho lindo de mais... eu fiz um curso lá na UEPA um final de semana só
Mãe: humrum
Ent: mais a professora ela sabia muito- - uma música ela traduziu para gente... gente é muito lindo... eu fico ai...
Mãe: pois é e se tu vê quando ele fez o curso de informática lá na (incompreensível) pessoal ficaram impressionado com... com a facilidade que eles tem para aprender... eles escolheram cinco alunos do J. para fazer uma experiência... e foi ótimo
Ent: agora eu imagino tanta facilidade que ele tem... por que geralmente quando a pessoa não tem uma coisa ela aprimora outra né
[
Mãe: exatamente ele falou que né
Ent: então... e não é trabalhado isso na escola regular... por que era para ele está bem ótimo... em uma série mais avançada ainda..
Mãe: é só que ... eu queria que ele terminasse... só que eu para mim eu já me sinto privilegiada dele... apesar dele já te dezoito anos... ele já ta na oitava série... por que tem criança... pessoas que não ajudam o filho... o bichinho não aprende nem a lê
Mãe: com certeza com certeza
Ent: então eu para mim, eu já dou graças a deus todo dia

467 **Ent:** humrum
468 **Mãe:** meu filho já está até trabalhando
469 **Ent:** e aí
470 **Mãe:** ta integralizado no... é integralizado mesmo né ?
471 **Ent:** é... pode falar
472 **Mãe:** no... no mercado de trabalho
473 **Ent:** pois é
474 **Mãe:** que é o meu sonho de ver ele trabalhando
475 **Ent:** assim você acha que o fato de ele está no mercado de trabalho... ta
476 trabalhando logo foi também por causa da Iara ajudando
477 [
478 **Mãe:** também
479 **Ent:** que ele se desenvolveu bastante com ela
480 **Mãe:** também... com certeza ela faz parte do desenvolvimento dele... com
481 certeza
482 **Ent:** ta... eu já até perguntei isso aqui... que era sobre o namoro...
483 relacionamento
484 **Mãe:** a Iara ela... ela sempre- - ela se intersa de mais... de mais por eles
485 entendeu? ela ama eles
486 **Ent:** ela me falou que eles vão final de semana para casa dela
487 **Mãe:** vão para lê virgem maria ele me diz
488 **Ent:** aí
489 [
490 **Mãe:** e outra coisa... ele é uma pessoa... apesar de ser - - eu tinha muita...
491 muito assim na adolescência dele se envolver com drogas por ele ser
492 surdo... que esse pessoal- - por que eles são mais assim ingênuo
493 entendeu... eu ficava com medo de gente ficar ensinando o que não
494 presta para eles... mais graças a deus deu tudo certo... ele vai sair...
495 se eu disser para ele chagar tal hora... ele chaga ... ele tem aquela
496 preocupação... ele sabe que eu estou aqui entendeu... e aí
497 **Ent:** ela me disse que
498 [
499 **Mãe:** ele fala para onde ele vai - - ele fala Franc. é assim ((fez um gesto))
500 por que a Iara tem os quadris grandes
501 **Ent:** é tem ((risos))
502 **Mãe:** aí eu já sei que ele está para casa da Francisca
503 **Ent:** a Iara disse que eles sempre vão para lá... e eu e perguntei assim
504 para ela Franc. e o teu marido? Por que eles vão...não com relação a
505 ser homem é por que
506 [
507 **Mãe:** mais o marido dela gosta deles que só também
508 [
509 **Ent:** então eles vão para lá... e ela disse... "ele gosta muito" ele faz é
510 brincar com eles
511 **Mãe:** é
512 **Ent:** aí eu aí que bom... por que é bom quando o marido aceita o trabalho
513 da gente assim e tal ...

514 **Mãe:** a Francisca é abençoada
515 **Ent:** então era mais sobre isso mesmo ... é por que agente anota várias
516 questões... mais conforme agente vai conversando vai respondendo
517 uma duas três de uma vê só
518 [
519 **Mãe :** é mesmo
520 **Ent:** por que a conversa ela fala muito mais que...
521 **Mãe:** pois é eu acho que todo mundo aceita ele aqui... só o pai dele que eu
522 acho... ele nunca disse- - ele gosta dele entendeu.... mais não é que
523 nem eu queria que fosse
524 **Ent:** o relacionamento pai e filho mesmo
525 **Mãe:** é
526 **Ent:** mais será que é por causa do problema de surdez?
527 **Mãe:** sei lá... eu tenho para mim que é ... por que se tu vê... ele é a maior
528 coisa com essa outra minha filha aqui... se acha que - - ele é
529 homem... você não acha que todo homem
530 [
531 **Ent:** todo homem o sonho é ter um filho homem
532 **Mãe:** então... ele não chama ele para ir em lugar nenhum ... ele nunca
533 levou ele em escola... ele nunca levou ele no futebol... ele não
534 conversa com ele... ele disse que é por que ele não fala... eu digo...
535 mais como é que ele fala comigo
536 **Ent:** humrum
537 **Mãe:** ele senta ali nós passa é hora conversando... ele fala assim ...
538 agente fica sorrindo... ele fica me ensinando... então isso aí tudo é
539 relacionamento
540 **Ent:** ele fica assim... ele acha que ele não pode ser relacionar com ele...
541 por que é aquela impossibilidade... como que eu vou fala com a
542 pessoa como que eu vou
543 [
544 **Mãe:** eu que tudo eu - - tudo bem que ele participou no dinheiro... mais
545 isso não- - até hoje ele joga
546 **Ent:** na cara?
547 **Mãe:** dizendo que não tem nada
548 [
549 **Ent:** gastou tan::to
550 [
551 **Mãe:** por que gastou muito com ele... mais não faz mais que tua
552 obrigação... que eu falo para ele... que não é só isso... tem o lado
553 afetivo... e tanta- - outro dia a psicóloga chamou ele lá ... e ele não
554 foi... que o Rodrigo fazia era desenho- - o Rodrigo teve uma época
555 que o Rodrigo... menino não sei o que foi que aconteceu que ele
556 chegou aqui e bateu no Rodrigo... o Rodrigo era menor ainda... ele
557 bateu no Rodrigo na frente dos colegas dele aqui... o Rodrigo ficou
558 todo rocho... foi nessa época que a Fra. ficou injuriada com ele ... ele
559 só fazia desenho mostrando que ia matar o pai dele... ele só falava
560 em matar o pai dele... no dia dos pais as vezes coisava aquele

negocio e perguntava se ele ia fazer lembrancinha ele dizia "ódio ...ódio" ele falava que estava com ódio do pai ... não podia falar no pai dele

Ent: eu to assim... eu to assim mesmo... que eu queria tanto conversar com o pai dele por que

[

Mãe: o pai dele se tu com versar com ele

[

Ent: por que assim

[

Mãe: se tu conversar com ele... ele é uma pessoa maravilhosa ... super comunicativo

[

Ent: não assim como é que ele cria um bloqueio assim

Mãe: eu não sei se é por que é o jeito dele

[

Ent: só por que

[

Mãe: como ele diz "os brutos também amam" por as vezes eu converso com ele... ele diz que os brutos também amam... não sei... se ele gosta dele para mim ele não demonstra

Ent: e nem para o Rodrigo?

Mãe: e nem para o Rodrigo... ele implica com tudo... assim até o jeito que ele senta... o jeito que ele come

Ent: ele criou assim um sei lá o que

Mãe: as vezes o Rodrigo- - uma vez o Rodrigo deixou de- - tava comendo na mesa - - que o Rodrigo come muito... bota muita comida no prato... ele não gosta ele é todo cheio de... engraçado que o Rodrigo quando era pequena só comia de talher... as vezes eu chagava em um restaurante... por que eu sempre viajei com ele muito sabe

Ent: humrum

Mãe: fazendo tratamento nele... o pessoal se admirava dele pequenininho... na mesa comigo comendo de talher... e agora só sabe comer se for de colher?

Ent: humrum

Mãe: coloca muita comida... e ele implica... só que não adianta mais

[

Ent: ele que ensinar

[

Mãe: só que quando está no meio de gente... ele come direito... ele não enche o prato de mais... come de talher... mais dentro de casa aqui ele

Ent: mais todo mundo quer ficar a vontade dentro de casa... eu mesma sou uma

Mãe: mais ele não ... se ele chagar e eu estiver bem aqui fazendo qualquer coisa... é assim o tempo todo... ninguém pode ficar a vontade... aí é

isso que... que ele ficava com raiva... e o Renan tinha que sair da mesa e comer bem ali fora

Ent: e ele ...já que as coisa que ele fala o Rodrigo não entende será

Mãe: entende

Ent: não ele o pai dele as vezes pode pesar isso que o que ele fala o Rodrigo não entende?

Mãe: nada ele fala é na cara dele mesmo... fala é para ele

Ent: não assim ele que ensinar as coisas e tal...desde pequeno e tal... será que ele não pensa... o que que adianta se ele não vai ouvir o que eu estou falando com ele se ele não vai entender

[

Mãe: pode ser também...

Ent: ele não diz (incompreensível)

Mãe: não ele não fala nada não ele só age... da maneira errada ... as vezes - - só melhorou mais por que agente fica falando... e agora que o Rodrigo - - só que o Rodrigo não tem raiva dele não... agora né que o Rodrigo já está adulto

Ent: humrum

Mãe: mais sempre teve esse negocio... eu acho que no fundo... no fundo ele nunca aceitou que ele era surdo

Ent: ((agradecimentos))